



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E  
TERRITÓRIO

**ANNA FLÁVIA MARTINS DUARTE**

**A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TOCANTINÓPOLIS  
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS: UMA COMPREENSÃO  
ACERCA DO ACESSO E USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS.**

**ARAGUAÍNA – TO  
2020**

**ANNA FLÁVIA MARTINS DUARTE**

**A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TOCANTINÓPOLIS  
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS: UMA COMPREENSÃO  
ACERCA DO ACESSO E USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares de Cultura e Território como requisito à obtenção do grau de Mestre em Estudos de Cultura e Território.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Kênia Gonçalves Costa.

**ARAGUAÍNA – TO  
2020**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

D8121 DUARTE, ANNA FLÁVIA MARTINS.  
A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM  
TOCANTINÓPOLIS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS::  
UMA COMPREENSÃO ACERCA DO ACESSO E USO DE TECNOLOGIAS  
DIGITAIS. / ANNA FLÁVIA MARTINS DUARTE. – Araguaína, TO, 2020.  
165 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins  
– Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)  
em Estudo de Cultura e Território, 2020.

Orientadora : Kênia Gonçalves Costa

1. Educação do Campo. 2. Tecnologias Digitais. 3. Tocantinópolis. 4.  
Universidade Federal do Tocantins. I. Título

**CDD 306**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ANNA FLÁVIA MARTINS DUARTE

**A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM TOCANTINÓPOLIS  
NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS: UMA COMPREENSÃO  
ACERCA DO ACESSO E USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGult) da Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Araguaína, como requisito parcial para obtenção do título de mestre<sup>1</sup>.

Data de Aprovação **09/04/2020**

Banca examinadora:



Profª Drª Kênia Gonçalves Costa, UFT



Prof. Dr. Braz Batista Vaz, UFT



Profº. Drº. Harley Silva – Facecon - PPGE-UFPA

---

<sup>1</sup> Em consequência da pandemia decorrente do novo Coronavírus (COVID-19), e considerando as orientações contidas na Portaria GAB/REITOR nº 225 de 23 de março de 2020 que versa sobre a pandemia mencionada e estabelece orientações protetivas para seu enfrentamento, considerando, ainda, a Portaria GAB/REITOR nº 238 de 25 de março de 2020 que altera o Art. 57, § 3º da Resolução Consepe Nº 09/2018 que traz em seu texto

“A Defesa de dissertações e teses, em casos excepcionais, poderão ocorrer com todos os membros (internos e externos), inclusive orientador (a) e orientando(a), à distância, com a anuência da coordenação do curso”, o PPGCULT resolve realizar as bancas de Defesa de Dissertação à distância (ambiente virtual), como forma de proteger a saúde de todos os envolvidos, enquanto perdurar esse quadro emergencial de saúde pública.

## AGRADECIMENTOS

A Deus criador do universo e autor da vida que me presenteou com essa oportunidade que eu tanto pedi a Ele.

Aos meus pais Ailton Pereira Duarte e Iêda Martins Ambrósio Duarte que acreditaram em mim e eu tenho muito orgulho deles. Fiz muitas linhas aqui pensando neles que foram minha força para continuar. Não tenho palavras, não teria conseguido nada nisso sem o apoio deles. Se eu pudesse, colocava o nome deles na capa. São meus heróis. Amo muito. Quero ir mais longe por eles.

Agradeço também ao meu esposo Hugo Marinho pelo companheirismo e que inclusive me acompanhou nas viagens à Tocantinópolis, parte desse percurso passei grávida, mas feliz por alguém se esforçar junto comigo por um objetivo que era meu, mas passou a ser nosso, quando casamos.

Ao meu filho Álvaro que mesmo pequenininho me deu uma coragem muito grande para continuar. Te amo filho!

Agradeço a minha irmã Maria Teresa Martins que me dá muito apoio quando a gente troca ideias.

Aos meus líderes espirituais pelas orações.

À minha orientadora Kênia Gonçalves Costa por me acompanhar nessa jornada, pelas ideias e contribuições nessa pesquisa.

À minha avó Maria de Jesus Martins, ex-aluna desta mesma instituição, a primeira da família a se formar e assim, dando exemplo para a família de qual o melhor caminho para uma sociedade mais justa e que a educação é um direito nosso. Sou grata pela vida de todos da minha família materna pelo apoio moral que tenho recebido: minhas quatro tias pelo cuidado, seus respectivos esposos e meus/minhas primos/primas. Amo muito eles.

Em minhas memórias estão meus avós paternos a quem eu tive o prazer de ter na minha infância e pré-adolescência e aprendi muito com eles, a perseverança da minha avó Terezinha Pereira Duarte (*in memorian*) e a insistência positiva do meu avô Hélio do Santos Duarte. (*in memorian*). Agradeço aos meus tios/tias paternos/nas que amo demais.

Agradeço à minha sogra Luzenir Lino Marinho pelo companheirismo de sempre. Obrigada por ajudar quando precisei ir para Tocantinópolis em função dessa dissertação, agradeço a Deus por fazer parte da família progenitora do meu esposo que me recebeu de braços abertos, incluindo o pai do meu esposo Raimundo Vargas da Silva (*in memorian*)

que não cheguei a conhece-lo mas que tem uma história de vida inspiradora de dedicação e estudos (uma das coisas que meu esposo mais fala dele, é de sua paixão pela leitura). Seu atual esposo, uma pessoa maravilhosa, me levou para Tocantinópolis em uma das vezes que precisei coletar dados para a minha pesquisa. Muito obrigada por me ajudar.

Que meu filho quando conhecer sua parentela se sinta inspirado em seguir os passos da família e estudar muito, fazendo a diferença no meio que o rodeia sendo um exemplo a ser seguido para a sua geração, pois a dedicação aos estudos tem um valor muito alto e é inegociável.

Aos meus colegas de trabalho em nome da pessoa da Cleriene por compreender que estudar e trabalhar ao mesmo tempo não é fácil, e que ainda sim, me incentivou a continuar.

Adailton Silva e Vagner Leite, aquele “empurrãozinho” inicial e o incentivo que vocês me deram para eu começar a pesquisa, eu jamais irei esquecer.

A todos que torcem por mim, obrigada amigos/amigas.

Agradeço!

## RESUMO

A consolidação da Licenciatura em Educação do Campo se tornou realidade através de lutas e conquistas. As pessoas que vivem no campo e seu processo educativo nem sempre tiveram visibilidade o tanto quanto deveria. E hoje a Universidade Federal do Tocantins é uma das instituições de ensino superior que possui o curso de Licenciaturas em Educação do Campo, que o efetivou-se através do Edital 02/2012-MEC/SECADI (BRASIL, 2012), integram ensino, pesquisa e extensão e promovem a valorização da Educação do Campo. O curso pesquisado ocorre no campus de Tocantinópolis. Por muito tempo os indivíduos do campo tiveram acesso limitado, foram considerados atrasados ou retrógrados devido suas especificidades na construção do conhecimento e suas relações espaciais, econômicas, culturais e ambientais. Esta pesquisa busca quebrar esse paradigma e como hipótese mostrar o quão rico pode ser o território dos saberes/conhecimento camponês/indígenas/quilombola/ e levar em consideração a importância destes saberes/conhecimentos para universidade como parte de sua formação. A pesquisa segue um caminho, partindo da história, seguida do percurso de criação do curso até embarcar nas experiências atuais dos/das discentes e docentes em relação às tecnologias. Investigou-se quais as tecnologias são identificadas e levadas por/pelas estudantes e professores/as ao longo da trajetória acadêmica.

**Palavras Chaves:** Educação do Campo; Tecnologias; Artes e Música; UFT-Tocantinópolis

## RESUMEN

La consolidación de la licenciatura en Educación del Campo se concreta a través de luchas y conquistas. Las personas que viven en el campo y su proceso educativo no siempre han sido tan visibles como deberían ser. Y hoy, la Universidad de Tocantins es una de las 40 instituciones de educación superior que tienen el curso de Licenciaturas en Educación en el Campo, que se llevó a cabo en dos campus (Tocantinópolis y Arraias) a través del Aviso 02/2012-MEC/SECADI (BRASIL, 2012), integrar la enseñanza, investigación y extensión y promoción de la valorización de la educación del campo. El curso que se cubrirá aquí es en el campus de Tocantinópolis. Por mucho tiempo los campos tenían acceso limitado y fueron lanzados como retrogradados, por sus especificidades en la construcción del conocimiento y sus relaciones espaciales, económicas, culturales y ambientales.. Esta pesquisa busca romper este paradigma y como una hipótesis para mostrar cuán rico puede ser el territorio de los saberes/conocimiento campesino/indígena/quilombola y tener en cuenta la importancia de este saber/conocimiento para la universidad como parte de su formación. La investigación sigue un camino partiendo de la historia, seguido por la jornada de creación de un curso para embarcar en las experiencias actuales de los profesores en relación a las tecnologías. Se investigó qué tecnologías son identificadas y tomadas por / por estudiantes y profesores a lo largo de la trayectoria académica.

**Palabras Claves:** Educación del Campo; tecnologías; Artes y Música; UFT - Tocantinópolis

## LISTAS DE SIGLAS

APA-TO - Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins

CH - Carga Horária

CNEC - Congresso Nacional de Educação do Campo

CPT - Comissão Pastoral da Terra

EAD - Ensino à Distância

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFES - Instituições Federais e Ensino Superior

IFET - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MEC - Ministério da Educação

PIB - Produto Interno Bruto

PPC - Projeto Pedagógico do Curso

PPGCult - Programa de Pós Graduação em Cultura e Território

PRONACAMPO - Programa de Apoio a Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo

SECADI - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SESU - Secretaria de Educação Superior

SETEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

TICs - Tecnologia da Informação e Comunicação

UFT - Universidade Federal do Tocantins

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Lista de Figuras

Figura 1	Eixos temáticos principais	19
Figura 2	Principais subeixos e seus temas	20
Figura 3	Mapa do Brasil com ênfase na região da Amazônia Legal	43
Figura 4	Jumentos com carregamento de água em Tocantinópolis – TO	46
Figura 5	Rio Tocantins	48
Figura 6	Diocese de Tocantinópolis	49
Figura 7	Nossa Senhora da consolação	49
Figura 8	As espacialidades dos discentes	54
Figura 9	A espacialização brasileira dos cursos de Educação do Campo	78
Figura 10	“Mão de pilão”	89
Figura 11	Borduna	94
Figura 12	Kibano	94
Figura 13	Exemplo de forno para produção de farinha	96

### Lista de Quadros

Quadro 1	Tecnologias Analógicas e Digitais	74
Quadro 2	Cursos existentes de Educação do Campo no território nacional	99
Quadro 3	Relação Teoria e Prática observado em campo	101
Quadro 4	Questionário dos discentes(respostas)	125

### Lista de Gráficos

Gráfico 1	Total de vezes que o item foi mencionado	123
Gráfico 2	Estudantes com computador ou notebook	124

## SUMÁRIO

<b>1) CAMINHOS TRILHADOS E COMPREENSÕES PILARES DA PESQUISA</b>	<b>12</b>
Objeto, Região, Atores e Metodologia	16
<b>2) APONTAMENTOS ACERCA DA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE</b>	<b>23</b>
Reflexões acerca da hegemonia educacional entre campo e cidade	26
<b>3) A TECNOLOGIA EM QUESTÃO</b>	<b>29</b>
Técnicas e Tecnologias: Um olhar na ancestralidade	29
Tecnologia - Entre conceito e percepção	31
Tecnologia e suas Ondas Históricas	34
Tecnologia e Educação: entre meios	36
<b>4) CULTURA E TERRITÓRIO: APROXIMAÇÃO COM OS/AS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E COM O CURSO</b>	<b>42</b>
História de luta e resistência na região do Bico do Papagaio às margens do rio Tocantins	42
Tocantinópolis como lugar e território	46
O/A estudante de Educação do Campo, Grupos Representados e desafios	52
As Espacialidades dos Discentes	57
A Pedagogia da Alternância no Curso de Educação no Campo	60
A Pedagogia da Alternância	60
Tempo Comunidade e Tempo Universidade: Diálogos com a cultura	62
A Licenciatura em Educação do Campo como conquista (contexto geral)	68
A Licenciatura em Educação do Campo como conquista (contexto local)	79
Perfil Docente, os Grupos Representados, Atuação dos Docentes	82
Riscos e Desafios docentes	84
<b>5) TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS CONEXÕES INTERDISCIPLINARES</b>	<b>86</b>
Pontos a considerar	86
Percepções de Tecnologia (digital ou não): O que dizem os/as estudantes de Educação do Campo	87
Diálogos a partir de Análises Realizadas na Observação em Campo	101
Aula 1: Oitavo período – manhã	103
Aula 2: Quarto período - tarde	105
Aula 3: Segundo período - manhã	108
Aula 4: Oitavo período: manhã	112
Aula 5: Quarto período - tarde	115
Aula 6: Sexto período - manhã	119
<b>6) ENCAMINHAMENTO PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>123</b>
Resultados obtidos através dos Questionários Com Os Estudantes	123
<b>7) CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>131</b>
<b>8) REFERÊNCIAS</b>	<b>134</b>
<b>9) APÊNDICES</b>	<b>140</b>
<b>10) ANEXOS</b>	<b>145</b>

## 1 CAMINHOS TRILHADOS E COMPREENSÕES PILARES DA PESQUISA<sup>2</sup>

A abordagem aqui realizada trata-se de expectativas prévias (antes do campo), a primeira transformação em contato com uma realidade empírica descrita por outros (o campo antes da pesquisa) e as condições objetivas do encontro entre "pesquisador-campo"(WEBER E BEAUD, 1997).

Ao obter meu primeiro celular em 2004 grandes questionamentos acerca da Tecnologia me incomodada. Esse tipo de pensamento me rodeava e rodeia até hoje quando vejo algo novo. Acho incrível quando estou perto de alguém com o celular conectado à internet -através do serviço de geolocalização do Google - aparece uma notificação no celular: “Você conhece “fulano”? Deseja adicionar à sua lista de amigos?”. Estudar em uma área da Tecnologia, da criação, da comunicação e da informação, passa a ser também uma realização de infância.

A tecnologia desenvolveu-se tanto quanto a minha curiosidade. Hoje trabalho possibilitando essa interação, a comunicação e promovendo o acesso das tecnologias para alunos/as, professores/as e o administrativo da UFT.

Uma situação que ficou marcada na minha mente, foi no ano 2000~2001 na capital do Tocantins, revoltei-me, ainda criança quando senhores que moravam próximo ao rio Tocantins, em chácaras, tiveram que sair de suas casas, de seu conforto para dar espaço ao lago que estava se formando em Palmas com interferência do homem. Comecei a perceber que existia na sociedade pessoas mais desfavorecidas e com poucas oportunidades que tiveram que sair de seus lares para dar lugar ao lago que iria favorecer os grandes negócios da nova capital que estava em desenvolvimento. Antes do lago inundar aquele ambiente familiar as pessoas se lamentavam por ter que sair de seus territórios e ir morar dentro do perímetro urbano de Palmas – TO sem que elas tivessem escolhido isso. Apesar de ser muito nova para esse tipo de senso crítico, ele foi iniciado na observação do fato e (re)construído ao longo do tempo. E aqui estou, estudando pessoas do campo, pessoas que vivem em resistência social e política.

Estudei em duas instituições federais públicas (IFTO e UFT) e fui bolsista PROUNI. Meu primeiro contato com a UFT, ambiente dessa pesquisa, foi em Araguaína-TO cursando Letras. Tive meu primeiro contato com a pesquisa científica.

Paralelamente à noite estudava em outra instituição universitária como bolsista Prouni, logo em seguida veio meu primeiro emprego: Instrutora de Informática no SENAC-TO. Optei por focar no curso que seria uma continuação do técnico e complemento do meu emprego como

---

<sup>2</sup> Trabalho normatizado pela resolução n. ° 36/2018 (UFT,2018)

instrutora de informática.

Em outubro de 2015 tomo posse em Tocantinópolis-TO como servidora Técnica Administrativa no setor de Tecnologia da Informação. A UFT é uma instituição que eu confio e já conhecia como aluna, e imaginei o quanto seria gratificante estar contribuindo com ela através do meu serviço. Além disso, Tocantinópolis é uma cidade perto de Araguaína.

No início fui chamada de “menina da informática” talvez pela placa na porta do meu setor escrito “INFORMÁTICA”. Não me considero a apenas “menina da informática” dentro da totalidade do meu trabalho. Na verdade, todos nós somos, independente do que estamos fazendo, ou da sua função na UFT, estão sendo “os meninos da informática”, pois todos utilizam a informática dentro das suas respectivas atribuições. Os servidores antes de entrar na universidade fizeram uma prova com questões de informática. Professores/as, Técnicos/as e Alunos/as (por isso o motivo de fundamentar meu projeto de pesquisa no contexto do curso de Educação do Campo da UFT em Tocantinópolis) também são “os meninos da informática”, pois eles utilizam computadores, laptops, cabos (HDMI ou VGA), data show, diversos softwares, aplicativos de escritório, smartphones diariamente, possuem diversas formas de acessar a internet então posso afirmar que da forma como o cotidiano está inserido na “era da informação”, somos “todos da informática”. E eu com o meu parceiro somos os que contribuem e possibilitam para que todos os que estão dentro da UFT sejam os tais “meninos da informática”. “Mas os alunos/alunas dominam mesma a informática?”. Houve esse questionamento. Foi quando pensei em montar um projeto a respeito.

Percebi que há uma necessidade de investigação na da temática que aqui abordo. Estudei em uma turma atuante nos recursos digitais, com professores/as que ministravam aulas com esses recursos e alunos/as que utilizavam estes. Mas no meu local de trabalho (Universidade Federal do Tocantins), existem recursos tecnológicos para otimização do tempo e qualidade da aula, dentro e fora da universidade. E percebi que nem sempre é o que acontece. Somente alguns estudantes sabem tirar proveito de tais recursos e outros não conseguem acompanhar o mesmo ritmo utilizando os recursos.

Então pensei na possibilidade de estudar algo a respeito disso e as perspectivas desses/as alunos/as diante do processo acadêmico a qual estão inseridos. O mestrado interdisciplinar de Estudos em Cultura e Território está sendo um momento ideal para essa investigação. Pois o fato de ser interdisciplinar possibilitou que esse estudo fosse realizado por uma pessoa que trabalha e é formada na área como eu, em Sistema de Informação.

O curso de Educação do Campo, chama atenção na comunidade por trabalhar com Artes e Música, e chamou a minha também. É encantador a chegada de estudantes com o violão em

uma mão ou nas costas e o material escolar na outra. No intervalo das aulas, via-os treinarem as atividades práticas musicais ao longo dos corredores do Campus Universitário

Meu primeiro contato com professores/as do curso de Educação do Campo foi assim que eu entrei como servidora na UFT. Eu sentia um aumento na demanda de atendimentos “*Help-Desk*” quando era época de aula no curso, pois, em períodos alternados, eram a cada 15 dias. De acordo com Oliveira (2016, p.106), há dentro do curso de Educação do Campo, em Tocantinópolis:

A diversidade do homem e da mulher do campo foi bem representada por indígenas do grupo Apinayé, Quilombolas, assentados e assentadas da reforma agrária, professores e professoras de comunidades rurais, jovens vindo de famílias da agricultura, da pesca, quebradeiras de coco babaçu que vivem do extrativismo, das cidades e vilas da região.

Posteriormente as aulas passaram a ser durante 4 diferentes meses do ano sendo 2 meses com 30 dias e 2 meses com 15 dias corridos. Os/as professores/as utilizam bem os recursos disponibilizados pela T.I e pela administração do campus. Alguns alunos utilizam o Laboratório de Informática (LABIN) no intervalo entre um período e outro de aula. Meu setor de trabalho é próximo ao LABIN e frequentemente vou lá, pois as máquinas precisam de uma observação constante para garantir o seu bom estado. E nessas idas percebi que alguns/algumas alunos/as do curso de Educação do Campo estavam navegando na internet com a ajuda de uma mocinha branca e bem delicada com desenhos indígenas espalhados pelo corpo (um costume do Campus no meio acadêmico, pois um aluno diariamente se instala na cantina trocando um desenho na pele por 1kg de alimento e um indígena quase que diariamente faz os desenhos sob condições parecidas). Seria uma menina que naquele momento estava sendo influente?

A categoria dominante é a primeira a adotar a nova tecnologia, usando essa vantagem para aumentar o poder em seu relacionamento com a categoria dominada. As diferenças – que não são necessariamente desigualdade – facilmente evoluem para discriminações, quando o relacionamento é estruturado em torno de vantagens e privilégios (DEMO, 2007, p. 13).

Em contrapartida a essa afirmação, dialogando com Demo (2007), um dos questionamentos feitos foi se há algum tipo de nivelamento de combate a essas diferenças dentro da Universidade de modo a formar futuros/as professores/as da Educação do Campo dentro da categoria dominante destacada? A menina, ainda que colega de curso dos demais estudantes pareciam estar nessa categoria dominante de Demo (2007), mas e os/as demais?

Eu tive um encontro com algumas publicações de Pedro Demo e achei importante a articulação que ele faz entre tecnologia e aluno/a. Percebi que a turma era dividida em grupos

simbólicos e não percebiam isso. Um texto de nome: “Marginalização Digital: Digital Divide” foi o artigo que fundamentou a ideia central do meu projeto, pois encontrei algumas respostas e algumas dúvidas que foram as problematizações. Através do texto de Demo (2007) percebi que não existem excluídos digitais no meio acadêmico da universidade e sim, marginalizados. Pois eles têm acesso e estão próximas à tecnologia disponível na universidade, porém alguns/algumas alunos/as estão marginalizados a ela enquanto outros utilizam para o bom proveito do percurso acadêmico.

Entre construções e desconstruções, observei a turma de Educação do Campo no dia a dia de trabalho de uma maneira diferente. Passei a ter contato com alguns estudantes e professores do curso que me ajudaram, me deram livros, indicações de artigos. E assim, fui construindo o trabalho. E conseqüentemente, a entrada da Educação do Campo nas minhas experiências por meio desta pesquisa, tem contribuído para a minha a minha visão crítica de mundo sob uma perspectiva que outrora não tinha. Ao longo de vinte e quatro meses, já nas últimas observações para esta pesquisa, percebi que o fato de serem “alunos e alunas do campo”, não são justificativas para a marginalização digital, e que as tecnologias estão sendo utilizadas, dentro daquilo que está ao alcance deles. As salas de aulas que encontrei, não vi diferenças significativas em sala, por exemplo, com a minha turma da graduação quando cursava Sistema de Informação.

Vi estudantes da licenciatura em Educação do Campo utilizando as mesmas coisas que eu e meus amigos utilizamos na graduação, o que diferenciava, era a quantidade (quase que total) de pessoas em sala utilizando e a frequência, enquanto na licenciatura em Educação do Campo de Tocantinópolis a utilização de recursos digitais e não digitais estavam bem divididas: Uns sim, outros não.

Além de Pedro Demo, outros autores também foram ideais no posicionamento do projeto.

Precisava fundamentar o projeto na territorialidade que é uma das propostas do PPGCult. Na concepção de território o edital sugeriu Claude Raffestin que trata da geografia do poder, poder político e a geografia que o autor enfoca os conceitos espaciais. Naquele momento foi uma leitura nova e ainda não tinha muita consciência do que poderia fundamentar meu projeto dentro da perspectiva de Raffestin. Encontrei então outro autor que estava focado mais no sujeito dentro do território. Outro autor Marcos Aurélio Saquet falava em TDR — Territorialização, Desterritorialização, Reterritorialização — do sujeito e isso podem ser uma das respostas das perguntas sobre os/as alunos/as do campo em um ambiente diferente do habitual. Confiei em Saquet, pois seria um bom início para falar de territorialidade dentro do

meu projeto ainda em construção.

Dentro daquilo que eu mesmo me questionava diariamente, do que eu observei da aluna no LABIN<sup>3</sup> que ajudava outros/as estudantes do curso de Educação do Campo a navegarem na internet e outros questionamentos que eu mesma me fazia, concluí que deveria estudar algo que iria contribuir na minha função como Técnica em Tecnologia da Informação da UFT. E também aos/as alunos/as dessa instituição bem como professores/as.

É importante conhecer a construção do conhecimento no curso de Educação do Campo, suas metodologias e especialmente os/as atores/atrizes, ou seja, os/as discentes, de forma a compreender o seu perfil, sua procedência, e quais são as suas dificuldades em relação ao uso das tecnologias na faculdade e de que forma isso evidencia o seu empoderamento (ou não) e se os prejudicam (ou não) como futuros/as professores/as do campo.

Algumas questões norteiam a investigação e levam em consideração a expectativa da pesquisa:

- a) Os recursos tecnológicos oferecidos pela universidade estão sendo aproveitados de forma produtiva e satisfatória de modo a otimizar o ganho de conhecimento?
- b) Há alguma formação para realizar nivelamento digital dentro da Universidade?
- c) Ainda na Universidade, há indícios de empoderamento por meio de conhecimento digital?
- d) Quais conhecimentos sobre tecnologia os/as alunos/as já possuem antes do ingresso na vida acadêmica?
- e) Quais conhecimentos os/as acadêmicos/as da UFT (em especial os/as alunos/as do curso de Educação do Campo) precisam ter para conseguir desenvolver as competências necessárias para realizar satisfatoriamente seus estudos?

Essas foram às perguntas iniciais ao pensar a Educação do Campo do campus de Tocantinópolis - TO. Para construção desta pesquisa havia outros elementos a se definir como: objeto, região, atores e como realizar, assim qual metodologia a ser utilizada.

### **1.1. Objeto, Região, Atores e Metodologia**

Diante de um contexto atual onde a tecnologia está presente em tudo, ou quase tudo e domine em um sentido global, existem pessoas que, mesmo nos grandes centros ou em cidades

---

<sup>3</sup> Laboratório de Informática da Universidade Federal do Tocantins aberto e disponível durante os três turnos na época da pesquisa.

— lugares onde o domínio da tecnologia é frequente— não têm acesso frequente ao uso das tecnologias, quer seja de um celular ou um notebook, por exemplo. Esse fato pode ser visto entre acadêmicos/as do curso de Educação do Campo do campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins, ambiente dessa pesquisa.

Com esta investigação verificou se as condições de acesso e uso das tecnologias digitais disponibilizadas a esses/essas alunos/as produzem os efeitos necessários ao seu empoderamento como acadêmicos/as capazes de lidar autonomamente com essas tecnologias e tirar delas efetivo proveito no curso que escolheu.

A pesquisa<sup>4</sup> pretende ao longo dos capítulos tratar acerca do curso de Licenciatura em Educação do Campo e seus/suas estudantes na qual foram entrevistados/as. O curso, objeto de interconhecimento dessa pesquisa, está na Universidade Federal do Tocantins campus de Tocantinópolis com aproximadamente seis anos de história. A necessidade da presença de tecnologia digitais para com a comunidade acadêmica foi levando em consideração na percepção do curso que idealizou o tema central desta investigação. Foi dialogado com várias alternativas diante da perspectiva sobre qual seria o título, porque ao longo das análises muitas informações foram consideradas. O título que anteriormente se confere nas *“Condições de Acesso e Uso das Tecnologias do Campus de Tocantinópolis Por Acadêmicos do Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins”*, foi o encontro das ideias onde pretende-se retratar de maneira mais aproximada, o redirecionamento da pesquisa. Com os encaminhamentos dos próximos capítulos admitiu-se o título de: *“A licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Tocantins em Tocantinópolis: Uma compreensão acerca do acesso e uso de tecnologias digitais.”*

O objetivo geral foi conhecer e descrever os efeitos produzidos pelas técnicas e tecnologias que são apreciadas pelos/as acadêmicos/as do curso de Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis) em seu processo de formação, seja dentro da universidade ou na comunidade.

O curso sempre propõe uma sincronia entre os saberes que partem da universidade e os saberes a partir da comunidade/vivência do/a estudante de Educação do Campo. Os três objetivos específicos trataram de:

- identificar o uso das tecnologias digitais dos/das estudantes e o seu impacto na vida acadêmica;

---

<sup>4</sup> Anexo 01: Parecer de Aprovação do Conselho de Ética, Apêndice 3 é o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento também atendendo as solicitações para esta pesquisa.

- caracterizar o curso de Educação do Campo verificando se as condições gerais permitem e possibilitam os discentes desenvolverem as habilidades necessárias para realizarem as suas atividades com as tecnologias digitais;
- analisar e descrever os efeitos no desenvolvimento dos/das estudantes em virtude do uso das tecnologias digitais.

Para atender ao primeiro objetivo específico foi feito um questionário (Apêndice 1) quantitativo para os/as discentes. O questionário estava voltado às tecnologias digitais. A entrevista estruturada com base qualitativa aplicada com docentes e discentes<sup>5</sup> contribuiu para à percepção do/a acadêmico/a em relação às tecnologias, em relação à sua percepção no curso e para atender o segundo e terceiro objetivos específicos.

Participaram da pesquisa 17 (dezesete) estudantes do curso de Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis) de vários períodos/estágios. Não cabe aqui identificar quais os períodos exatos eles se encontram porque ao longo desta pesquisa alguns avançaram o período outros até concluíram sua formação. Para chegar a estes/as estudantes o critério foram: Ser estudante de educação do campo vinculados/as regularmente no curso em Tocantinópolis; estar no período do tempo universidade e estar em ambiente acadêmico no momento interrogatório. As primeiras aproximações com os/as primeiros/as estudantes para participarem foi através da permissão de um professor que havia consentido a pesquisa e liberou dois dos alunos que estavam em sua aula, uma outra foi convidada por estar em ambiente externo à sala de aula. Outros (a maior parte) em um outro momento foram convidados à participação quando se encontravam no alojamento (que fica nas dependências da instituição).

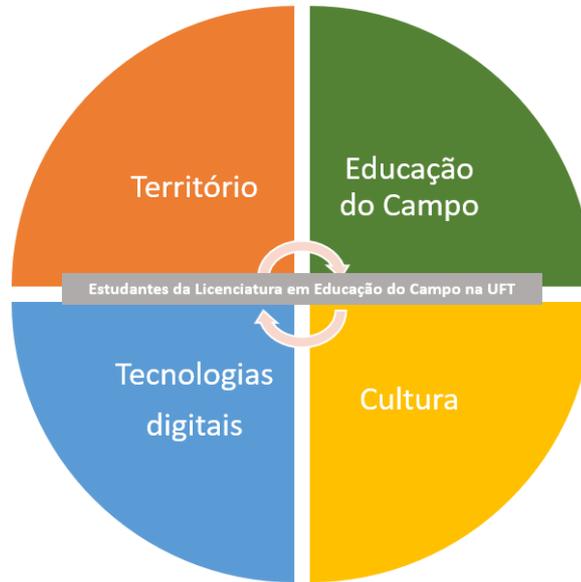
Além da literatura, livros e documentação acerca do tema, foi estudado também, para a pesquisa, o mapa político regional do Tocantins e região, dados do MEC, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Sistema de Informação da universidade (SIE - SISTEMA DE ENSINO). Mas a participação dos/as estudantes através dos registros ao longo desse processo foi fundamental para o resultado porque foi possível perceber com suas palavras um pouco de seu percurso estudantil com a presença de tecnologias digitais, nesta pesquisa. O questionário quantitativo estava voltado às tecnologias digitais, enquanto o qualitativo, voltado à percepção do/a acadêmico/a em relação às tecnologias, seja analógica ou digital. A faixa etária dos/as participantes e perfil dos/as estudantes estão diversificados/as, pois no curso de Educação do Campo, existem estudantes das mais variadas idades, e isso permite entender a pluralidade do curso.

---

<sup>5</sup> Apêndice 1: Questionário com os/as discentes

O esquema a seguir (Figura 1), pontua os pilares nos quais partiu nossa pesquisa e em seguida, na figura 2, os respectivos autores que orientaram os conceitos que norteiam o percurso. Por traz de cada texto, tangenciam as seguintes noções:

**Figura 1: Eixos temáticos principais**



Fonte: Autora, 2020

Os temas intercalaram-se entre os capítulos: Os sujeitos encontrados, em grande parte possuem características que identificam-se com o público alvo pretendido do curso (estudantes que moram e pretendem trabalhar em escolas do campo) e também com a sua modalidade (Pedagogia da Alternância: uma modalidade que alterna os horários das aulas flexibilizando as idas diárias convencionais da academia), porque parte dos/das alunos/as que protagonizaram essa pesquisa, são de fato, estudantes no/do campo. Por isso para a compreensão da licenciatura em questão e seus estudantes, um dos pilares principais é a “Educação do Campo” que foi dialogada em boa parte com a produção vinda dos docentes do próprio curso (SILVA *et. al*, 2016). Outrossim, considerando que o objeto de pesquisa – estudantes da licenciatura em Educação do Campo, são sujeitos sociais e que esses sujeitos são frutos de aspectos culturais em que estão inseridos, a “cultura” e seus relacionamentos foram determinantes na pesquisa. A escolha de Geertz (1978) para nos esclarecer a cultura definida pela sua visão antropológica. Na tentativa de entender comunidades e meios sociais, recorreremos à cultura a partir de um antropólogo que tem uma visão social a fim de entender seres humanos.

As relações sociais dimensionam as relações de poder político, social e econômico que se manifestam através do tempo, sendo conceitos fundamentais para se compreender a

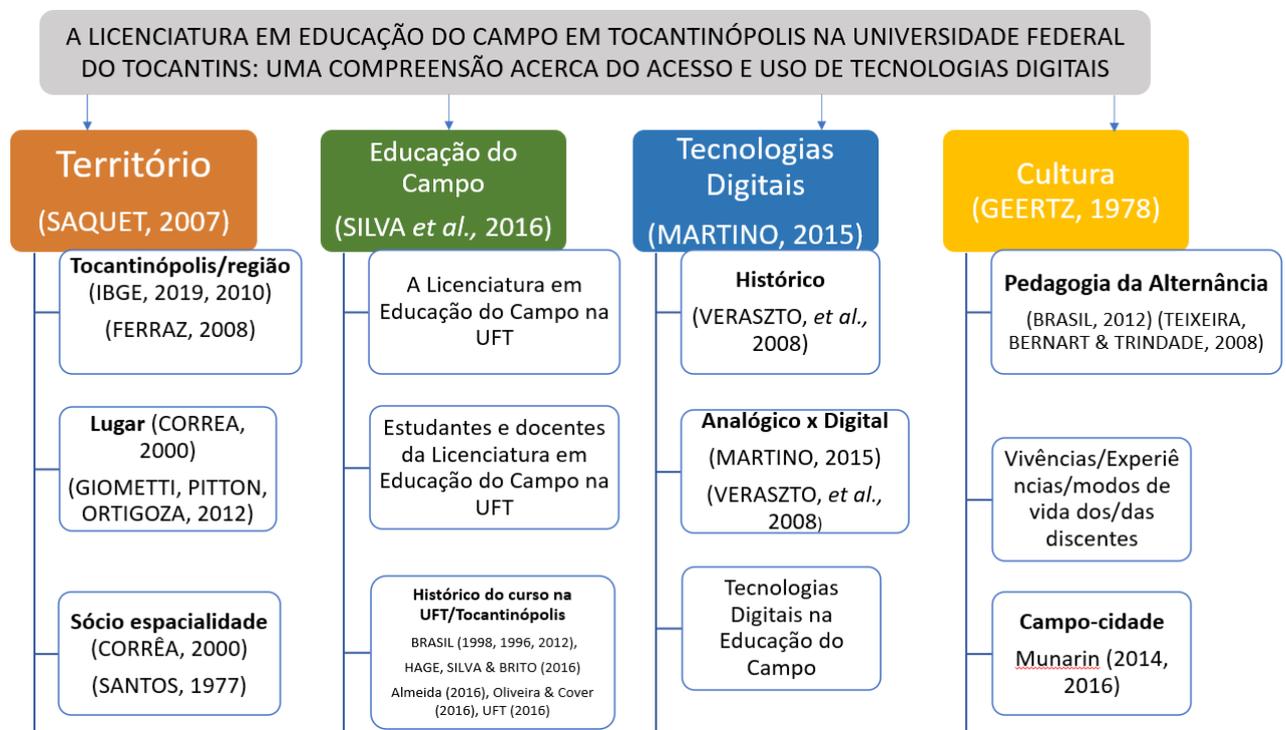
constituição do território e da territorialidade e também das diferenças e desigualdades (VALE, SAQUET & SANTOS, 2005). Saquet (2007) contribuiu ao considerar cientistas importantes que correlatam uma série de abordagens territoriais. Buscou-se o entendimento de “território” nas ciências sociais, a partir das relações de poder político, social e econômico.

Considerando a importância da interdisciplinaridade dentro da pesquisa, as tecnologias digitais foram mencionadas partindo de Martino (2015), que apresenta um manual onde discutido a tecnologia digital sob vários olhares. As Tecnologias digitais, é um dos conceitos principais que engrenaram e motivaram essa pesquisa.

Saquet (2007) fala que todo conceito tem uma história, seus elementos e metamorfoses; tem interações entre seus componentes e com outros conceitos (p.13). Assim, partindo desses quatro eixos principais, desdobraram-se outros subtemas. E além dos temas complementares que ajudaram a entender e fazer a interconexão entre as estruturas para que sejam alcançados os objetivos.

O dividindo-se em subeixos onde foram tratadas as seguintes perspectivas:

**Figura 2: Principais subeixos e seus temas**



Fonte: Autora, 2020

Essas foram as dimensões secundárias alcançadas ao longo dessa pesquisa, que perpassando entre eles, ajudaram a compreender a abordagem feita para relacionar os estudantes da licenciatura em questão, com o campo e com as tecnologias digitais.

Ainda no capítulo com o título: APONTAMENTOS ACERCA DA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE, iniciamos com uma visão inicial da relevância do campo e os processos perpassados para a realidade atual.

No capítulo CULTURA E TERRITÓRIO: APROXIMAÇÃO COM OS/AS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E COM O CURSO, abordamos a noção de territorialidade dentro da perspectiva da região de Tocantinópolis: O chamado Bico do Papagaio, com exceção das regiões que pertencem as comunidades quilombolas que não estão na região mencionada mas que possui estudantes do curso aqui abordado e estão dentro do território político tocantinense. Aas diversas cidades, levam a adotar a pedagogia da alternância que será explorada nesse capítulo e explicando como funcionam as atividades do curso dentro dessa perspectiva. Os grupos, atuação e os atores que integram o corpo docente e discente do curso também é apresentada. Ainda nesse capítulo comenta-se o início da construção do curso de Licenciatura em educação do campo tanto em um contexto geral, seguido do contexto local, ou seja, o curso na Universidade Federal do Tocantins no campus de Tocantinópolis, objeto desta pesquisa. É importante lembrar que apesar de serem criados dentro da mesma oportunidade e na mesma universidade, há um curso de licenciatura em Educação do Campo na UFT em Arraias-TO mas não é o foco desta pesquisa e não foi estudado aqui.

Partindo do título: TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS CONEXÕES INTERDISCIPLINARES, inicia-se com um esquema listando a ordem cronológica de acontecimentos históricos importantes que resume em poucas linhas os capítulos anteriores e antecede o próximo capítulo. Partindo das perspectivas dos textos foram analisados a fala de alguns/algumas estudantes acerca de sua comunidade para que seja identificado o sentido da tecnologia que eles apresentam dentro da metodologia desta pesquisa. Para preservar a identificação dos/das participantes, o nome escolhido para caracterizar cada estudante está relacionado ao local de residência (Chácara1, Assentamento1, etc.), no caso dos/as professores/as, a ordem em que foi entrevistado/a (Professor1, Professor2).

Em seguida, a análise feita nas salas de aula do curso na UFT deixou algumas evidencias que foram exploradas nesse capítulo. Alguns dados de ponta, que mostram em desfecho, o envolvimento dos/das estudantes de Educação do Campo com as Tecnologias atuais e quais são utilizadas por eles. Finalizamos buscando a dimensão de todas as informações e estudo bibliográfico para fazer sentido sobre esses dados. Dentre as técnicas de pesquisa utilizadas de

entrevistas, questionários, e observações nas dependências do campus, o terceiro capítulo também se refere à metodologia que é desenvolvida dentro do curso com observações em momentos distintos e de uma (1) semana ininterrupta no tempo universidade em busca de explicações da problematização. Baseando-nos, para isso em alguns autores para realizar uma abordagem na perspectiva da **fenomenologia** qualitativa (TRIVIÑOS, 1987). Essa pesquisa fenomenológica é um tipo de pesquisa que busca descrever e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção trilhando a investigação com uma visão fenomenológica (TUAN, 1983). Os estudantes falaram da versão deles\as sobre o curso por meio de indagações, mas do ponto de vista de quem está investigando, o que acontece no curso de modo a relacionar a licenciatura em questão e as tecnologias digitais? Essas considerações nos ajudaram com o terceiro objetivo (analisar e descrever os efeitos no desenvolvimento dos/das estudantes em virtude do uso das tecnologias digitais).

Apresentamos também o perfil docente e discente, os grupos representados e as especialidades. Dentre os recursos cujo domínio pode significar relevante diferencial no percurso acadêmico, ousamos acrescentar recursos técnicos não digitais que estão incluídos dentro do cotidiano dos/as estudantes que chamamos aqui de “tecnologia analógica”. A busca pelas técnicas levou a conhecer diferentes realidades a partir das histórias de vida contada pelos/as estudantes do curso de Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis) que participaram dessa pesquisa. Tais conjunções contribuíram para a concretização dos diagnósticos finais.

Aproveite para que esta pesquisa estivesse inserida no mais próximo da realidade na qual se encontrou. E como ponto de partida, iniciaremos a discussão falando do caminho percorrido pelo curso de licenciatura em Educação do Campo.

## 2 APONTAMENTOS ACERCA DA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE

O entendimento acerca da relação campo-cidade, envolve muitos fatores que percorre um amplo debate dentro das ciências humanas. Mas a perspectiva aqui apontada, trata-se de um debate com autores que falam sobre o assunto e ao mesmo tempo dialogam com a temática aqui retratada apresentando os conceitos de campo e cidade e suas questões envolvidas.

Partindo de uma definição básica sobre o que se entende de campo/cidade ou rural/urbano nos apontamentos de Alves & Vale (2013): “A demarcação conceitual da cidade e campo no Brasil segue o padrão dos equipamentos e infraestruturas no espaço urbano, ou seja, tudo aquilo que não for urbano é rural.” Mas o debate vai além dessa dicotomia. Nem sempre existiu essa diferenciação, mas essa organização espacial com o tempo ganhou mais força. Milton Santos (2009) fala que é um progresso sem fim das técnicas, isto é, a cada evolução técnica torna-se possível uma nova etapa histórica. E hoje também há um “renascimento” de um novo espaço rural por meio de novas técnicas que permite que o homem domine a natureza e utilize seus recursos pois destinava-se à existência e sobrevivência humana (FONSECA, 2010). E é assim, ainda segundo Fonseca (2010) em um contexto histórico, são criadas as condições para a manifestação de novas formas de organização espacial e de sociedade surgindo as primeiras cidades.

A definição de cidade pode ser analisada de acordo com Castells (1983) que menciona a cidade como “[...] um sistema de trocas entre diferentes setores que ocupam um lugar e preenchem uma função determinada [...]”, essas funções são administrativas/políticas e também comerciais e cada setor contribui para o funcionamento interno da cidade (CASTELLS, 1983).

Nesse momento histórico, a cidade dependia da produção do campo. E ainda sobre o que Fonseca fala sobre as novas técnicas, tal afirmação nos leva a crer que a cidade, é onde predominaram as novas técnicas. Mas é notório uma relação de complemento entre o campo e a cidade. Essa relação foi abalada na revolução industrial. “A industrialização associa-se à urbanização, isto é, a implosão e explosão urbana levam largos contingentes humanos a abandonarem o campo para viverem nas cidades” (FONSECA, 2010). Isso porque nesse período segundo ele:

[...] verificam-se várias diferenciações entre as duas formas de organização espacial, sendo o urbano mais avançado e moderno, enquanto o rural se mantinha atrasado e tradicional. Viver no campo significava estar limitado ao acesso as inovações resultantes do desenvolvimento tecnológico e o mesmo era sinônimo de pobreza.

As diferenças entre o urbano e o rural podem ser dialogadas com Marques (2002) apresenta duas perspectivas entre rural e o urbano, ou, com o campo e cidade, e parte de duas abordagens principais: a dicotômica e a *continuum*.

A abordagem dicotômica traz uma oposição entre os meios rurais e urbanos, onde existem divergências em relação a seus espaços. A segunda abordagem é decorrente das interligações campo-cidade e do processo de urbanização que recai sobre toda a sociedade, alcançando as regiões rurais e urbanas. (MATOS & MEDEIROS, 2011)

A dicotomia separa os dois conceitos. Já no “*continuum*”, o campo passa a estar mais próximo da cidade, e não há dicotomia. Pode ser uma perspectiva da urbanização do rural. São dois polos de organização socioespacial, cada um com suas características próprias. Cada vez mais distantes, verificam-se várias diferenciações que foram estigmatizados entre as duas formas de organização espacial: “O urbano mais avançado e moderno, enquanto o rural se mantinha atrasado e tradicional. Viver no campo significava estar limitado ao acesso as inovações resultantes do desenvolvimento tecnológico e o mesmo era sinônimo de pobreza.” [...] (MATOS & MEDEIROS, 2011)

Discurso este que se manteve por muito tempo separando como duas categorias. Em contrapartida, a industrialização que fez muitos homens/mulheres do campo irem para a cidade, “invade os espaços rurais, antes considerados atrasados. Nesse processo, dois fatores importantes assumem a liderança para a transformação do rural tradicional num rural moderno, com a pura e simplesmente necessidade de implantar o capitalismo. [...]”. (MATOS & MEDEIROS, 2011). Os dois fatores são:

- a expansão da indústria transformadora para além das áreas urbanas
- a crescente analogia do trabalho agrícola com o das indústrias

E assim levou a agricultura a ser um dos setores da indústria provocando as transformações socioespaciais do mundo rural, acompanhadas pela produção, busca e difusão de novas tecnologias. (MINGIONE & PUGLIESE, 1987 Apud MATOS & MEDEIROS, 2011)

Com o avanço das técnicas de produção. O homem se distancia da natureza, mesmo se utilizando de seus recursos. O capitalismo recria interferindo na identidade social de seus habitantes. Passou-se a utilizar no campo as tecnologias para fins agropecuários e aquilo que tradicionalmente era considerado rural, pode encontrar-se em crise e perder sua identidade também de seus atores. (FONSECA, 2010).

No final do século XX, o campo foi visto também como uma “[...] esperança de fuga ao estresse urbano”. (MATOS & MEDEIROS, 2011) Associando a natureza ao mundo rural. Sendo esta associação a do rural tradicional.

Na busca por novas interpretações sobre a relação campo-cidade, alguns autores tem discutido a modernização e ressignificação do espaço rural.

[...] nota-se o crescimento das áreas urbanas em direção às rurais, na maioria das cidades onde há um maior investimento do setor público em áreas urbanas, ocasionando maior demanda de imóveis, o que, conseqüentemente, provoca a supervalorização dos estabelecimentos rurais que se encontram nas adjacências das cidades. (FONSECA, 2010, p.42).

Lindner (2010) faz críticas desses conflitos e conciliações entre campo e cidade e supõe uma interferência evidente no homem/mulher do campo:

“Isto é fruto da mudança do sistema produtivo que liberou mão-de-obra no campo, acelerando a necessidade de se buscar novas alternativas de renda, visando garantir a reprodução socioeconômica de seus habitantes, numa busca de adaptação à nova realidade”. (LINDNER, 2010, p.2)

Essa situação se consolida ainda mais quando ocorre o avanço das técnicas de produção. O homem se distancia da natureza, mesmo se utilizando de seus recursos. O capitalismo recria interferindo na identidade social de seus habitantes. Passou-se a utilizar no campo as tecnologias para fins agropecuários e aquilo que tradicionalmente era considerado rural, pode encontrar-se em crise e perder sua identidade também de seus atores. (FONSECA, 2010).

Em suma, a cidade é a projeção da sociedade no espaço. Há um “processo dialético pelo qual o homem”, transforma-se e transforma seu ambiente na sua luta pela vida e pela apropriação diferencial do produto de seu trabalho” CASTELLS (1993, p.146).

Os espaços naturais foram tomados pelo agronegócio e por extensões de terras ocupadas para atender os centros urbanos. É importante valorizar o rural como espaços “[...] onde a relação entre as atividades humanas desenvolvidas e a exploração da natureza encontra um equilíbrio”. (MATOS & MEDEIROS, 2011)

Matos e Medeiros colaborou na compreensão de que existe o rural (campo) moderno, influenciado pela urbanização, sob o olhar de um processo de desenvolvimento econômico, cultural e político, que atinge esse campo e altera a sua vida social aproximando o campo e a cidade. Há a cidade, espaço de urbanização onde há proximidade (física, funcional e socioeconômica), uso de automóvel e acesso facilitado das vias de comunicação. Nestes espaços, a técnica domina a natureza. E há um espaço para o campo onde o homem e a natureza vivem em um elo harmonioso, o rural/campo não está mais associado à atividade agrícola, mas agora está associado à natureza. Para esses autores, os cenários deixam evidentes as diferenças entre o urbano, rural moderno e o rural tradicional ou profundo.

## 2.1 Reflexões acerca da hegemonia educacional entre campo e cidade

Antes da chegada dos Europeus, a terra – hoje Brasil – era habitada por extrativistas, pescadores e viviam da agricultura incipiente, não conheciam os procedimentos tecnológicos comuns do capitalismo europeu da época, mas viviam com seus próprios recursos técnicos. De acordo com Ferraz (2008, p.24) “Não conheciam as ferramentas de ligas metálicas nem a propriedade privada da terra. Havia apenas extensas áreas dependentes de cada tribo, de onde tiravam sustento, com recursos técnicos rudimentares”.

Com a chegada dos portugueses, no processo de colonização, todo o conhecimento e técnicas dos colonizados foram desconsiderados, inclusive seus direitos como nativos. “Apropriaram-se das terras e implantaram o sistema de capitanias hereditárias, em que os donatários podiam doar áreas de terra [...]” (FERRAZ, 2008, p.25). Foram entregues terras a amigos desde que fossem cristãos, tivessem condições financeiras e armas e acima de tudo defender aquelas terras dos nativos expulsos caso fossem atacar aqueles que os desapropriaram de seus territórios. E assim, promoveram o povoamento.

Iniciou-se então a ideia do progresso e os portugueses representavam -segundo atores hegemônicos- “progresso”, o “desenvolvimento” e uma “cultura superior”. “Cultura superior” colonial e eurocêntrica que matou, excluiu os povos tradicionais de sua única fonte de sobrevivência. E a história se repete ao longo do tempo. No Brasil, os povos tradicionais<sup>6</sup> que possui formas particulares de organização são despojados de suas terras caso aquela terra tenha interesse ao “progresso” e o “desenvolvimento” do país criando uma hierarquia do poder e gerando por traz disso a desigualdade.

Na escola do campo, deixa de ser admissível o uso de uma hierarquia de poderes que produza desigualdades. É igualando os sujeitos na condição de coletivo, com objetivos comuns, diferenciando apenas as suas funções específicas de trabalho que podemos recriar uma escola que forme um ser humano inteiro, em sua inteireza (Freire, 1992), ou como uma totalidade, na construção social de uma educação emancipatória (Marx, 1987). (SOUZA *et. al*, 2008, p. 53)

As consequências dessa hegemonia perpetuam e se configuram - também - pelas riquezas do subsolo ou do território do homem/mulher do campo, secularmente perseguidas por exploradores. Apesar de dificuldades, vale ressaltar que mesmo em um processo de

---

<sup>6</sup> No Brasil, existe um perfil para que seja considerado “povos tradicionais” são considerados: [...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição (BRASIL, 2007, p.1)

desterritorialização e reterritorialização<sup>7</sup> os conhecimentos e saberes são mantidos e acompanhados.

Munarin (2014) reforça atitudes hegemônicas da construção do “desenvolvimento” prometido. Ele lembra da articulação de movimentos sociais que se intensificaram nas últimas décadas, em um contexto de luta pela igualdade social. Ao longe configuram como espaços de luta e reafirmação da identidade onde são articulados princípios importantes como “[...] a afirmação de uma educação igualitária e cidadã como dimensão fundamental na luta contra as desigualdades sociais [...]” (MUNARIN, 2016, p. 53), bem como a afirmação de diferentes concepções políticas de educação rural que até o final do último século e início desde eram desenvolvidas no país.

O Brasil se destacou na agro-exportação até a crise de 1929 e em 1930 inicia-se à implantação de um modelo de desenvolvimento urbano-industrial capitalista nacionalista a partir da ideia da intervenção direta na economia, criação de empresas estatais, criando o “Estado educador”, aquele que se vê na obrigação de civilizar aqueles que não se encaixam no perfil técnico-urbano que se buscava na época, e isso foi construído na medida que o orçamento público é instituído para a educação escolar primária para todos, inclusive no meio rural.

Nesse período também foi criado o “Sistema S” incluindo o SENAI. Essa perspectiva nova de Estado e de “educação urbano-industrial” propiciada pelo poder público é decorrente da possibilidade de educação como redenção do povo doente e dito sem cultura do interior de um país agrário, pobre, injusto e atrasado. O personagem de Monteiro Lobato, Jeca Tatu, foi ícone dessa perspectiva. Ele era preguiçoso porque “não queria trabalhar”, vivia doente e morava longe da cidade. A intenção do intelectual, apoiador da campanha de Vargas, Monteiro Lobato era propor a necessidade de resgatar os povos rurais confinados ao atraso: doenças endêmicas, improdutividade, preguiça e a “ignorância” por ser considerada “[...] a pior das doenças porque a todas conduz [...]” (MUNARIN, 2016, p. 55). Os reflexos da adoção destas perspectivas são alimentadas até hoje. Sendo percebida pelos/as professores/as da licenciatura em Educação do Campo de Tocantinópolis. Alguns/Algumas relataram a importância da valorização desse perfil, visto que muitos homens e mulheres do campo comportam-se de modo a “esconder” seu perfil. Ou outros, não se consideram como “camponês”.

Os efeitos dessa perspectiva “urbanocêntrica” que não foram superados compromete assim ruralismo do Brasil como um local em que sua população precisa resolver suas

---

<sup>7</sup> Trata-se da Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização (T-D-R) de Saquet (2009). A criação de territórios é representada pela territorialização, a sua destruição (por mais que seja temporária) pela desterritorialização e a sua recriação pelos processos de reterritorialização.

dificuldades seguindo princípios da urbanização. Hoje, as políticas ruralistas consideram o território como separado das relações sociais de quem vive no campo.

Pensar o campo como território, significa compreendê-lo como espaço de vida, ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana. O conceito de campo como espaço de vida é multidimensional e nos possibilita leituras e políticas mais amplas do que o conceito de campo ou de rural somente como espaço de produção de mercadoria. (FERNADES, 2006, p. 28)

O social é a materialização da existência humana, sendo o espaço parte da realidade, multidimensional. O espaço só pode ser compreendido em todas as dimensões que o compõe. Fernandes (2006, p. 28) apresenta que “[...] simultaneidade em movimento manifesta as propriedades do espaço em ser produto e produção, movimento e fixidez, processo e resultado, lugar de onde se parte e aonde se chega [...]”. As famílias de agricultores/as e trabalhadores/as que vivem no campo são responsáveis pela vida social existente no meio rural.

As famílias de agricultores e trabalhadores que vivem no campo são responsáveis pela vida social existente no meio rural. Pensar Educação do Campo é contrapor a este modelo hegemônico dominante e globalizado e que leva à reflexão e discussão de um outro campo diferente do campo do capitalismo agrário.

Pensar a educação a partir do campo, é considerar o conhecimento produzido no campo, as relações sociais ali existentes, a cultura que se constrói ao se produzir a existência no campo, como elementos fundamentais das demandas para as escolas dos camponeses e camponesas. Não podemos mais pensar a educação a partir da cidade fazendo as adequações necessárias aos povos do campo. É necessário construir a educação dos povos do campo no campo, precisamos considerar que o campo está vivo e que vai continuar existindo, é preciso construir a Educação do Campo. (ANHAIA, 2008, p. 19).

Os/as professores/as de Educação durante os períodos em que foram entrevistados, de várias formas afirmaram que a construção do perfil do Educador do Campo, inclui valorizar os saberes do campo que são trazidos por eles para dentro do espaço universitário. Estes saberes, são utilizados pelos docentes para reafirmar a importância que o homem/mulher do campo tem em seus aspectos sociais. Tendo assim, um homem/mulher do campo que aprende a se valorizar, a reconhecer aquilo que outrora não era percebido o seu valor. Percebe-se que essa dinâmica se torna propositalmente possível, através do regime de alternância entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade.

### 3 A TECNOLOGIA EM QUESTÃO

A palavra tecnologia está diretamente incluída nesta pesquisa científica, mas antes de encontrá-la, é preciso saber de onde veio, o que é, porque é importante e o que ela representa para cada período da história.

#### 3.1 Técnicas e Tecnologias: Um olhar na ancestralidade

Na era Paleolítica que representa o período inicial da Idade da Pedra, foi caracterizado de maneira geral pela formação de um grupo social. Nos primeiros passos, ainda nos antepassados primitivos, já havia o empoderamento de objetos achados na natureza, estes serviam como extensão do corpo (VERASZTO, *et al.*, 2008), o potencial tecnológico do homem estava presente, e assim foi dado o ponto de partida ao intelecto humano para que mudanças pudessem interferir no homem em sociedade e assim, serem empreendidas.

Existem muitas definições sobre o termo “tecnologia” e com os diferentes contextos históricos, o conceito fica ainda mais disperso. Ao considerarmos desde o início das técnicas até as utilizadas hoje, com a diversidade fragmentada atual, o conceito muda drasticamente por diferentes pessoas embasadas em teorias muitas vezes diferentes e dentro de concepções de pessoas diferentes.

Segundo os autores Veraszto; Silva, Miranda; Simon (2008, p.62) que discutem sobre a trajetória percorrida pela tecnologia: “[...] em diferentes momentos a história da tecnologia vem registrada junto com a história das técnicas, com a história do trabalho e da produção do ser humano [...]”, isso significa que fatores de trabalho e produção levam ao desenvolvimento de técnicas diferentes e que se tornam tecnologias.

De acordo com Veraszto, *et al.* (2008), o significado original de *téchné* que compõe a palavra “tecnologia” tem sua origem do verbo fabricar, produzir, (*teuchô* e *tictein*). *Teuchos* significa ferramenta, instrumentos. Então, a palavra “tecnologia” vem da junção de “*tecno*”, que vem do grego *techné* e significa saber fazer, e “*logia*” que significa razão (do grego *logus*). Em outras palavras, “tecnologia” em sua forma literal significa a razão de saber fazer. É o estudo da técnica. Na técnica, a questão principal é do como transformar, como modificar.

A própria fabricação dos primeiros instrumentos de pedra lascada era o exercício do “saber- fazer”: uma tecnologia, que desenvolvida pelos nossos antepassados, fez surgir uma verdadeira “indústria das lâminas”, aperfeiçoadas ao longo das datas, Veraszto, *et al.* (2008) chama esses instrumentos de artefatos tecnológicos mesmo que iniciais. Aqueles objetos

representavam a organização da comunidade para cumprir um propósito particular. O conceito continua sendo aplicado nos dias atuais.

As novas condições técnicas deveriam expandir o conhecimento do planeta e seus objetos, suas sociedades e dos homens em suas realidades internas. Mas o que acontece segundo Milton Santos (2010, p. 39) é que nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por vários atores em função de seus objetivos particulares. “Em nossa época, o que é representativo do sistema atual é a chegada da técnica da informação, por meio da cibernética, da informática, da eletrônica [...]” (SANTOS, 2001, p. 39). Sendo assim, a técnica da informação vai permitir duas grandes coisas: a primeira é que as diversas técnicas existentes passam a se comunicar entre elas. Por outro lado, passa a permitir a convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico. Isso porque o homem vai criando invenções que ao longo do tempo passou a interferir nas necessidades do meio social: os objetos de caça, de luta, posteriormente da escrita, da imprensa, dentre outros.

O homem se deparou com dois problemas contínuos que precisava solucionar de maneira imediata: A necessidade vital, de sobrevivência onde ele precisava satisfazer seus hábitos alimentares e para isso precisava atacar, cortar e manipular o alimento para ser compatível a digestão humana, e a sua colocação no meio social que estava estritamente relacionada com a defesa do território sendo uma “necessidade social”. (VERASZTO, *et al.* 2008)

O homem surgiu e passou a se desenvolver, apenas no momento em que o pensamento se aliou à capacidade de transformação. Ou seja, somente através do emprego de sua capacidade intelectual na era primitiva é que foi capaz de estabelecer relações fundamentais que o auxiliaria a modificar o meio, através do emprego da técnica, que até o momento não existia. (VERASZTO, *et al.* 2008)

A utilização das ferramentas primitivas como ossos ou pedras, houve interferências no meio de duas formas: o pensamento aliado à capacidade de transformação com modificação no meio, e da modificação do grupo que estava inserido. (VERASZTO, *et al.*, 2008). E assim surge a técnica:

A técnica surgia então, junto com o homem graças a fabricação dos primeiros instrumentos e a manifestação do intelecto humano na forma de sabedoria. De acordo com a Antropologia não há homem sem instrumento por mais rudimentares que sejam. São entidades que se autocompletam [...] (VERASZTO, *et al.* 2008, p.64).

O homem precisa da tecnologia, por isso foi criada por ele, em todas as épocas em que esteve presente. Por mais primitivo que fosse a época, as ferramentas proporcionaram um papel importante do homem para com seu meio. As técnicas descobertas e desempenhada pelo homem tornam-se tecnologias ao passar pela análise humana e aperfeiçoamento. Dando continuidade a esse processo histórico, as técnicas passam a se comunicar entre si, e a tecnologia avança para a área da comunicação, que perpetua até os dias atuais do século XXI. A globalização tem favorecido esse processo e levado até aos preceitos educacionais e tem dividido opiniões. No próximo subtópico será apresentado noções em torno de educação e tecnologia.

### **3.2 Tecnologia - Entre conceito e percepção**

A palavra ‘Tecnologia’, não nos deixa claro o que ela significa. Ela existe de diversas formas dependendo da época, situação, cultura ou território. Criando assim, indefinições, e variando o uso da palavra de acordo com cada contexto. A ideia que vem ao encontro da pesquisa, em relação à essa palavra tão significativa gira em torno do “novo”. Não se trata do “novo” a nível globalizado, mas sim de novidades que chegaram ao encontro das comunidades que tangenciam os/as estudantes de Licenciatura em Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis). De modo mais específico, as “tecnologias” aqui percebidas giram em torno de tecnologias digitais que chegaram às universidades, às escolas rurais, as comunidades ribeirinhas, às cidades interioranas no norte do estado do Tocantins. No meio da Educação, tanto para as bases de operação em sala de aula ou para as mais altas gerências, as tecnologias digitais funcionam como um sistema interligado que vai dos/as alunos/as aos/as gestores/as de todas as escalas. Esta é uma clara evidência que determina critérios para estudar os processos produzidos pelos/as acadêmicos/as da Licenciatura em Educação do Campo e suas relações com as tecnologias digitais. Por meio da revisão bibliográfica, encontramos alguns pontos que permeiam o conceito do que aqui pretende-se embasar esta pesquisa.

Para entender um pouco sobre a tecnologia digital Martino (2015), pode nos ajudar com a teoria das mídias digitais, mas antes de dialogar com a noção de “tecnologias digitais”, é preciso compreender também o conceito de informação:

Um aluno novo, ao chegar em uma sala de aula, poderia ser entendido como “informação” na medida em que ele agrega algo novo, sua presença, a um sistema já estabelecido, a sala. Uma informação, portanto, está vinculada, entre outras coisas, à noção de algo novo, pelo menos em relação a uma situação já existente. Cada simples letra já tem, em si, uma carga de informação. (MARTINO, 2015, p. 24)

Toda e qualquer informação é um conjunto de dados, os dados não tem significância em si e a informação é o que gera o conhecimento. As tecnologias digitais atuam em torno de informações enviadas, processadas e recebidas.

Mas o que seriam as “novas mídias”? Martino (2015) fala que elas não podem ser reduzidas a apenas um objeto porque é uma pluralidade de aparelhos, ferramentas, dispositivos e acessórios, fixos ou móveis, acoplados ou não diretamente aos seres humanos. Além disso, uma característica das novas mídias é a intersecção de duas áreas até diferentes, os meios de comunicação e os computadores. É difícil hoje pensar nessas duas áreas de maneira isoladas, nesta pesquisa estará muito presente e será encontrada em diferentes narrativas, mas até pouco tempo atrás, como afirma Martino: “[...] esses dois domínios estavam relativamente distantes um do outro” (2015, p. 211).

Para dialogar com essa pesquisa, nos remeteremos quando se fala na palavra “computador” o que vem em mente é um aparelho com mouse, teclado (dispositivos de entrada de dados) e tela (saída de informação), um notebook encaixaria nesse conceito. Mas aparelhos posteriores ao computador como *tablets* e *smartphones* também podem caber nessa definição porque ambos são aparelhos que processam e calculam complexamente, apesar de terem suas características físicas visualmente diferentes, e em suas telas (saídas) o que se vê são repostas desses cálculos (MARTINO, 2015).

Tudo o que se vê nas telas desses instrumentos é o resultado de operações matemáticas que definem o que deve aparecer em cada coordenada, aonde, quando, como e por quê. São programas com instruções a respeito do que fazer em cada situação, de maneira que, diante de um comando, seja possível calcular o que fazer em seguida. Esses cálculos permitem à máquina tomar decisões, exibir resultados e, se necessário, lidar com esses resultados novamente, dando início a outra rodada de operações matemáticas [...] (MARTINO, 2015, p. 212-213).

Os cálculos de extrema complexibilidade processados por um processador caracterizam aquilo que chamamos aqui de “mídias digitais” ou “tecnologias digitais”. As mídias analógicas de forma resumida têm como base um suporte físico (antenas, leitores, transformadores) para realizar uma operação.

Em um disco de vinil, o som era gravado em pequenos sulcos sobre uma superfície de vinil e, quando uma agulha passava sobre esses sulcos, o som era reproduzido. Da mesma maneira, na fotografia e no cinema, uma película fixava, a partir de reações químicas, a luz que chegava através da lente de uma câmera. No caso do rádio e da televisão, ondas produzidas a partir de meios físicos eram lançadas no ar e captadas por antenas. (MARTINO, 2015, p. 10-11)

Porém, nas mídias digitais, todos os dados, sejam eles sons, imagens, letras dentre outros, são, na verdade uma sequência de número: “Dados transformados em sequencias de

números interpretados por um computador: uma das características principais das mídias digitais [...]” (MARTINO, 2015, p.11). E isso gera várias outras características das mídias digitais (computador, notebook, celular e etc.) que não existem nas mídias analógicas (televisão analógica, rádio, fita) apontadas por Martino (2015). Para Martino (2015, p.11-12) os conceitos a seguir apontam para construções de informações acerca de mídias digitais:

- Barreira Digital
 

“Diferenças de acesso às tecnologias e mídias digitais, bem como à cultura desenvolvida nesses ambientes, vinculadas a problemas sociais e econômicos.”
- Ciberespaço
 

“Espaço de interação criado no fluxo de dados digitais em redes de computadores; virtual por não ser localizável no espaço, mas real em suas ações e efeitos”.
- Cultura da Convergência
 

“Integração entre computadores, meios de comunicação e redes digitais, bem como de produtos, serviços e meios na internet”
- Cultura Participatória
 

“Potencialidade de qualquer indivíduo se tornar um produtor de cultura, seja recriando conteúdos já existentes, seja produzindo conteúdos inéditos.”
- Inteligência Coletiva
 

“Possibilidade aberta pelas tecnologias de rede de aumentar o conhecimento produzido de maneira social e coletiva.”
- Interatividade
 

“Interferência e interação entre usuários, ou usuários, programas e conteúdo, em diferentes níveis e formas, nos sistemas de comunicação digital em rede.”
- Interface
 

“A operação das mídias digitais acontece a partir de pontos de contato “amigáveis” entre dispositivos e usuários, moldados a partir de referências culturais anteriores.”
- Segurança e Vigilância
 

“Possibilidade de identificação de dados gerados nas mídias digitais em rede, ultrapassando os limites público/particular e redefinindo a noção de ‘privacidade’.”
- Ubiquidade
 

Presença, em todos os lugares, de mídias digitais conectadas em rede, estabelecendo conexões em qualquer espaço e tempo.
- Velocidade

“A rapidez de conexão de dados nas mídias digitais se articula com a aceleração de inúmeras atividades, processos e acontecimentos na vida cotidiana.”

- Virtualidade

“Dados das mídias digitais existem de maneira independente de ambientes físicos, podendo se desenvolver livres, a princípio, de qualquer barreira desse tipo.”

Todos esses conceitos, tratam-se de conceitos iniciais, chaves, identificados por Martino (2015, p.11-12). E percebendo o aumento do uso das mídias digitais nos últimos 10 anos, e que estão sobressaindo em relação às mídias analógicas, adotaremos aqui também em alguns momentos o termo “novas mídias” quando se referir às mídias digitais mais usadas nos últimos anos.

Outro conceito importante a ser colocado aqui é o de cibercultura.

Esta, não é um marco zero na cultura da humanidade, mas traz uma série de particularidades por acontecerem em um espaço conectado por computadores. “[...] é a cultura – entendida em um sentido bastante amplo como a produção humana, seja material, simbólica, intelectual- que acontece no ciberespaço”. (MARTINO, 2015, p.27)

O caminho percorrido pelas tecnologias não é de algo recente como muitas pessoas entendem. Os engenhos foram gerados em um caminho mais longo do que se imagina, no qual iniciou desde a idade da pedra, aperfeiçoando a cada dia até chegar aos moldes que temos hoje.

### **3.3 Tecnologia e suas ondas históricas**

A Tecnologia é um fenômeno e vários autores tentam explicar esse fenômeno. Graglia fala sobre o assunto em sua tese, divide em ordem cronológica períodos Hayne e Wyse (2018) apontam cinco grandes fases que se relacionam a períodos específicos na história da humanidade:

- A Tecnologia primitiva com duração de 25 milhões de anos partindo da pré-história até 7000 a.C.;
- A Tecnologia artesanal ou manufactureira com duração de 8750 anos que aconteceu entre 7000 a.C. até 1650;
- A Tecnologia mecanizada ou industrial com duração de 300 anos ocorrendo entre 1650 até meados de 1950;
- A Tecnologia de automação ou de ponta com duração de 40 anos que segundo os autores se desenvolveu entre 1950 e 1990;

- A Tecnologia ética ou de sustentabilidade dos anos 1990 para às futuras gerações. É importante observar que segundo esses autores, a tecnologia vem acelerado seu ritmo.

Ela iniciou seu processo como uma forma de sobrevivência.

Na história da evolução da tecnologia observa-se, a princípio, um ritmo bastante lento que teve início na era pré-histórica e se estendeu até a formação das primeiras sociedades mais organizadas na Antiguidade, definindo a fase da tecnologia primitiva ou de subsistência. [...] Um ritmo maior pôde ser observado até o final da Idade Média, onde o aumento das cidades e a intensificação do comércio aceleraram a produção de novas tecnologias, determinando a fase da tecnologia artesanal ou manufatureira. A partir da Era Moderna a tecnologia apresentou um ritmo bastante acelerado e a mecanização foi responsável pelo aparecimento de um grande número de máquinas e produtos que promoveram a indústria e a economia e marcaram a fase da tecnologia mecanizada ou industrial. (HAYNE & WYSE 2018, p.45)

Gagne(2013) afirma que tecnologia é “[...] conhecimento sistemático derivado da pesquisa científica [...]”. e segundo ele, essa tecnologia pode significar um processo contínuo e crescente de novas coisas, processos e ideias (HAYNE & WYSE, 2018).

A tecnologia vem marcando a evolução das sociedades e responsáveis por grandes vantagens econômicas. E em uma linha de raciocínio parecida com as fases de Hayne e Wyse (2018), consideramos um estudo sistematizado por Gralia (2018) que intercala vários autores para evidenciar ciclos que chama de “ondas”. Ele apresenta uma síntese desses ciclos em seis ondas.

Primeira onda: Marcada pela revolução industrial. As novas tecnologias da época foram impulsionadas pela máquina à vapor, a partir de 1712.

A segunda onda mencionada por Gralia, diz respeito as instalações de transporte e comunicação (sistema ferroviário, telégrafo, navio a vapor a partir de 1880.

A terceira onda foi uma revolução tecnológica no desenvolvimento da eletricidade, motor a combustão interna, química e as primeiras tecnologias da comunicação: telefone e rádio por exemplo. Entre o final do século XIX e início do XX. Foi nesse período que segundo Gralia (2018), as invenções desenvolveram-se para a agropecuária.

Na quarta onda, o primeiro computador em 1946, micro processador e o desenvolvimento dos chips é um marco importante e abriu caminho para o microcomputador nos anos de 1970. Castells apresenta que

O desenvolvimento da optoeletrônica (transmissão por fibra ótica e laser) e da tecnologia de transmissão por pacotes digitais promoveram surpreendente expansão da capacidade das linhas de transmissão. Essa tecnologia, combinada com arquiteturas avançadas de comutação e roteamento, [...] formaram a base para a internet. (CASTELLS, 2006 *apud* GRALIA, 2018)

As fases duram tempos cada vez menos tempos, e nesse curto espaço de tempo chega a uma fase de economia global, informacional e sociedade em rede: Era da Informação (CASTELLS, 2006).

A quinta onda que se inicia nos anos 90 de acordo com Gralia (2018), com o surgimento das novas mídias sociais digitais, a expansão do celular, softwares, redes digitais, GPS entre outras Tecnologias da Informação e Comunicação.

Uma possível sexta onda, segundo o autor, já se iniciou desde de 2015:

Durante a próxima onda, as economias serão impulsionadas por tecnologias ambientais, biotecnologias, nanotecnologias e cuidados de saúde. Seus efeitos serão alavancados pela digitalização e pelo aumento exponencial do poder computacional, ambos legados da onda anterior, que criou circunstâncias favoráveis para o desenvolvimento de novos produtos e serviços. A digitalização trata possibilidades transformadas no campo da realidade virtual, que estará presente em diversas situações corriqueiras da vida comum.

Essa sexta onda tem uma previsão, segundo sua tese, vai em um ciclo até 2035. Isso porque o início e o fim dessas ondas são marcados pelo lucro gerado por elas e a crise econômica mundial lembrada por Gralia (2018) que aconteceu entre 2007 e 2010 “[...] é resultado do fim da onda da revolução das tecnologias da informação e das telecomunicações. O fim da quinta onda.” GRALIA (2018, p. 74)

Concluimos com base nesses estudos que a tecnologia passa por fases e percorre a sociedade em massa. Estamos em uma conexão de forma global. E é importante lembrar que essas interpretações podem ser atualizadas de acordo com o que os autores podem considerar como impacto tecnológico sobre a economia e a sociedade.

### **3.4 Tecnologia e Educação: entre meios**

Este subtópico busca criar um debate acerca do que é a tecnologia -no caso- a digital de comunicações dentro de uma construção educacional. Existe muitos paradigmas acerca do assunto. Em algumas situações o papel das tecnologias da informação e comunicação na educação é interpretado de forma equivocada pelos/as gestores/as porque existe uma ideia de que a tecnologia no meio escolar garante a qualidade na educação. A questão a ser abordada aqui é sobre qual a função das tecnologias digitais na educação e o que entende por “qualidade” no ensino e como examina a concepção de uma formação, a ser construída nos cursos que formam professores/as, gestores/as, capaz de imprimir essa “determinada qualidade” à educação e de contribuir para que o uso dos recursos tecnológicos favoreça a discussão da cultura. (MOREIRA & KRAMER, 2007)

Para Moreira & Kramer (2007), a educação de “qualidade” demanda, entre outros elementos, uma visão crítica dos processos escolares e usos apropriados e criteriosos das novas tecnologias.

A educação foi reconfigurada em função do processo de globalização. O sucesso ou não da educação, muitas vezes é considerado pelo emprego da pessoa, “[...] nem sempre criativo e eficiente [...]” (MOREIRA & KRAMER, 2007, p.1038). Optando por uma definição de globalização, sendo associada a aspectos políticos, culturais e sociais. Moreira & Kramer apresenta o entendimento de globalização com base em Milton Santos que discute duas modalidades

[...] (a) *cosmopolitismo*, quando grupos e nações subordinadas se organizam transnacionalmente, beneficiando-se das capacidades do sistema de comunicação mundial, para defender interesses comuns, e a (b) *herança comum da humanidade*, quando se ressalta à necessidade de sustentar a vida humana na Terra (SANTOS, 1997 *apud* MOREIRA & KRAMER, 2007, p. 1039).

Porém, a globalização pode ir além disso. A dualidade serviu para esclarecer, a globalização como forma de sustentação e união em um nível internacional e as duas tendências costumam ser interdependentes. Elas não são adequadas apesar de úteis para entender as dinâmicas políticas. Entende-se por globalização como um fenômeno multifacetado, com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de forma complexa (SANTOS, 1997 *apud* MOREIRA & KRAMER, 2007).

Partindo dessa perspectiva, o processo provoca, consequências na educação e destacamos algumas características desse processo globalizado:

- a) flexibilidade: o trabalho no âmbito global se modifica e refletem no redimensionamento do trabalho pedagógico. Isso gera o apressamento para que haja flexibilização. A rotina cristalizada é prejudicada e atacada, os/as trabalhadores/as precisam ser ágeis, flexíveis e assumem riscos. E na educação é demandado também dos/as professores/as como adaptar-se as mudanças, variar os procedimentos de rotina, deseja-se um/a professor/a disposta a correr risco e que se mantenha sempre em atualização e são habilidades que precisam ser adquiridas por estudantes também, futuros/as trabalhadores/as.
- b) versão neoliberal: nesta segunda reflexão discute-se a globalização e como se expressa em diversas organizações internacionais. O pensamento empresarial parece contaminar os movimentos de reforma, objetivando estruturar as escolas, conforme o modelo das corporações contemporâneas. A escola é um negócio e a inteligência é usada apenas para um determinado fim. “A erosão da autonomia do Estado-nação em questões

referentes à política educativa facilita o trânsito de propostas através de diversas fronteiras, ainda que filtradas e interpretadas com base em especificidades locais [...]” (MOREIRA & KRAMER, 2007 p.1041).

c) homogeneização cultural: busca-se a homogeneização cultural, em inúmeros países de forma seletiva. (MOREIRA & KRAMER, 2007).

Algo muito importante segundo Pinar (2003) acontece: os saberes e temas fundamentais da existência humana são negligenciados, em prol dos elementos que conformam a agenda educacional da sociedade de hoje, elaborada, ao menos em parte, sob a influência de organismos internacionais. Exemplo disso, é que culturas (muitas vezes) estrangeiras são levadas para a escola de uma determinada região do interior (por exemplo) ao mesmo tempo que não são trabalhadas a cultura desse mesmo povo. Ocultando assim uma realidade local, para evidenciar outra realidade.

Ao fazer a releitura sobre contemporaneidade, educação e tecnologia, levamos em conta a abordagem de Moreira e Kramer (2007) que a globalização tem afetado o modo de estruturar a educação escolar e o trabalho docente e que para muitos gestores/as, os desafios que se apresenta à escola precisam ser encarados pelo recurso às TICs. E que como um “passe de mágica” elas podem trazer qualidade na educação com mudanças significativas e uma delas seria de minimizar a lacuna entre as práticas escolares e as práticas sociais e isso é um grande engano, esta é uma das insistências da globalização. Santos (2001, p.19) reforça sobre a crença:

Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma grande busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando se mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal.

Esses atores hegemônicos influenciam a sociedade, e logo o modo de educar. Essa máquina ideológica afetou pessoas do campo, por exemplo, colocando-os em uma posição distante da globalização.

Para Bauman (1999), a globalização, caracteriza uma multiplicidade de sentidos e se mostra cada vez mais opaca à medida que é empregada para explicar uma multiplicidade de experiências. E faz se necessário explicitar seus sentidos para que se examinem depois as mudanças na educação.

Ao fazer uma discussão sobre a função das novas tecnologias na educação, é preciso debater o que significa um “ensino de qualidade”. Nas perspectivas de formação que formam professores/as que imprimem uma outra qualidade à educação e contribuem para que o uso dos recursos tecnológicos favoreça a discussão da cultura.

Dialogando na perspectiva de Moreira e Kramer (2007) sobre a “qualidade” e relevância na educação, prevalecem algumas visões (ainda que impróprias):

- desempenho satisfatório em exames nacionais;
- domínio de conhecimentos, habilidades e competências que se estabeleçam previamente;
- emprego de tecnologias avançadas;
- supervalorização da competitividade e da produtividade;
- novos métodos de gerenciamento de sistemas e instituições educacionais.

O conceito de qualidade é historicamente produzido por isso não pode pensar em algo absoluto e sim uma análise processual. O recorte desta pesquisa justifica-se pela necessidade de avançar com a universalização da educação em uma região carente de condições socioeconômicas capazes de promover uma melhoria da qualidade de vida das populações residentes. Nos resta perguntar se essas “qualidades” impostas revelam de fato o real sentido da qualidade educacional no sentido de crescimento crítico-reflexivo, entre saberes adquiridos na sala de aula e saberes levados à sala de aula, como é percebido dentro da Licenciatura em Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis).

Essa perspectiva de qualidade não contempla as vivências de pessoas que não vivem à mercê da globalização. É como se um “povo tradicional”, ao entrar em um sistema de ensino convencional que buscam essa “qualidade” tivesse que se desconstruir, para reconstruir sua educação à base da eficiência, produção, notas e desempenho satisfatório, tecnologias digitais e visão capitalistas. No entanto, essa desconstrução não contempla fatores/saberes que estão além da escola/universidade, Goulart (2006) chama de extraescolares.

A análise de Goulart (2006) pode ampliá-lo ao tratar-se de fenômeno complexo, que abrange fatores intraescolares e extraescolares. Entendendo intraescolar as condições do trabalho pedagógico, a gestão escolar, o currículo, a formação docente, assim como a análise de sistemas e unidades escolares com base em resultados de avaliações externas. E os fenômenos extraescolares ao que se relacionam às determinações e às possibilidades de superação das condições de vida de grupos sociais desfavorecidos.

[...] demanda, inicialmente, saberes e habilidades que permitam lidar com o mundo dos instrumentos, costumes e linguagem (mundo concreto). Para transcender o ambiente e atingir níveis mais elevados na atividade intelectual e na esfera da prática são necessários atributos e motivações como coragem, lealdade, capacidade de resolver problemas e de satisfazer-se com o sucesso [...]. (AVALOS, 1992, *apud* MOREIRA & KRAMER, 2007, p. 3)

Não se trata, de limitar o estudante às suas origens socioculturais, nem de estimulá-lo a rejeitar suas raízes. Educar envolve o respeito, a crítica e a ampliação de horizontes e de tradições culturais. Avalos (2006, p. 422) que em seu artigo fala sobre “educação para os pobres”, lembra que “[...] para formar sujeitos autônomos, críticos e criativos, capazes de compreender como as coisas são como assim se tornaram e como podem ser transformadas por ações humanas [...]”.

A promoção de uma educação de qualidade depende de mudanças profundas na sociedade, nos sistemas educacionais e na escola. Outra reflexão pertinente é entre escola e tecnologia é referente aos/as alunos/as. Discussões sobre as tecnologias neste início de século e a apropriação dos meios digitais por crianças e jovens.

Chatier (1999) fala de um livro “A aventura do livro: do leitor do navegador”, evidencia como as novas tecnologias (o computador em particular e a internet em geral), alterando as condições e os meios, ampliam o acesso à leitura e modificam as formas de produção escrita.

Moreira & Kramer (2007, p.1050) “[...] questiona sobre algumas mudanças tecnológicas desestabilizam métodos e procedimentos convencionais?” Os autores citam Sennett (1999) que fala sobre flexibilidade e faz reflexões a respeito de classes sociais, capitalismo e desigualdades. Questiona também: “É possível formar pessoas na perspectiva de construir solidariedade, autonomia e respeito mútuo em sociedades onde inveja, talento e velocidade de produção individual são as metas”? [...] (MOREIRA & KRAMER, 2007, p. 1052). Bakhtin (1992) fala de inacabamento, exotopia e diálogo, relativos ao homem, ao conhecimento e à linguagem. Para o autor, o acabamento é dado pelo outro, que vê em mim o que não posso ver, do mesmo modo que vejo no outro o que ele não pode ver. Neste sentido,

[...] o homem tem necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o unifica e que é a única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse [...] (BAKHTIN, 1992, p. 55).

A distância para compreender inicia o processo dialógico. Conhecer é reconhecer a presença do outro: a compreensão sempre é, em certa medida, dialógica. O autor fala que compreender é um desafio em relação ao conhecimento seja na arte ou vida cotidiana. E no que se refere aos/as professores/as, gestores/as da educação em relação aos três planos (cognitivo, estético e agir ético) cabe: a) responsabilidade que significa assumir, como intelectuais, papel ativo na compreensão dos processos implicados na educação e na escola e b) responsividade que significa catalisar a capacidade de dar respostas, ainda que provisórias, e delinear ou propor discursos e percursos alternativos para uma educação de qualidade.

No PPC do curso de Licenciatura em Educação no Campo (UFT – Tocantinópolis) (UFT, 2016) há uma possibilidade de se trabalhar as tecnologias através de um dos objetivos do curso:

[...] Garantir uma reflexão/elaboração político/pedagógica específica sobre a educação para o trabalho, a educação técnica, tecnológica e científica a ser desenvolvida especialmente na Educação Básica de nível médio e nos anos finais da educação fundamental [...] (UFT, 2016, p. 36).

O curso de Licenciatura em Educação no Campo (UFT – Tocantinópolis), além de buscar os saberes externos para acrescentar ao processo de construção de professores/as e gestores/as possibilita uma série de possibilidades ao se trabalhar as tecnologias digitais na sala de aula.

Seguindo esse raciocínio, e levando em consideração as inúmeras transformações históricas e que em todo ser humano, técnica e tecnologias foram indissociáveis, procuramos investigar quais os instrumentos comporiam as técnicas dos/as estudantes de Licenciatura em Educação do Campo (UFT – Tocantinópolis) em suas comunidades. Ao serem perguntados sobre os instrumentos e técnicas utilizadas para auxiliar o esforço humano foram encontradas diversas respostas que demonstraram as diversas experiências e saberes presentes no curso.

## **4 CULTURA E TERRITÓRIO: APROXIMAÇÃO COM OS/AS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E COM O CURSO**

Aqui será textualizado a condição histórica desde o espaço até a representação do lugar. Os habitantes da região ou quem passa por ali pode não saber quem, e o que esteve por traz do curso, da cidade e da região. A ligação que se tem por traz do enredo de décadas e décadas. A população ribeirinha sempre esteve presente, indígenas também, eles foram se consolidando e transformando o espaço e respectivamente o território em lugar.

Hoje, ouvindo os estudantes do curso que são moradores de Tocantinópolis (e suas redondezas) conseguimos identificar em suas falas o quão rico o lugar se tornou para eles. Mas para que isso tivesse representação houve um percurso que envolveu conflitos, em seguida, a luta pela educação que foi possibilitado para esses/essas estudantes por meio da Pedagogia da Alternância que anda de mãos dadas com a Cultura. Não é o foco do trabalho discutir os efeitos dessa modalidade de pedagogia, mas é importante lembrar que durante as entrevistas realizadas, os estudantes lembraram que graças a Pedagogia da Alternância, conseguem cursar a academia e ao mesmo tempo que não abrem mão de suas atividades diárias no campo.

Ao analisarmos quem são os estudantes, descobrimos que eles vêm de diferentes tipos de ambientes não urbanos. Com a chegada da pós-modernidade (HALL, 1997), a tecnologia e suas relações interferem no âmbito educacional e é até importante como já observado. Mas existe algumas resistências, assim como existe aceitação e ambos conversam com um debate compreensível.

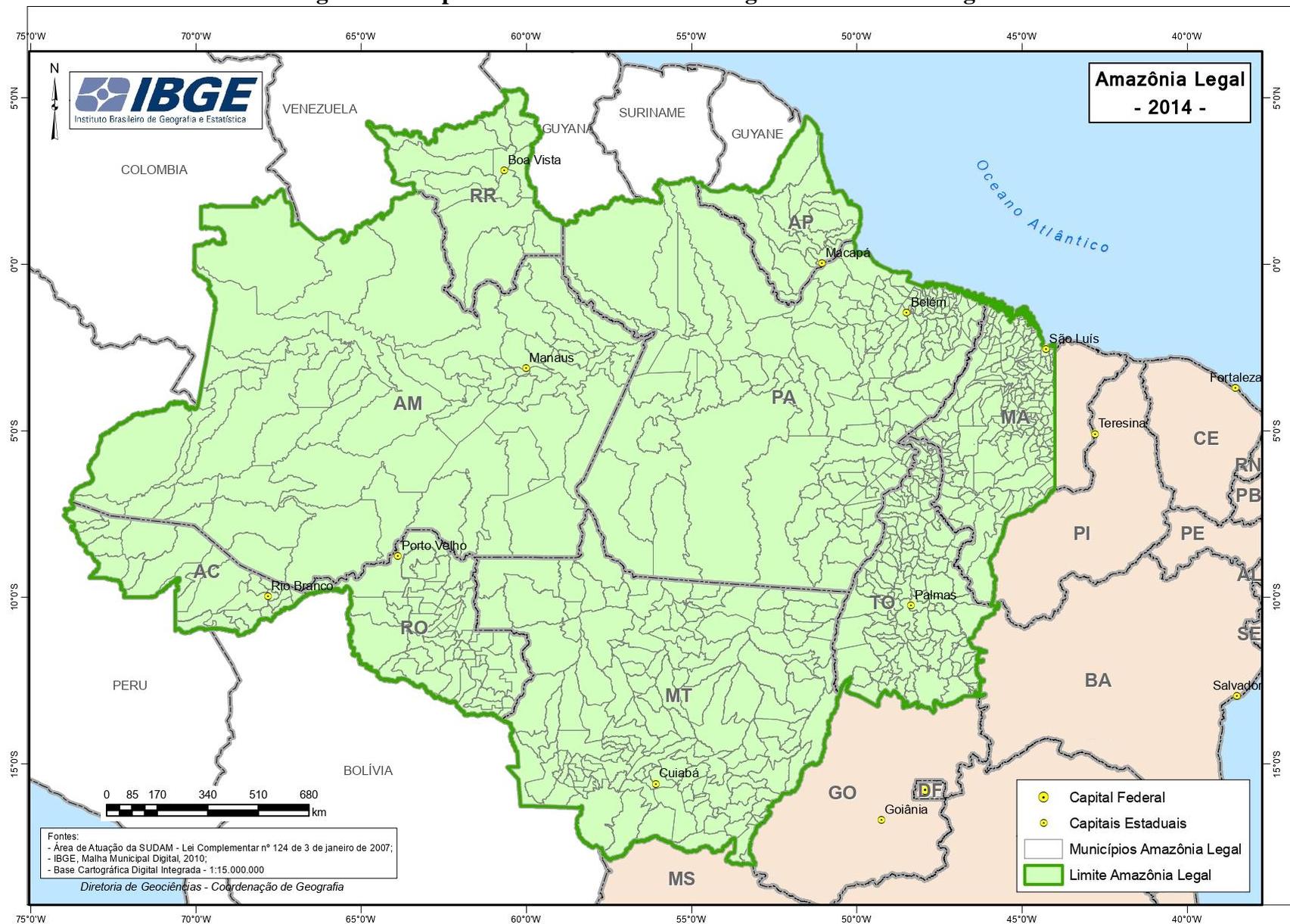
### **4.1. História de luta e resistência na região do Bico do Papagaio às margens do rio Tocantins**

É importante contextualizar o local onde encontra-se o curso de licenciatura em Educação do Campo em questão. A cidade de Tocantinópolis, encontra-se na região denominada de Bico do Papagaio no extremo norte do estado do Tocantins, localizado geograficamente na região norte do Brasil, e dentro da situação geopolítica da Amazônia Legal<sup>8</sup> (Figura 3).

---

<sup>8</sup> Mapa na próxima página. Fonte: [www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/geomorfologia/15819-amazonia-legal.html?=&t=downloads](http://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/geomorfologia/15819-amazonia-legal.html?=&t=downloads)

**Figura 3 – Mapa do Brasil com ênfase na região da Amazônia Legal**



Os primeiros migrantes foram atraídos pela descoberta de jazidas minerais, os colonos se fixaram às margens dos rios Tocantins e Araguaia há aproximadamente 130 anos, de acordo com Ferraz (2008), conta o início do povoamento da região do Bico do Papagaio, ainda antes da independência do Brasil.

Com o esgotamento dos minérios, as populações ribeirinhas passaram a viver da caça, da pesca e do extrativismo vegetal. A pecuária expandiu-se no fluxo de uma frente migratória oriundos do Maranhão, de onde se deslocaram para a região pequenos criadores de gado. O contingente ligado à pecuária (introduzida inicialmente como elemento complementar à mineração, o que o servia como meio de transporte, alimentação e vestuário) localizou-se nas áreas de campo aberto, de vegetação de transição entre o cerrado e a mata alta (bioma amazônico). Foram originados núcleos urbanos através destes pecuaristas ainda no século XIX juntamente com missionários, também promotores da ocupação do território.

Paralelamente, grupos agrícolas maranhenses se deslocam para o norte, na região de divisa com o estado do Pará. Baseando-se no trabalho familiar e no uso coletivo da terra, criaram pequenos sítios implementando um modelo produtivo de subsistência. Incluindo o extrativismo da madeira e do coco babaçu.

Ferraz (2008) ainda apresenta que a partir da metade do século XVIII vários acontecimentos permitiram o surgimento de grandes povoados de camponeses livres e com isso os a instituições de quilombos. Além disso, a abolição da escravidão<sup>9</sup> gerou o “acamponesamento” de indígenas e negros outrora escravos e isso tornou um fator de resistência<sup>10</sup>, principalmente pela prática do uso comum da terra, e firmou-se como forma de enfrentamento ao sistema agrário repressivo que impediam o acesso à terra. “Num mundo de terra farta, a lógica seria de que todos se estabelecessem por conta própria, sem subordinação a outrem. Ninguém seria empregado.” (FERRAZ, 2008, p. 23).

A propriedade legal, que antes era de livre apropriação de acordo com a ordem de chegada, deixa de existir e outras exigências governamentais passam a predominar sobre as formas anteriores de uso e ocupação de modo a dificultar a apropriação de uma terra. E isso deixou muitas pessoas confusas, não algo “amigável” pensar que para se apropriar de uma terra precisava comprá-la. Isso não era algo comum para a época, ou mesmo para estas pessoas. Os conflitos aumentam conforme as divergências de interesses que entram em choque com as

---

<sup>9</sup> A escravidão também indígena de acordo com Ferraz (2008).

<sup>10</sup> Resistencia no sentido de partirem em uma direção contrária do posicionamento social na qual esses grupos estavam condicionados.

concepções de mundo radicalmente opostas no que se refere à territorialidade entre o “novo” e o tradicional.

[...] A terra vira mercadoria, ganha novos valores e cria-se um quadro de relações de forças conflitivas. O espaço torna-se um objeto de cobiça e o meio um palco de resistência ao modelo agrário imposto de fora para dentro, destoando das formas de vida estabelecida em processos de ocupações anteriores (FERRAZ, 2008, p. 24).

A mudança de conceito e formalismo em relação à concepção de posse são usados como instrumento de expansão do domínio fundiário dos grupos mais fortes.

[...] Não era mais a ocupação, a posse, a morada, a roça, o conhecimento do lugar, a vizinhança, que garantiram a “propriedade”. Agora, para que a propriedade fosse reconhecida de fato e de direito como tal era necessário haver um “papel”, um documento, um título, uma prova escrita, uma escritura lavrada em cartório. Com a nova concepção de posse, de propriedade com direitos garantidos de permanecer lavrando e vivendo dos benefícios da terra, o roceiro vê a terra se afastar. Já não se tem certeza de quem é a terra. (FERRAZ, 2008, p. 51)

Assim, os elos mais fracos (ribeirinhos, indígenas, quilombolas, extrativistas e camponeses), mais distante dos interesses do estado enfraquecem em relação aos grupos mais fortes. A mudança faz com que o/a homem/mulher da região amazônica por motivos intelectuais, segundo Ferraz (2008) não tenha condições de resistir por estar fora de seus valores, visão de mundo, práticas sócio-econômicas-culturais e de suas tradições.

Em suma, os sistemas agrários de interesse econômicos para o estado precisaram ser opressores em relação ao acesso à terra. Ao resgatar na história, observa-se um tempo em que o direito à propriedade liberal, deu origem ao direito a terra. Por causa dos movimentos sociais de ocupação o Estado privou o direito à terra em questão. A Lei de Terras de 1850 que trata-se da proibição da aquisição de terras pública por outro meio que não fosse a compra – uma das primeiras leis após a independência do Brasil - aboliu de vez a apropriação tradicional da terra, sendo esta, adquirida somente pela compra.

Por quase três séculos, ocupações se construíram em movimentos sociais sempre em oposição aos aparatos de poder. A “roça” é esse conjunto de relações sociais de produção, em muitos casos uma estratégia básica de sobrevivência dos grupos resistentes à economia de mercado. (FERRAZ, 2008, p. 55)

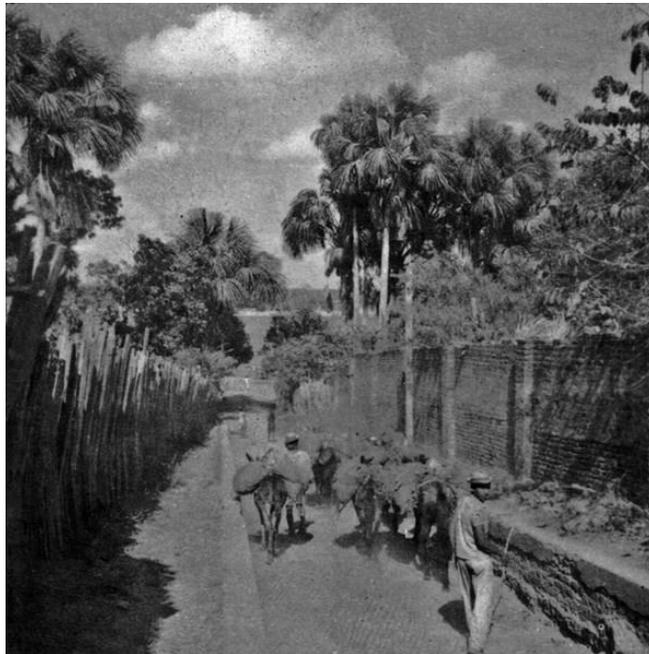
Construíram então, uma memória viva no cotidiano que foi além e passou a representar uma identidade social. Mesmo com diversas situações ao longo da história de insucessos, também houve consequências favoráveis através de lutas e conquistas. O curso de Educação do Campo, e a reflexão sobre tal, representa um grande avanço. Pois, outrora o grupo do campo

encontrava se fragilizado diante de um estado hegemônico, por não ter condições de difundir sua visão de mundo.

Hoje, uma das expectativas do curso, trata-se (também) de posicionar-se criticamente frente à realidade de forma a contribuir no processo de construção social consciente e criativamente, o que favorece o homem/mulher do campo, dentro dessa realidade hegemônica na qual estão submetidos.

Tocantinópolis, uma cidade centenária e a universidade tornam-se ambientes propícios para essa valorização, pelas suas militâncias populares e de lutas (Figura 4).

**Figura 4 – Jumentos com carregamento de água em Tocantinópolis (TO)**



Fonte: Biblioteca IBGE<sup>11</sup>

A Figura 4 que diz respeito à década de 50, nos remete a ideia de que o trabalho e a simplicidade permeiam a cidade desde muitos anos. Esses valores se encontram até hoje. A seguir, Tocantinópolis será investigada como lugar em sua finalidade.

#### **4.2. Tocantinópolis como lugar e território**

O objetivo deste subtópico, é filtrar o contexto histórico da região para Tocantinópolis, cidade onde se encontra a população flutuante que estuda a licenciatura em Educação do Campo

---

<sup>11</sup> <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=425288>

de Tocantinópolis, ou mesmo a própria população de Tocantinópolis. E observar o município da região do Bico do Papagaio sob a perspectiva de lugar e território. O lugar foi tratado como o sentido dos espaços vividos no município em questão. Categorizamos sua estrutura além das regiões próximas ao município onde vivem os estudantes do campo. Partindo da noção da localidade que originou esta pesquisa, foi abordado sobre o início da elaboração do projeto do curso que foi implementado por grupos sociais da região de Tocantinópolis.

Para contribuir com a definição de Tocantinópolis como *lugar*, é preciso partir primeiramente do conceito de território. O território envolve as relações efetuadas pelo homem/mulher na natureza/ambiente. Saquet (2007) compreende os ambientes natural e construído em sistema. Assim, estuda os grupos, as comunidades e suas percepções/sentimentos do território, sua organização, seus signos. Para Vincenzo Vagaggini e Giuseppe Dematteis (1976) o conceito de território consta, na argumentação desses autores, como espaço ocupado, apropriado e controlado; produto de relações sociais de produção que se reproduzem na formação do território. E dentro dessa concepção de território observamos através da análise bibliográfica que existem discentes do curso de Educação do Campo em Tocantinópolis de várias comunidades e territórios principalmente por aspectos culturais dentro de seus respectivos territórios e que precisam ser consideradas uma vez que se tornarão educadores/as em suas comunidades.

Corrêa (2000) apresenta o conceito de território na perspectiva da geografia tradicional desenvolvida no período de 1870 até por volta de 1950. Corrêa, fala do conceito de espaço dado por Moraes (1990) e Hartshorne (1939). Moraes(1990) a partir de Ratzel, (geógrafo que sistematizou a geografia moderna), propõem a apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo (território) e sobre espaço vital que expressa necessidades territoriais de uma sociedade em função de seu desenvolvimento tecnológico, do total de população e dos recursos naturais, ou seja, espaço transforma-se em território através da política. Já Hartshorne (1939), fala no espaço absoluto que significa um conjunto de pontos que tem existência entre si, sendo independente de qualquer coisa.

Corrêa denota que sobre uma planície de lugares iguais desenvolvem-se ações e mecanismos econômicos que levam à diferenciação do espaço. A partir da homogeneidade, o ponto de chegada é a diferenciação espacial e que o espaço social sendo espaço vivido com relacionado com práticas sociais não deve ser entendido como espaço absoluto (vazio, puro).

O espaço é um local da reprodução das relações sociais de produção a partir de 1970. Milton Santos (1978, p.5) contribui para este conceito com o estabelecimento de formação sócio espacial, ao afirmar que: “Os modos de produção tornam-se concretos numa base territorial

historicamente determinada [...] as formas espaciais constituem uma linguagem dos modos de produção [...]”.

O conceito da formação sócio espacial dá-se na possibilidade de explicar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz (CORRÊA, 2000), ou seja, o espaço só é inteligível através da sociedade. Não há sociedade e espaço de forma separada, mas sim a formação sócio espacial.

O espaço deve ser analisado de acordo com Santos (1985 *apud* Corrêa, 2000) a partir das categorias: forma, estrutura, processo, função. “Forma” é o aspecto visível de um objeto. Os bairros, casas, a igreja, a rede urbana de Tocantinópolis representa essas formas espaciais. A função representa uma tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado. Algumas funções relacionadas a Tocantinópolis são de lazer e de religiosidade, principalmente. A economia circula por meio da extração da amêndoa, atividades agropecuárias, pequenas indústrias, e também pelo mercado informal do babaçu e do esporte, destaca-se no futebol estadual e dá nome ao seu time Tocantinópolis Esporte Clube (TEC).

A cidade é banhada pelo Rio Tocantins que atrai turistas nos meses de junho a setembro, com ápice em julho, e iniciou sua história pelo rio, que faz parte da construção histórica da cidade por antigos navegantes (Figura 5).

**Figura 5 - Rio Tocantins**



Fonte: Site oficial da Prefeitura de Tocantinópolis<sup>12</sup>

A história teve início há quase 200 anos tendo com um grupo de bandeirantes que deu início à emancipação do território que depois se tornou Tocantinópolis - TO. Primeiros

---

<sup>12</sup> <https://tocantinopolis.to.gov.br/>

moradores consideravam o rio sagrado e próximo ao rio encontra-se a igreja católica que hoje é referência religiosa na região ao qual se encontra por ser uma das dioceses eclesiásticas da Igreja Católica Apostólica Romana, criada no século XX (Figura 6).

**Figura 6 – Diocese de Tocantinópolis**



Fonte: Folha do Bico

A Figura 6 diz respeito a diocese de Tocantinópolis, igreja histórica que representa muito para a religiosidade Católica Romana símbolo do poder na região.

No meio do rio, de frente para a cidade, há uma imagem de Nossa Senhora da Consolação (Figura 7) que mantém sua “forma” no meio do rio e sua “função” de devoção na cidade.

**Figura 7 - Nossa Senhora da Consolação**



Fonte: Ficheiro do Wikipédia Cammons<sup>13</sup>

A “forma” e a “função” é um dos conceitos de Santos (1978) em relação à categoria de análise dos espaços e são indissociáveis e são inseridas na “estrutura” social que busca

<sup>13</sup> Wikipédia Cammons: Mídias marcadas para reutilização

compreender a inter-relação entre sociedade e natureza. “[...] A *estrutura* diz respeito à natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo [...]”. (CORRÊA, 2000, p. 29). A história do rio Tocantins corresponde também à história da cidade. A cidade com características urbanizadas, não deixam suas características fluviais, preservando um cais, no porto do rio Tocantins que está relacionado ao meio de transporte e sobrevivência. O rio era bem usado como rota de navegação intermunicipal e até interestadual. A imensidão arborizada do coco babaçu na região atrai desde muito tempo pessoas com o intuito de extrair este coco.

O “*processo*”, entende-se como uma ação que se realiza via de regra de forma contínua, visando um resultado qualquer. Em outras palavras, “[...] processo é uma estrutura em seu movimento de transformação [...]” (CORRÊA, 2000, p. 29). A “*estrutura*” é em um determinado tempo, e o *processo* é ao longo do tempo, é contínuo. Vale ressaltar que Tocantinópolis-TO surgiu através do interesse de um grupo de bandeirantes que foram à região à procura de indígenas para catequizar então a religiosidade é bastante presente na cultura da região. Em contrapartida nesse “*processo*” os indígenas -por exemplo- têm hoje a Universidade Federal do Tocantins como “*função*” na região que contribui para que haja um processo de formação diferente da que sempre foi habituada a cidade, como objetos de exploração e apropriação. Tendo assim, uma condição diferente.

Ao fazer análise do espaço de acordo com Santos (1978) e suas categorias – forma (visível), função (papel), processo (ação contínua), e estrutura (natureza social e econômica de um determinado tempo), cabem analisar Tocantinópolis-TO como lugar.

O lugar como categoria é diferente do espaço visto que o lugar é fechado, íntimo, humanizado. O lugar está contido no espaço, para Giometti; Pitton; Ortigoza (2012, p.35) “[...] na perspectiva de lugar e singularidade, o lugar é resultante, de um lado, de características históricas e culturais inerentes ao processo de formação, e de outro, da expressão da globalidade [...]”. A base do território são aspectos sociais, políticos e econômicos que interferem na gestão do espaço. E a delimitação do território está nas relações de poder (GIOMETTI, PITTON, ORTIGOZA, 2012).

Milton Santos (2001) fala que o território tanto quanto o lugar são “esquizofrênicos”, porque de um lado acolhem os vetores da globalização que se instalam para impor uma nova ordem, mas que do outro lado há uma contraordem quando há uma produção de pobres excluídos e marginalizados. O papel do lugar se torna importante a ser considerado porque não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, uma experiência sempre renovada. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo. E isso gera uma reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro.

Nos lugares, existe o que Milton Santos (2001) chama de “racionalidade do mundo”. E essas racionalidades podem existir de outras formas e ele chama de “contra racionalidades”<sup>14</sup> ou “irracionalidades”. E através da contra-racionalidade é possível ampliar a consciência e as variações de acordo com as coletividades e subespaços. Por exemplo na cidade, as contra-racionalidades se criam mais numerosamente que as racionalidades, principalmente quando há pobreza de forma paralela.

A mediação técnica e a produção correspondente, local e diretamente experimentadas podem não ser inteiramente compreendidas, mas são vividas como um dado imediato, enquanto a mediação política, frequentemente exercida de longe e cujos objetivos nem sempre são evidentes, exige uma interpretação mais filosófica. (SANTOS, 2001, p.115)

O sistema técnico atual é caracterizado pela racionalidade, pela artificialidade e pela universalidade, atuando em toda a superfície terrestre. Nele, há uma íntima articulação entre ciência e técnica.

No campo, as racionalidades da globalização interferem mais rapidamente e extensivamente. A partir daí surge a esquizofrenia do lugar que se resolve a partir do fato de que cada pessoa, grupo, instituição realiza o mundo à sua maneira. Estes se constituem ‘dentro do lugar’ e se comunicam, sobretudo pela mediação da técnica e produção. Já o mundo se dá para essas pessoas, grupos ou instituições como ‘fora do lugar’ e também por mediação política. (SANTOS, 2001)

O curso de Educação do Campo tem recebido alunos/alunas de várias localidades, principalmente do extremo norte do estado do Tocantins e sudoeste do estado do Maranhão. Os/as estudantes estão localizados em cidades com características interioranas que são as cidades que compõem a região denominada Bico do Papagaio e/ou região Tocantina. A região mais superior no Tocantins referente ao extremo norte do mapa é chamada “Bico do Papagaio” porque tem uma “ponta” no território tocantinense que se inclina para baixo” e se assemelha ao bico de uma ave. As cidades presentes na nessa região do “bico” do Tocantins ainda possuem características comuns como: o cultivo de hortaliças, fabricação de farinhas, , produção de óleo de amêndoas (principalmente o babaçu), rios que percorrem as cidades, estabelecimentos comerciais de produtos agropecuários, entre outras atividades ou seja, esses lugares perpassam aspectos culturais “rurais”<sup>15</sup>. Tocantinópolis por exemplo, é uma das principais cidades da

---

<sup>14</sup> “[...] são contra-racionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm nesse território a despeito da vontade de unificação e homogeneização, características da racionalidade hegemônica típica das verticalidades” (SANTOS, 2001, p. 110)

<sup>15</sup> Referente ao campo, que é próprio do campo ou está situado no campo; agrícola.

região do Bico do Papagaio, por ser uma das maiores da região com cerca de vinte e dois mil oitocentos e setenta habitantes (população estimada pelo site do IBGE<sup>16</sup> em 2019), bem visitada em sua região do Tocantins composta por muitos assentamentos.

O município de Tocantinópolis-TO carrega características de uma cidade com aspectos rurais no sentido de ser comum ver casas com quintais com árvores frutíferas (pé de manga, mamão, cajá, jaca, caju etc), muitos precisam ir para as cidades maiores para grandes tramites, oportunidades ou tratamentos de saúde (Araguaína e Palmas no Tocantins e Imperatriz no Maranhão), muitos possui a prática do cultivo de horta, babosa ou plantas medicinais em seus terrenos urbanos, o rio é utilizado o ano inteiro e sendo usado até mesmo para lavar roupa por mulheres da região entre outras características. Em entrevista, umas das professoras (2019), que mora em Tocantinópolis que pertencem ao quadro de docentes efetivos do curso reafirmou essa forte característica interiorana da região: *[...]isso aqui é essencialmente campo, rural. A maioria desses alunos nossos são dos povoados, e o que é povoado então se não é rural? É campo. [...]* (PROFESSORA1, 2019).

A explicação da professora sugere a ideia que os lugares produzidos por Tocantinópolis, bem como as cidades próximas de onde vêm os/as estudantes são ideias para que a perspectiva do curso seja devidamente estabelecida. Considera-se então a cidade como a cidade propícia para o estabelecimento e recepção de estudantes para o curso de licenciatura em Educação do Campo. Sendo esta, uma grande conquista da região.

Estes estudantes recebidos, possuem encontros de aulas em regime alternado de maneira que consigam conciliar, sua vida, suas atividades, onde moram, com os estudos acadêmicos. Esse processo evidencia a Pedagogia da Alternância (tópico 4.4) que foi proposto ao curso, antes mesmo de sua efetivação. Mas antes de falar dessa pedagogia, é necessário conhecer quem são e de qual grupo fazem parte os estudantes ativos durante essa pesquisa.

### **4.3 O/A estudante de Educação do Campo, Grupos Representados e desafios**

Existe um perfil a ser alcançado que de acordo com o PPC do curso, mas aqui será verificado se o prepenhido foi alcançado, ou ainda se existe um esforço para que isso aconteça.

Desde a primeira turma da licenciatura, a diversidade esteve presente, entre os quais podemos citar o montante entre homens e mulheres, indígenas dos grupos étnicos *Apinajé* e *Kricati*, quilombolas da comunidade Cocalinho situada no norte do Tocantins e Mumbuca no

---

<sup>16</sup> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/tocantinopolis/panorama>

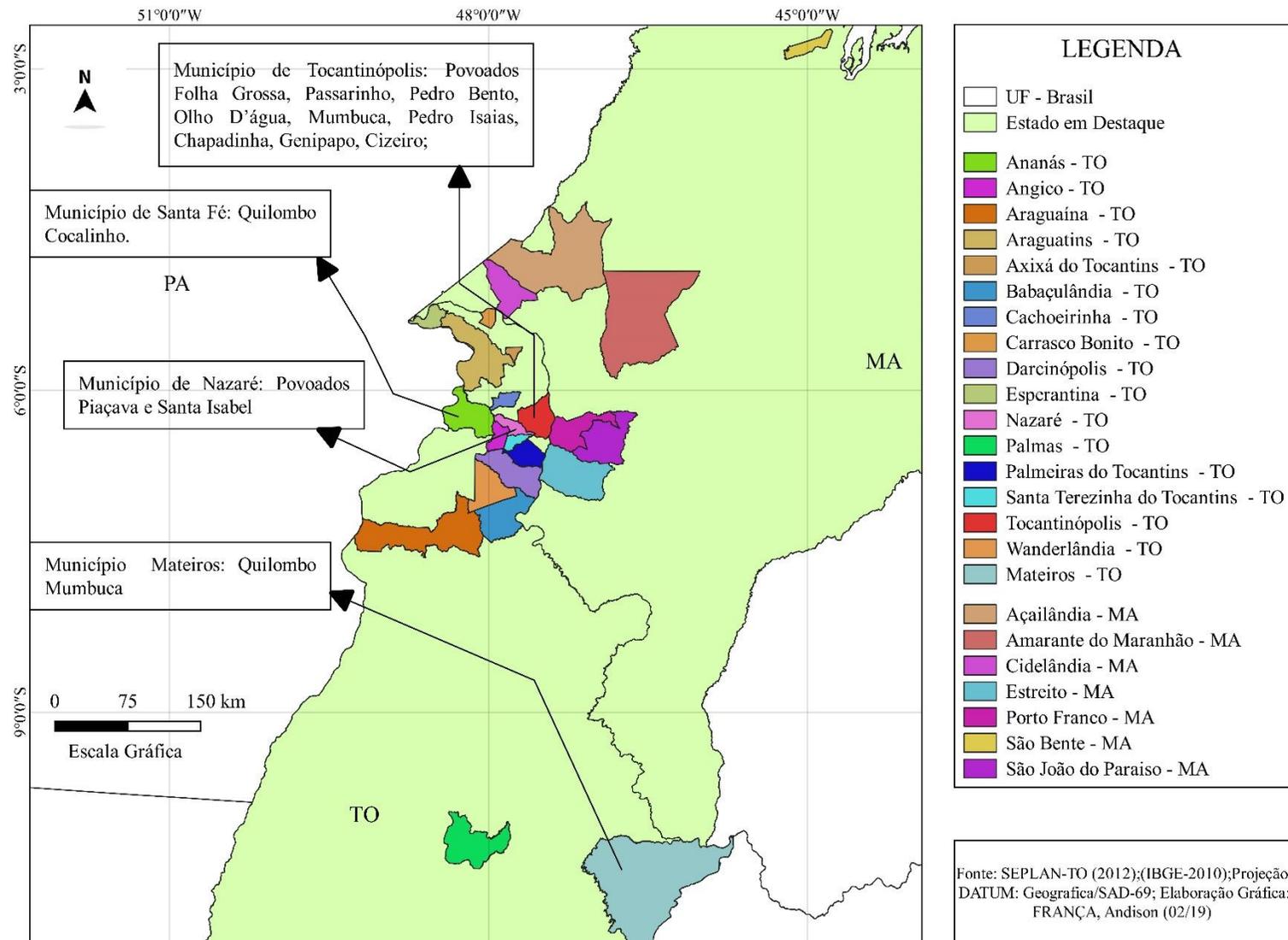
Jalapão, professores da escola rural entre outros grupos fortemente representados no Tocantins, em especial na região do Bico do Papagaio.

A comunidade dos/as discentes são fundamentais para produção de saberes/conhecimentos, e de acordo com registros do sistema de informação da universidade, identificamos espaços diferentes dentro do ambiente acadêmico.

- Tocantinópolis e os povoados: Folha Grossa, Passarinho, Pedro Bento, Olho D'água, Mumbuca, Pedro Isaias, Chapadinha, Genipapo, Cizeiro;
- Piaçava e Santa Isabel que são povoados próximos ao município de Nazaré;
- Municípios do Bico do Papagaio, são eles: Palmeiras, Cachoeirinha, Santa Teresinha, Wanderlândia, Nazaré, Esperantina, Carrasco Bonito, Ananás, Araguatins, Angico, Darcinópolis e Axixá;
- Municípios próximos à Araguaína: Wanderlândia e Babaçulândia.
- Palmas/TO;
- Acampamentos e assentamentos, ribeirinhos, indígenas (com duas etnias presentes: Apinajé desde o início do curso e esse ano de 2018 e Krikati do Maranhão);
- Estudantes do Jalapão de duas comunidades quilombolas (Cocalinho e Mumbuca);
- Assentados de outros municípios do Estado (Araguatins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins);
- Moradores do Maranhão, das cidades: São João do Paraíso, Estreito, Ceilândia, Açailândia, Porto Franco, São Bento dos Crentes e Amarante do Maranhão;
- Entre outros estudantes que relatam que mudaram para Tocantinópolis devido o ingresso universidade. (Figura 8)

Atendendo assim, uma grande parte da região do Tocantins e em várias cidades do estado do Maranhão, fronteira próxima à Tocantinópolis. Esses/Essas alunos/as estão em distâncias diferentes, contextos territoriais e culturais diferentes que estão ingressados no curso de Educação do Campo. A diversidade de estudantes e o perfil vivenciado que ele apresenta é o principal motivo da dinâmica do curso inclusive o calendário diferenciado do convencional do campus sendo aulas em 2 temporadas TEMPO-UNIVERSIDADE e 2 temporadas no TEMPO-COMUNIDADE a serem definidas e agendadas no início do período letivo para contornar da melhor forma a diversidade cultural dos/as alunos/as.

**Figura 8 – As espacialidades dos discentes**



As políticas de acesso, dentro do PPC do curso (UFT, 2016) fala da necessidade de se formar professores/as da educação do campo, esta, delimitou os perfis que atendem as expectativas do curso no qual foi proposto. De acordo com o PPC do curso as políticas criadas se tornaram uma forma de garantir que os cursistas sejam sujeitos do campo e que venham a atender o objeto do edital, de formar professores da educação básica do campo, mas que não possuem formação específica, alguns critérios por ordem de prioridade, serão adotados com base nestes princípios (UFT, 2016):

- Selecionar preferencialmente educadores de escolas públicas de Educação Básica do campo em efetivo exercício nos anos finais de ensino fundamental ou médio do campo;
- Pessoas que atuam como educadores ou coordenadores nas escolas voltadas para a escolarização básica de educação de jovens e adultos (Ensino Fundamental ou Ensino Médio) em comunidades camponesas;
- Pessoas que atualmente coordenam ou fazem o acompanhamento político-pedagógico dos cursos formais apoiados pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA;
- Jovens e adultos de comunidades do campo, ou que se identifique com o mesmo.

A metodologia encontrada dentro do PPC para a formação docente desses grupos vem de uma perspectiva interdisciplinar, algumas disciplinas dialogam-se dentro de uma interlocução voltadas sempre para o contexto camponês para que os/as alunos/as tenha uma visão de história de vida, movimentos sociais, arte, estado-sociedade. Então são trabalhadas disciplinas que remetem ao perfil do/a homem/mulher do campo. Este perfil é conceituado e familiarizado ao longo do curso.

Como forma de garantir que os cursistas sejam sujeitos do campo e que venham a atender o objeto do edital, de formar professores da educação básica do campo, mas que não possuem formação específica, alguns critérios por ordem de prioridade, serão adotados com base nestes princípios: [...] selecionar preferencialmente educadores de escolas públicas de Educação Básica do campo em efetivo exercício nos anos finais de ensino fundamental ou médio do campo; [...] Pessoas que atuam como educadores ou coordenadores nas escolas voltadas para a escolarização básica de educação de jovens e adultos (Ensino Fundamental ou Ensino Médio) em comunidades camponesas; [...] Pessoas que atualmente coordenam ou fazem o acompanhamento político-pedagógico dos cursos formais apoiados pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA; [...] Jovens e adultos de comunidades do campo, ou que se identifique com o mesmo. (BRASIL, 2016, p. 104)

Sendo um aspecto importante do curso visto que alguns/mas alunos/as não se veem como um “homem/mulher do campo”, ou “camponês” ou que de fato, vivem em um ambiente urbano e não se consideram. Alguns não o reconhecem dentro da localidade em que ele se encontra. Uma das pioneiras em no curso, confirma essa realidade entre os/as estudantes do curso:

*[...] por exemplo, a gente recebe alunos que não são do campo, alunos que são da cidade e que estão no curso, essa é uma dificuldade, porque na verdade eles nasceram e se criaram aqui na cidade, mas veja, se ele é de Tocantinópolis, eu não acho muita dificuldade porque isso aqui é essencialmente campo, rural. A maioria desses alunos nossos são dos povoados, e o que é povoado então se não é rural? É campo. Só que o próprio IBGE as vezes separa os negócios: campo, cidade aí o aluno diz que ele mora na “cidade”. Porque isso aqui é um lugar com 26 mil habitantes onde é formado por vários povoados só no 1º período eu tenho 60 a 70% dos alunos agora são dos povoados. [...] eles não são da cidade. Então isso é interessante, mas outras turmas aqui a gente já encontra pessoas do centro mais aqui de Tocantinópolis. Eles dizem que é do centro né. E aí é difícil porque campo é preconceito, dizer que é do campo é dizer que é inferior (eu estou dizendo na perspectiva do debate deles), ou seja, daquilo que eles trazem que eles escutam. [...] Então é aquela história do Jeca Tatu, Do homem da roça que vem pra cidade que tá com o pé vermelho do barro do campo, da roça. Então essa é a nossa dificuldade. Porque, será que esses alunos que estão na cidade vão querer dar aula no campo? Para mim essa é uma pergunta. [...] (PROFESSORA1, 2019, grifo da autora).*

Eles não se reconhecem por causa da cultura hegemônica debatida no tópico “2.1”. E para que esse perfil do homem/mulher do campo seja efetivado, as disciplinas então traduzem para ele/a uma visão da construção da identidade camponesa. Vale destacar os moldes de como é trabalhado por Oliveira (2016) essa construção de identidade. Sendo este um dos professores efetivos desde o início do curso de Educação do Campo.

Para proporcionar momentos de reflexão sobre a construção de identidades na educação do campo, foram pensados entre educadores e educandos quatro processos de construção coletiva do conhecimento: a) da história de vida desses sujeitos e sujeitas; b) sobre o campo enquanto espaço social (político, cultural, natural) que se reproduz nas relações entre humanos e deles com a natureza; c) da luta coletiva e dos movimentos sociais do e no campo como forma de resistências e reexistências camponesas; d) do lugar dos povos do campo no mundo e de suas realidades diante da totalidade que os envolve, ou seja, o lugar no mundo e o mundo no lugar, por meio da construção coletiva de cartografias sociais. (OLIVEIRA, 2016, p.110).

Essa construção contra-hegemônica da quebram paradigmas que facilmente pode ser idealizado em uma universidade/faculdade convencional. A história de vida desses sujeitos também foi destacada por outros/as professores/as, nas entrevistas semiestruturadas. E de onde vem esses saberes que são trazidos para dentro da universidade para o encadeamento da identidade do/a professor/a do campo? Está a depender de suas espacialidades. Entrevistamos

17 estudantes dos mais variados períodos para que se tenha noção dos lugares onde atende (e constrói) parte da Educação do Campo (Apêndice 2).

#### 4.3.1 As Espacialidades dos Discentes

Neste tópico, será abordado de forma mais abrangente algumas características políticas acerca de dos locais onde se encontram alguns dos discentes e suas espacialidades. E sua relação com o perfil discente encontrado no curso. Todos os discentes que participaram da entrevista/questionário citaram o nome dos seus assentamentos/comunidades. Os locais estudados possuem características em comum, por exemplo, todos os locais são do interior do Tocantins e nelas se encontram modos de vida diferente do que se vê em grandes metrópoles (prédios, aviões, pessoas correndo contra o tempo). O critério de escolha para o estudo acerca dos locais a seguir, foi com base nas repostas da pergunta do questionário onde se lê “Local onde mora?”, aplicado aos dezessete participantes sendo todos alunos ativos<sup>17</sup> de Educação do Campo. Com base nas repostas foi feito então uma investigação mais apurada acerca dos locais que os participantes disseram que pertenciam. Além do questionário foi realizada uma entrevista semiestruturada (Apêndice 2) em que vários estudantes registraram através do áudio da entrevista, características de suas comunidades.

A cidade de Araguatins possui vários assentamentos ao redor, grande parte dos entrevistados disseram pertencer à esses assentamentos ou mesmo ao município de Araguatins. Trata-se de uma cidade do Estado do Tocantins. Um dos dezessete participantes mora na região urbana do município de Araguatins. O município se estende por 2 625,3 km<sup>2</sup> e contava com 31 329 habitantes no último censo (IBGE, 2018). A densidade demográfica é de 11,9 habitantes por km<sup>2</sup> no território do município. Araguatins se situa a 73 km a Sul-Oeste de Imperatriz - MA a maior cidade nos arredores. É dotada de um turismo muito forte devido o período de praias nos meses de junho e julho. O salário médio mensal é de 1.9 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total é de 5.8%.

Muitos alunos/alunas são oriundos/as dos povoados no município de Araguatins ou de alguma cidade do Bico do Papagaio. Os estudantes assentados participantes da entrevista realizada como obtenção de dados primários parciais a este fim descreveram o nome destes assentamentos. Estes dados estão disponíveis em um relatório de Assentamentos Geral do Estado do Tocantins através do - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

---

<sup>17</sup> Ativos enquanto estava sendo feita esta pesquisa.

(INCRA). Os assentamentos a seguir, são os locais onde se encontram seis dos dezessete discentes participantes da desta pesquisa.

- O Assentamento PA Palmares instituído em 2007 estabelecido na região de Araguatins possui 52 famílias;
- O Assentamento Oziel Alves Pereira formado em 2002 estabelecido na região de Cachoeirinha possui 53 famílias;
- O Assentamento 1º de Janeiro organizado em 1998 tem capacidade para 160 famílias estabelecido na região de Palmeiras do Tocantins, mas possui 164 famílias;
- O Assentamento Tamboril designado em 1995 estabelecido na região de Angico possui 62 famílias;

Baseando-se também nos dados do INCRA<sup>18</sup>, percebe-se que a maior parte dos Assentamentos do Tocantins, estão situados na região do Bico do Papagaio. Um dos dezessete participantes mora na região urbana do município de Tocantinópolis. A cidade possui o catolicismo muito forte. Possui vinte e dois mil, seiscentos e dezenove (22.619) habitantes e desses cerca de dezesseis mil (16.000) são católicos apostólicos romanos. Seguidos de pouco menos que quatro mil (4.000) evangélicos teve parte de sua história efetivada por um padre. Em 1818, saindo de Pastos Bons (MA) uma bandeira com intuito de conquistar indígenas, que se dedicavam a lavoura, dela se desligaram, e, com suas famílias, fixaram residência à margem esquerda do Tocantins, a que, dada a sua altitude deram o nome de Boa Vista. A região fértil e possuidora de imensa quantidade de madeiras para construções, magníficos babaçuais e pastagens.

Pouco tempo depois também se dirigiu Frei Francisco que viera catequizar os indígenas Apinajé, habitantes de uma aldeia próxima ao local. Encontrando estes moradores próximos à aldeia, e vendo que eles mantinham boas relações com os indígenas, ali se fixou e construiu uma capela, pedra fundamental da futura cidade. Em 1897, fixou residência neste povoado o Padre João Lima que, se tornou ícone na região que guiava o povo à religião. Mas houve conflitos também:

[...] a principal foi a última, no ano de 1936. Foi eleito nesse ano Manoel Gomes da Cunha. O padre João Lima por ser seu adversário político retirou-se para o interior do município onde organizou uma turma com duzentos homens armados, inclusive indígenas, e a dez de maio de 1936 entrou na cidade tomando a prefeitura após ter posto a correr todos os funcionários dessa repartição. A fama do padre João Lima

---

<sup>18</sup> Dados disponibilizados pelo INCRA em planilha

ficou gravada no hino patriótico do município que chama esse lugar de 'Terra do Padre João'. (IBGE, 2017, p.1) (grifo do autor).

Ao longo do tempo a amêndoa de babaçu foi sendo comercializada, e imigraram maranhenses, piauienses e cearenses, o que contribuiu para o progresso da cidade. Em 1943, o local passou a se chamar Tocantinópolis. Em época de praia nos meses de junho e julho, onde o sol e o calor são mais fortes na região, a cidade movimentava muitos turistas. Possui muitos povoados e assentados além de muitas comunidades indígenas (Apinajé e Kricati) que mantêm moradia no local.

Outra comunidade que daremos destaque neste trabalho é a comunidade Quilombola Mumbuca onde encontram-se também um dos/das estudantes licenciandos/as em Educação do Campo.

Fundada por dois casais, que segundo uma versão da história, eram descendentes de escravos, a comunidade hoje reúne 46 famílias, por volta de 100 pessoas. As casas de tijolos de barro, hoje com televisões, geladeiras e computadores, até 2001 não possuíam energia elétrica. Os moradores ainda guardam as candeias, por muito tempo sua única fonte de luz. Apesar do advento da tecnologia, Mumbuca ainda sofre com a falta de saneamento básico e com a precariedade de estradas que dificultam o acesso à outros locais. São 200 km de estradas de terra – ou de chão, como são chamadas. Em 1985 os habitantes viram pela primeira vez um carro entrar na comunidade. “O povo ficou tudo admirado”, conta Doutora, com 57 anos, uma das moradoras mais antigas[...]. (DOLCE & MEDEIROS, 2014, p.1)

A comunidade Quilombola Mumbuca, encontra-se na região de reserva do Parque Estadual do Jalapão, a região é rica em belezas naturais e atrai uma forte renda turística no leste do estado do Tocantins. Entre essa reversa estão as cidades de Mateiros e São Félix do Tocantins. A comunidade Quilombola Mumbuca fica no município de Mateiros. Uma participante da pesquisa, estudante de Educação do Campo relatou peculiaridades na comunidade:

*[...]a gente faz tudo com música. Se colhe capim é com música, se colhe arroz é com música, então assim, é a gente faz tudo com música, então a música é um meio de interagir, um meio de expressar nossa luta, nossa conquista [...] Como nós não é da escrita e da oralidade, então a gente descreve aquele momento, através de música, através de verso, através de pesquisa e isso é a base do nosso fortalecimento humano, de estar juntos e compartilhar do momentos especiais pra nós. (QUILOMBO1, 2018)*

Essas características reforçam a utilidade de uma educação no Tocantins voltado às artes. Vale ressaltar que a colheita do capim, é utilizada para fabricação manual de colares, brincos, pulseiras, *sousplat* — entre outros — sendo verdadeiros artesãos. A arte tocantinense precisa ser valorizada, e assim é feito no curso de Educação do Campo. Esses saberes utilizados por eles, são trazidos para a universidade de modo a articular seu processo de formação com

os saberes pré-adquirido. A Professora1 (2019) reforça que no Jalapão tem o trabalho com o capim dourado *“É a coisa mais linda [...], então essa é a produção de arte e cultura, porque o curso trabalha arte, cultura e música. E quando a gente trabalha aqui, a gente encontra lá”*. Assim como ela reforça que os indígenas também são artesãos.

A Terra Indígena Apinajé tem a interferência de duas estradas de terra que estão em obras com vistas a seu asfaltamento: TO 126: liga os municípios de Tocantinópolis e Itaguatins, passando por Maurilândia, no sentido norte-sul todo o território em seu lado leste; Nas proximidades ao longo de seu eixo estão localizadas as aldeias Apinajé (Mariazinha, Botica, Riachinho e Bonito). Há relatos de Kricati casados com Apinajé, unindo assim, em algumas circunstâncias os dois povos.

Há alguns/algumas alunos/as de Babaçulândia - TO que estão em acampamentos na beira do lago da usina hidrelétrica de Estreito - MA que foram remanejados por causa da UHE-Estreito. O Sudoeste do Maranhão também está presente. Há relatos de alunos que foram para Estreito - MA em virtude do curso de Educação do Campo.

Em suma, uma quantidade considerável de estudantes é residente de comunidades, cidades e povoados que não estão perto do ambiente físico universitário a qual estão vinculados. Mas vale ressaltar que o curso de licenciatura em Educação do Campo traz a pluralidade do campo e suas regiões e o períodos de aulas na universidade precisam de flexibilidade em relação ao calendário convencional de aulas, para que o homem/mulher do campo, não tenha prejuízos significativos, ou tenha que se readequar à realidade urbana, na qual a universidade está inserida.

#### **4.4 A Pedagogia da Alternância no Curso de Educação no Campo**

No espaço a seguir, é detalhado os moldes da pedagogia adotada e como ela é executada dentro do curso de licenciatura em Educação do Campo: Artes e Música no campus da UFT de Tocantinópolis. Explicam-se também os efeitos e a importância da dinâmica de alternância entre Tempo Comunidade e Tempo Universidade.

##### **4.4.1 Pedagogia Da Alternância**

O acesso à educação é um desafio no Brasil, especialmente tratando-se de pessoas que não residem na cidade. Os estudantes de Licenciatura em Educação do Campo/Tocantinópolis,

em grande parte que moram no campo, ou em locais distantes da universidade e isso nos leva à reflexão do esforço de sujeitos de comunidades em busca da qualificação. A Universidade Federal do Tocantins tem sido uma alternativa para a educação de qualidade, pública e superior, paralelamente, a Pedagogia da Alternância é uma possibilidade, adotada na UFT exclusivamente dentro do curso de licenciatura em Educação do Campo que possibilita o/a aluno/a se formar sem ser necessário abandonar sua vida no campo/aldeia/comunidade. O curso desde que estava em fase de Edital (BRASIL, 2012), esteve submetido à Pedagogia da Alternância<sup>19</sup>.

A Pedagogia da Alternância foi criada na França, mas foi implantada no Brasil em 1969 no Espírito Santo.

A Pedagogia da Alternância surgiu no Brasil em 1969, por meio da ação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), o qual fundou as então Escola Família Rural de Alfredo Chaves, Escola Família Rural de Rio Novo do Sul e Escola Família Rural de Olivânia, essa última no município de Anchieta. O objetivo primordial era atuar sobre os interesses do homem do campo, principalmente no que diz respeito à elevação do seu nível cultural, social e econômico (PESSOTTI, 1978, p.229).

Mas foi oficializada em por meio de um projeto que introduz a Pedagogia da Alternância na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), sendo uma pedagogia que respeita as especificidades de cada região. É uma proposta adequada para o jovem do campo que precisa conciliar o trabalho no campo e o estudo. Muitos estudantes deixam de estudar para trabalhar, outros deixam de trabalhar para estudar, além de outros fatores que dificultam como transporte, então é preciso que haja flexibilidade no calendário escolar, para que os estudantes nessas condições tenham oportunidade de estudar dentro dessa realidade e isso inclui a realidade da região.

É primordial que essa proposta seja reconhecida nacionalmente e em lei, porque pode gerar financiamentos a mais e podendo haver resistência por parte do poder público de início. Mas é importante que seja esclarecido e divulgada a necessidade e os cuidados referentes a essa pedagogia que vem de dentro para fora, e não uma pedagogia pronta que vem para impor e determinar horários na vida de um estudante do campo que tem um modo de viver diferente da realidade de um estudante da cidade.

---

<sup>19</sup> “c) apresentar organização curricular por etapas equivalentes a semestres regulares cumpridas em Regime de Alternância entre Tempo-Escola e Tempo-Comunidade. Entende-se por Tempo Escola os períodos intensivos de formação presencial no campus universitário e, por Tempo Comunidade, os períodos intensivos de formação presencial nas comunidades camponesas, com a realização de práticas pedagógicas orientadas;” (BRASIL, 2012, p.2)

Um ponto fundante dessa pedagogia é formar professores/as dentro da proposta. E é assim que o curso de Licenciatura em Educação do Campo do campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins forma os/as estudantes, dentro da realidade da Pedagogia da Alternância porque os/as futuros/as professores/as do campo que estudam nessa licenciatura também são do campo (já que é o público alvo deste curso na UFT).

Percorrendo por fontes que falem sobre o assunto, cabe aqui destacar de alguns pontos de vista.

A Pedagogia da Alternância atribui grande importância à articulação entre momentos de atividade no meio socioprofissional do jovem e momentos de atividade escolar propriamente dita, nos quais se focaliza o conhecimento acumulado, considerando sempre as experiências concretas dos educandos. Por isso, além das disciplinas escolares básicas, a educação nesse contexto engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente e à formação integral nos meios profissional, social, político e econômico (TEIXEIRA, BERNARTT & TRINDADE, 2008, p. 1)

A Licenciatura em Educação do Campo do campus de Tocantinópolis é uma alternativa, que perpassa mais do que uma alternância de horários, mas de readequação da educação convencional/tradicional que são “bancárias”, ou seja, uma educação que impõe e formaliza no/a estudante algo que muitas vezes não condiz com a sua realidade, ou o/a estudante não consegue identificar nas suas vivências/experiências o que está sendo ensinado em sala de aula. Ao contrário disso, a Pedagogia da Alternância considera a realidade do/a educando/a, leva isso também no processo de ensino-aprendizagem, por isso, a importância de terem professores/as preparados/as para adaptar suas aulas de modo a não aderir uma educação de imposição, mas de construção a partir da vivência do/a estudante. Nem toda educação do campo é em regime de alternância, talvez por isso seja importante políticas públicas que incentivem a essa nova realidade.

Desde o início do curso, as aulas se estruturam conforme a pedagogia de alternância. As aulas se dividiam em Tempo Comunidade com 20 horas e Tempo Universidade com 40 horas, além do Seminário Integrador e das 30 horas por semestre para fins de seminários de socialização com base nas atividades de campo do Tempo Comunidade (UFT, 2016).

#### 4.4.2 Tempo Comunidade e Tempo Universidade: Diálogos com a Cultura

O curso de Licenciatura em Educação do Campo: Códigos e Linguagens, na modalidade presencial ocorrem em regime de alternância pedagógica nos campi de Arraias e Tocantinópolis. Ainda em fase de edital de seleção das IFES foi determinado acerca da

Avaliação e Seleção dos Projetos Pedagógicos - PPP's e que um dos critérios seria a existência de um regime de alternância (BRASIL, 2012, p.3): “[...] realização de práticas pedagógicas orientadas em Regime de Alternância”. E ainda acerca da Implantação, Execução e Avaliação do Projeto foi considerado:

Previsão de práticas pedagógicas e atividades de extensão (participação em seminários, atividades em comunidades, etc) e pesquisa (projetos de iniciação científica e monitoria) para todas as etapas de tempo-escola e tempo-comunidade; - Processos de avaliação acadêmica e pedagógica no tempo comunidade; [...]

O regime de alternância que leva à pedagogia da alternância é citado por vários autores: Ribeiro, (2008), Silva & Júnior, (2016), Aires, (2016), Miranda & Cover, (2016) que traduzem como dois espaços de aprendizagem. Ribeiro (2008, p.30) “[...] articula prática e teoria numa práxis e realiza-se em tempos e espaços que se alternam entre escola e propriedade, comunidade, assentamento, acampamento ou movimento social ao qual o educando está vinculado.”

Embora tenha surgido há décadas, a pedagogia alternância. “[...] permite a utilização de processos avançados de ensino e aprendizagem e possui conceitos que perpassam as atuais propostas educacionais”. (AIRES, 2016, p. 57)

Entretanto, a Pedagogia da Alternância divide opiniões. Ribeiro (2008) destaca que a pedagogia da alternância pode ser uma forma estratégica do governo tirar parte de suas responsabilidades na formação escolar/acadêmica da comunidade/assentamento na qual o estudante está inserido porque ocorre uma diminuição dos gastos públicos com a formação. Além da qualificação que segundo Ribeiro (2008), estaria afetando a formação do estudante no período fora da escola/universidade.

Ao nos atentar aos pontos positivos, e considerando a realidade no curso de Educação do Campo em Tocantinópolis, curso oriundo do edital mencionado, Aires (2016) relaciona a proposta da pedagogia da alternância como uma possibilidade de construção do conhecimento, pois ambos os espaços se tornam um local de formação de acordo com o que cada lugar/momento oferece.

A organização, do curso, é dividida em tempo universidade e tempo comunidade. “Esse formato é voltado para a realidade dos educandos e educandas do campo, permitido que eles, e elas mantenham suas atividades sem ter que optar suas tarefas em família/comunidade e sua formação escolar.” (MIRANDA E COVER, 2016, p.92). Para isso, é importante conceituar o que é considerado como cultura dentro dos parâmetros de Geertz (1981).

Além de fundamentar os aspectos territoriais encontrados para este diálogo, buscamos fundamentar cultura camponesa a um nível antropológico. Tomamos aqui o que pode ser entendido por Cultura referido por Clifford Geertz (1981) no livro “A interpretação das culturas” que faz parte de uma corrente da antropologia chamada antropologia simbólica. Cultura esta, que para ele não é possível ser definida em parágrafos, pois cultura é algo que deve ser percebido e não definido.

Raymond Williams (1979) também trata a cultura como algo amplo e não restrito. Cultura na perspectiva de Geertz (1981) é tratada como um sistema de produção significados e valores seja material ou imaterial. E cada grupo apropria-se desses significados e valores para exercer determinadas práticas e que não é algo localizável, é uma fábrica de mecanismos de produção de significados. Estes significados são compartilhados publicamente. E é com base nesses significados e valores que na licenciatura em Educação do Campo é desenvolvida através da Pedagogia da Alternância.

Sabemos da necessidade de pesquisar e falar sobre a atuação atual das escolas do campo na universidade, e entrar na área da educação do campo exige um esforço em entender características do espaço cultural, necessidades de tais estudantes levando em consideração os saberes como fonte de conhecimento para início do processo de aprendizagem. O artigo 28 da Lei de Diretrizes e Bases - LDB (BRASIL, 1996) propõe que na educação do campo e seus sistemas de ensino devem estar apropriadas às particularidades da vida no campo e de cada região. E dentro desse contexto é modelada a Pedagogia de Alternância.

Trata-se de um modo de promover a educação com características próprias para o atendimento da população (neste caso) do campo. A proposta educacional da pedagogia da alternância que contempla, respeita e valoriza os saberes em contextos socioculturais, considerando escola-família-comunidade como espaços de produção, organização e articulação de conhecimentos, por meio dos instrumentos pedagógicos (AIRES, 2016).

Os/as alunos/as que participam das comunidades camponesas têm compromissos com a sua cultura materna de suas respectivas comunidades (eventos, rituais, cantorias, encontros, celebração entre outros) não podendo assim ter aula e o calendário de Educação do Campo faz o contorno necessário para respeitar a diversidade, colaborando para que as aulas sejam em períodos mais apropriados para que se tenha a presença do/a aluno/a sendo assim, um grande desafio.

Valorizando assim, a cultura dos/as alunos/as, para lidar com o ritmo do campo que é respeitado pelo curso que trabalha dentro da perspectiva da valorização da cultura popular, do

saber e do fazer não podendo tirar do/a discente de um momento imprescindível na sua comunidade citando, por exemplo:

- a) Abril período onde há várias atividades indígenas na comunidade e não faria jus à presença do/a acadêmico/a indígena de Educação do Campo ter aula em um momento tão importante para a construção de saberes/conhecimentos na comunidade;
- b) Setembro que no Jalapão é o mês da colheita do Capim Dourado e para a comunidade Quilombola;
- c) Outubro é o mês que se realiza a assembleia com os Apinajé com várias representatividades;

Além disso, o início do período de chuva é um momento especial para o camponês arar sua terra. São momentos comprometedores importantes no qual são levados em consideração pelo curso não podendo “exigir” a presença de dos/as estudantes nesse período.

Essa diversidade traduz os mais variados cenários e painéis possíveis para que seja visualizada a pluralidade do Campo. Os/as estudantes de Educação do Campo do campus de Tocantinópolis formam-se licenciados com habilitação em Artes e Música, possibilitando uma perspectiva multidisciplinar e a partir dos diálogos do início do curso foram construindo também uma proposta interdisciplinar.

A educação do campo nestes moldes consiste em uma modalidade prevista em lei, delineada nas diretrizes da educação nacional – LDB (BRASIL, 1996). Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I. conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II. organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III. adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Os/as futuros/as professores/as já desde a universidade são adaptados à rotina da alternância por estar vinculada à ideia de um movimento pedagógico dinâmico voltado ao respeito e que valoriza os saberes em contextos socioculturais.

O curso de licenciatura em Educação do Campo do campus universitário de Tocantinópolis da UFT pratica o exercício da interdisciplinaridade, e semelhante ao conceito de Guattari (1992, *apud* POMBO, 2008) quando trata a interdisciplinaridade como uma espécie de atravessamento de universos que sempre se pensaram como diferentes foram fundamentados no PPC do curso. Assim, o processo de formação docente é feito através das disciplinas e pelo formato do curso que assume sete (7) princípios pedagógicos de acordo com o PPC (UFT, 2016):

- A formação contextualizada
- A realidade e as experiências das comunidades do campo como objeto de estudo fonte de conhecimentos;
- A pesquisa como princípio educativo;
- A indissociabilidade teoria-prática;
- O planejamento e ação formativa integrada entre as áreas de conhecimento [interdisciplinaridade];
- Os alunos como sujeitos do conhecimento;
- E a produção acadêmica para a transformação da realidade.

De acordo com Miranda & Cover (2016), o curso de Educação do Campo busca esforços para que se cumpra a interdisciplinaridade uma das formas de atender à essa organização é o formato de atividades em Tempo Universidade e Tempo Comunidade.

Ao considerar que a dimensão da ação e da reflexão acontece por meio do diálogo, e que o processo de ensino e aprendizagem busca a transformação da realidade, Miranda e Cover (2016, p.55) afirma que “[...] a alternância deve ser pensada para além de uma proposta metodológica de ensino [...]”. Por isso o semestre é dividido em tempo comunidade e tempo universidade. E no curso não é tratada como uma forma de suavizar, mas de promover a troca de saberes e o pensamento crítico dentro da sua comunidade, através de atribuições feitas no tempo universidade ou ao projeto integrador, que se trata de um projeto interdisciplinar ao final de cada período. Segundo Miranda e Cover (2016), estes, também professores do Curso de Educação do campo, registraram pontos relevantes acerca dos períodos:

- “No tempo universidade, geralmente com o tempo de duas semanas, os educandos e educandas participam das aulas no Campus de Tocantinópolis” (p.93);

- “Esse formato é voltado para a realidade dos educandos e educandas do campo, permitindo que eles e elas mantenham suas atividades sem ter que optar entre suas tarefas em família/comunidade e sua formação escolar” (p.92);
- No currículo da Licenciatura em Educação do Campo, a maior parte das disciplinas tem a carga horária composta por 40 horas no TEMPO UNIVERSIDADE.

As disciplinas convencionais que representam as disciplinas em sala de aula do curso totalizam 60 horas cada uma, e são realizadas no período dentro da universidade e na comunidade do/da estudante de acordo com o planejamento de cada professor/a, dentro das 60 horas/aulas, sendo 40 horas na universidade e 20 horas dentro da comunidade. São divididas em carga horária (CH) semestral e cada disciplina faz menção a uma quantidade de horas dentro desta distribuição: teórico, prático e teórico-prático.

[...] tempo universidade não é apenas o lugar da teoria, como também o tempo comunidade não é apenas o lugar da prática. Teoria e prática são indissociáveis e nos diferentes tempos existem espaços para estudar e aprofundar temas teóricos, como também para analisar práticas que são desenvolvidas pelos educandos. (MIRANDA & COVER, 2016, p. 93)

É importante que seja considerado a indissociabilidade entre a teoria e a prática facilitando a aprendizagem do/da estudante e aliando o porquê das bases e a fundamentação da prática contribuindo para o pensamento crítico. Em se tratando de tempo comunidade, é um momento de ação de atividades que durante o tempo universidade foram propostas.

No tempo universidade, professores/as e alunos/as encontram – se para preparar e discutir as pesquisas a serem feitas no tempo comunidade além de analisar os dados coletados. O tempo comunidade, dura cerca de um mês, os educandos/as desenvolvem ações educativas em suas comunidades de origem sob a orientação articulada de seus professores/as. As 20 horas do tempo comunidade, nas quais se desenvolvem atividades educativas, voltadas às demandas disciplinares.

Entre essas atividades de acordo com Miranda e Cover (2016) diz respeito a: realização de exercícios, as leituras dirigidas e as pesquisas nas comunidades, sempre procurando manter o diálogo entre os conteúdos trabalhados em aula e as realidades vivenciadas em comunidade. Essa proposta auxilia “[...] na construção e no fortalecimento da alternância ao mesmo tempo que fomenta o diálogo entre os dois tempos e a construção coletiva de saberes”. (MIRANDA & COVER, 2016, p. 93).

O Seminário Integrador tem a mesma dinâmica teórico-prática das demais disciplinas, e seu formato dispõe de uma carga horária de 30 horas, sendo 15 horas de tempo universidade

e 15 horas de tempo comunidade. Este, propõe um ambiente interdisciplinar e que tem os seguintes objetivos:

[...] ser o elo de comunicação entre as diferentes disciplinas oferecidas no semestre; aprimorar as habilidades de pesquisa dos discentes; manter o diálogo entre os saberes universitários e os saberes camponeses na construção de novos saberes. (MIRANDA & COVER, 2016, p.93)

Em suma, rompendo as barreiras dos limites disciplinares, o curso traz vantagens à rotina dos/as estudantes que mantém durante o curso responsabilidades. O curso a partir das suas perspectivas interdisciplinares está dividido pedagogicamente em tempo universidade e tempo comunidade, e o estudo é ativo nos dois ambientes viabilizando o desenvolvimento de atividades que fomentem o diálogo entre os conhecimentos apresentados pelos/as professores/as em sala de aula e os conhecimentos que os/as educandos/as têm em seu mundo social, em sua trajetória de vida e através das pesquisas desenvolvidas no tempo comunidade.

É notório, ao analisar o formato do curso dividido em tempo comunidade e tempo universidade e seminário integrador, que a pedagogia da alternância aplicada na formação docente, acrescenta ao desenvolvimento de um ambiente interdisciplinar atendendo aos princípios do curso.

#### **4.5 A Licenciatura em Educação do Campo como conquista (contexto geral)**

A Educação do Campo se revela como ato de conquista. De acordo com a constituição de 1988 (BRASIL, 1998) com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), que estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), situada em seu artigo 28, alguns direcionamentos para a escola do campo:

Art. 28º. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (BRASIL, 1996, p.1).

Mas para que esse tipo de diretrizes se realizasse no Brasil, um longo trajeto histórico foi percorrido. Desde o processo de colonização e “civilização” no país pelos europeus, depois na busca por terras que se estendeu por muitos anos pelos brasileiros, e em seguida pelo sistema industrial que foi se desenvolvendo no país no qual a educação vem sendo submetida.

Diversos desafios e contextos hegemônicos atuais em todas as partes do Brasil motivaram o surgimento do Movimento de Educação do Campo. Um deles foi a II Conferência Nacional de Educação do Campo – CNEC (Anexo 2), que foi realizada em Luziânia-GO, cidade com aproximadamente 200.000 habitantes, segundo IBGE (2017).

A II Conferência Nacional de Educação do Campo (CNEC), realizada em Luziânia-GO, em agosto de 2004, constitui-se num exemplo importante. A declaração final do evento foi assinada por aproximadamente 1.100 representantes de movimentos sociais e das organizações sindicais de trabalhadores do campo e da educação, de universidades, de Organizações Não Governamentais (ONGs) e de Centros Familiares de Formação por Alternância, de secretarias estaduais e municipais de educação e de outros órgãos de gestão pública. (HAGE, SILVA & BRITO, 2016, p. 151)

Alguns dos destaques da Conferência de Educação do Campo em Luziânia, (CNEC) foi pensar a formação inicial e continuada dos/as educadores/as e refletir em seus desafios, assegurada nas universidades públicas de forma gratuita e com o envolvimento dos movimentos sociais:

O que queremos: [...] Valorização e formação específica de educadoras e educadores do campo por meio de uma política pública permanente que priorize: a formação profissional e política de educadores e educadoras do próprio campo, gratuitamente; formação no trabalho que tenha por base a realidade do campo e o projeto político e pedagógico da Educação do Campo; incentivos profissionais e concurso diferenciado para educadores que trabalham nas escolas do campo; definição do perfil profissional do educador do campo. (CNEC, 2004, p. 4)

Fato muito importante porque de acordo com o que foi observado por Hage, Silva e Brito (2016) um dos fatores “desmotivantes” entre os/as profissionais da Educação do Campo é a vulnerabilidade e insegurança quanto à permanência no emprego. Pois, os/as servidores/as por motivos políticos acabam sendo “temporários” ou contratados e recontratados no final do ano, isentando a prefeitura de pagar 13º e férias. Outro fator é o transporte em tempos de chuvas que causam erosões nas estradas não pavimentadas. Sendo estes desafios apontados por Hage, Silva & Brito (2016) um dos inúmeros motivos de desafios que enfrenta a educação do campo.

O que vamos fazer: [...] Garantir a formação específica de educadoras e educadores do campo, pelas universidades públicas, pelo poder público em parceria com os movimentos sociais. [...] Investir na formação e na profissionalização dos educadores/das educadoras e outros profissionais que atuam no campo, priorizando os que nele vivem e trabalham. (CNEC, 2004, p. 6)

Entendemos como “movimentos sociais” como ações e expressões coletivas de um grupo organizado para um fim reivindicatório. No próximo tópico será abordado o quanto os movimentos sociais camponeses foram os protagonistas da educação do campo e das experiências que ocorreram no percurso de sua trajetória.

Percebemos que através da luta desses grupos sociais que defendem o direito à educação para o homem/mulher do campo, e para atender a demanda de tais objetivos, alguns programas que estão ligados à Educação do Campo, promovem, uma formação transformadora, que em vez de formar educadores/as como intelectuais da disseminação da pedagogia da hegemonia, formam educadores/as críticos/as, formuladores/as e disseminadores/as da contra hegemonia. Estes programas, listados a seguir, guiados em sua materialidade de origem na concepção político-pedagógica da educação do campo:

[...] propõem a ampliar os espaços de formação de educadores como sujeitos históricos sociais, capazes de formar novas gerações com uma perspectiva humanista e crítica, assumindo como princípios formativos: a Alternância Pedagógica com intervenção nas comunidades e nas escolas básicas (HAGE, SILVA E BRITO, 2016, p. 2)

Os programas que atendem/atenderam diversos professores/as de diferentes séries apresentado por Hage, Silva e Brito (2016) nos quais auxiliam na construção dessa proposta para a educação do campo estão descritos no próprio site do MEC e informados também por Hage, Silva e Brito (2016) são:

- PROGRAMA ESCOLA ATIVA – até 2012 atendeu à formação dos professores de escolas multisseriadas em serviço, tendo sido em 2013 substituído pelo Programa Escola da Terra, o qual promove a formação continuada de professores e professoras que atuam nas escolas multisseriadas rurais e quilombolas através de curso de aperfeiçoamento com a utilização da Alternância Pedagógica;
- PROJOVEM Campo Saberes da Terra - O Programa que se destina à escolarização de agricultores de 18 a 29 anos que não tenham concluído o Ensino Fundamental, concentra suas ações na formação em nível de pós-graduação lato sensu dos educadores e das educadoras que atuam no programa;<sup>20</sup>
- PRONACAMPO - O Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação no Campo oferece curso de graduação a professores e professoras das escolas rurais que lecionam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.<sup>21</sup>

O Programa Escola Ativa do Governo Federal capacitou professores também no Tocantins no período de sua vigência.

<sup>20</sup> <http://portal.mec.gov.br/projovem-campo--saberes-da-terra>

<sup>21</sup> <http://portal.mec.gov.br/tv-mec>

Além desses programas existem secretarias que incluem a modalidade em educação do campo que vai desde a logística e a supervisão das instituições (SESU) até a pauta da desigualdade na educação (SECADI). No site oficial do Ministério da Educação, são descritas informações mais explícitas sobre esses programas (BRASIL, 2018):

- SESU- A Secretaria de Educação Superior (SESu) é a unidade do Ministério da Educação responsável por planejar, orientar, coordenar e supervisionar o processo de formulação e implementação da Política Nacional de Educação Superior. A manutenção, a supervisão e o desenvolvimento das instituições públicas federais de ensino superior (IFES) e a supervisão das instituições privadas de educação superior, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996), também são de responsabilidade da SESU.
- SECADI- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Pauta a desigualdade na educação, a SECADI promove e materializa o esforço do MEC com os sistemas de ensino e instituições de ensino superior, bem como em articulação com diferentes movimentos sociais, para o acesso e permanência nas escolas enriquecidas e humanizadas pela diversidade sociocultural e pela inclusão. Entre 5 modalidades: Educação Especial; Educação de Jovens e Adultos; Educação do Campo; Educação Escolar Indígena; Educação Escolar Quilombola; Educação para as Relações Étnico-Raciais; Educação em Direitos Humanos. E assim, promove a articulação e convergência das agendas para garantir o direito de todos à educação, com qualidade e equidade.<sup>22</sup>

Apesar de algumas dessas organizações não produzirem mais atividades, essas informações contribuem para a compreensão da trajetória até chegar à ampliação da formação de professores/as para a Educação do Campo. Não houve um órgão específico, mas vários deles organizados propuseram um objetivo.

Em agosto de 2012 o Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Superior – SESU, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI tornou público o edital que pretendia estabelecer cursos regulares de Licenciatura em Educação do Campo, destinados à formação de professores/as para a docência nos anos finais do ensino fundamental

---

<sup>22</sup> A SECADI foi extinta em 2019.

e ensino médio nas escolas localizadas em áreas rurais, mediante assistência financeira. A UFT participou, concorrendo por dois campi (Arraias e Tocantinópolis), cada um com o seu projeto.

No dia 27 de setembro, foi publicado pela SETEC e da SECADI, o resultado final do processo de seleção de propostas de IFES e de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET, para criação de cursos de Licenciatura em Educação do Campo, na modalidade presencial, do Programa de Apoio a Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo - PROCAMPO, Edital SESU/SETEC/SECADI nº 2, de 31 de agosto de 2012(BRASIL, 2012a), em conformidade com os termos explicitados no item 1.1.

1.1 - O Programa visa apoiar a implantação de 40 cursos regulares de Licenciaturas em Educação do Campo, que integrem ensino, pesquisa e extensão e promovam a valorização da educação do campo, com no mínimo 120 vagas para cursos novos e 60 vagas para ampliação de cursos existentes, na modalidade presencial a serem ofertadas em três anos. Os Projetos deverão contemplar alternativas de organização escolar e pedagógica, por área de conhecimento, contribuindo para a expansão da oferta da educação básica nas comunidades rurais e para a superação das desvantagens educacionais históricas sofridas pelas populações do campo, tendo como prioridade a garantia da formação inicial de professores em exercício nas escolas do campo que não possuem o Ensino Superior. (BRASIL, 2012, p.1)

De acordo com a lista de Propostas aprovadas por ordem de classificação, o campus de Tocantinópolis da Universidade Federal do Tocantins (UFT), foi o 39º de 44 vagas. Essas dezenas de universidades com propostas aprovadas, contemplaram as mais diversas áreas espalhadas por várias cidades do país, sendo a grande parte fora da capital de seu respectivo estado que somaram aos cursos de nível superior já existentes dessa modalidade.

De acordo com o site oficial do Ministério da Educação - MEC, o Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação no Campo – PROCAMPO oferece graduação a professores\as das escolas rurais que lecionam nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, grande parte possui apenas o ensino médio. O desafio da União, estados e municípios é oferecer graduação a 196 mil professores\as que lecionam no campo apenas com formação de nível médio.

O Programa Nacional de Educação do Campo (PRONACAMPO) foi lançado em 2011, e tem modificado a realidade das regiões rurais. Ele possui 4 (quatro) eixos: gestão e práticas pedagógicas, formação de professores, educação de jovens e adultos e educação profissional e tecnológica. Uma das ações previstas é a educação contextualizada, que promova a interação entre o conhecimento científico e os saberes das comunidades.

Ainda no site do MEC (BRASIL, 2012b) é justificada a importância do PRONACAMPO para o país citado na cerimônia de lançamento do programa em 2012 no Palácio do Planalto. A presidenta daquele período, a senhora Dilma Rousseff diz: “Nós estamos

apostando que uma nova geração vai se beneficiar de tudo que fazemos nesta, mudando a feição do campo brasileiro e garantindo que ele será um lugar digno e de qualidade para se morar e se criar os filhos [...]” (ROUSSEFF, 2012, *apud* BRASIL, 2012b, p. 1)

O ministro da Educação na época, presente na cerimônia, Fernando Haddad, afirmou que o Brasil tem uma dívida histórica com a população do campo porque o Brasil é o segundo maior produtor agrícola, porém não tinha políticas públicas específicas no campo da Educação para a população do campo brasileira.

Entre as ações previstas, foi proposto que seriam oferecidos cursos de licenciatura para formação de professores/as e cursos de aperfeiçoamento porque na área rural, 46,8% dos/as professores/as não tinham licenciatura (BRASIL, 2012b). O país tinha na época (ano de 2012) 73.483 instituições de ensino municipais e estaduais no campo, das quais 1.856 quilombolas, 2.823 indígenas. As demais 68.804 são escolas rurais ou unidades em assentamentos. Atualmente na base de dados do e-MEC (sistema eletrônico de acompanhamento dos processos que regulam a educação superior no Brasil)<sup>23</sup>, foi encontrado 64 registros de cursos de licenciatura em Educação do Campo no país (Quadro 1 e Figura 9). Sendo 2 (dois) na modalidade à distância. Sendo 44 delas, vindas do mesmo edital nº 2 proposto pela SESU/SETEC/SECADI. (BRASIL, 2012a). Ao longo do país, os cursos seguem nas seguintes categorias.

---

<sup>23</sup> <http://emec.mec.gov.br/>

**Quadro 1 – Cursos existentes de Educação do Campo no Território Nacional**

<b>Região</b>	<b>Data de início</b>	<b>Localidade</b>	<b>Instituições</b>	<b>Siglas</b>	<b>Habilitação</b>
Centro Oeste	27/08/2007	Planaltina	Universidade de Brasília	UNB	Educação do Campo
Centro Oeste	06/03/2014	Campus de Goiânia e Catalão	Universidade Federal de Goiás	UFG	Educação do Campo
Centro Oeste	28/11/2013	Campus de Campo Grande	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	UFMS	Educação do Campo
Centro Oeste	20/01/2014	Campus de Dourados	Universidade Federal da Grande Dourados	UFGD	Educação do Campo
Nordeste	-	-	Universidade do Estado da Bahia	UNEB	Não iniciado
Nordeste	14/04/2009	Campus De Bacabal	Universidade Federal do Maranhão	UFMA	Habilitação em Ciências Agrárias;
Nordeste	11/08/2018	Campus de Salvador	Universidade Federal da Bahia	UFBA	Educação do Campo
Nordeste	11/11/2013	Campus de Amargosa	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	UFRB	Habilitação em Ciências Agrárias;
Nordeste	15/04/ 2014	Campus de Bom Jesus, Floriano, Picos e Teresina.	Universidade Federal do Piauí	UFPI	Habilitação em Ciências da Natureza.
Nordeste	-	Crato – CE	Universidade Regional do Cariri	URCA	Habilitação em linguagens e códigos; Não iniciado, mas em atividade.
Nordeste	10/06/2013	Feira de Santana	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	UFRB	Ciências da Natureza e Matemática

**Quadro 1 – Cursos existentes de Educação do Campo no Território Nacional (continuação)**

<b>Região</b>	<b>Data de início</b>	<b>Localidade</b>	<b>Instituições</b>	<b>Siglas</b>	<b>Habilitação</b>
Nordeste	-	-	Universidade Federal da Paraíba	UFPB	Curso De Pedagogia voltado à Educação Do Campo
Norte	01/01/2009	Abaetetuba	Universidade Federal do Pará	UFPA	Educação do Campo
Norte	14/09/2015	Campus de Rolim de Moura	Universidade Federal de Rondônia	UNIR	Ciências da Natureza com habilitação em Biologia, Física e Química ou Ciências Humanas e Sociais com Habilitação em Filosofia e Sociologia.
Norte	20/07/2009	Campus de Altamira, Bragança, Breves, Castanhal, Conceição do Araguaia, Marabá, Santarém, Abaetetuba, Tucuruí.	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará	IFPA	Educação do Campo
Norte	03/08/2009	Marabá	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	UNIFESSPA	Educação do Campo
Norte	29/09/2014	Mazagão	Universidade Federal do Amapá	UNIFAP	Ciências Agrárias e Biologia
Norte	09/08/2010	Campus de Boa Vista	Universidade Federal de Roraima	UFRR	Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Natureza e Matemática
Norte	-	-	Universidade Federal do Amapá	UNIFAP	Física e Biologia Sem outras informações
Norte	22/04/2014	Campus De Arraias e Tocantinópolis	Universidade Federal do Tocantins	UFT	Linguagens e Códigos (Artes e Música)
Norte	-	-	Universidade Estadual de Roraima	UERR	Curso De Pedagogia Voltado À Educação Do Campo
Sudeste	01/09/2014	Campus de São Mateus e Vitória	Universidade Federal do Espírito Santo	UFES	Educação do Campo
Sudeste	30/04/2014	Campus de Seropédica	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	UFRRJ	Educação do Campo
Sudeste	22/10/2005	Belo Horizonte	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	Educação do Campo

**Quadro 1 – Cursos existentes de Educação do Campo no Território Nacional (continuação)**

<b>Região</b>	<b>Data de início</b>	<b>Localidade</b>	<b>Instituições</b>	<b>Siglas</b>	<b>Habilitação</b>
Sudeste	01/07/2014	Campus de Uberaba	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM	Educação do Campo
Sudeste	-	Inconfidentes.	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas	IF SUL DE MINAS	Não iniciado
Sudeste	17/03/2014	Viçosa (MG)	Universidade Federal de Viçosa	UFV	Ciências Da Natureza
Sudeste	-	Campos Dos Goytacazes	Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert	ISEPAM	Ciências da Natureza e Matemática (Não Iniciado)
Sul	31/03/2014	Campus São Lourenço Do Sul.	Universidade Federal do Rio Grande	FURG	Ênfase em Ciências da Natureza e Ciências Agrárias
Sul	12/09/2014	Campus Matinhos	Universidade do Paraná	UFPR	Educação do Campo
Sul	16/08/2014 e 19/09/2014	Campus de Porto Alegre e campus de Tramandaí	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	Ambos com início no segundo semestre de 2014
Sul	06/03/2017	À Distância, abrange vários municípios	Universidade Federal de Santa Maria	UFSM	Educação do Campo
Sul	03/08/2009	Campus de Florianópolis	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	Ciências da Natureza e Matemática
Sul	18/01/2010	Campus de Diamantina	Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	UFVJM	Linguagens e Códigos e Ciências da Natureza
Sul	03/01/2009	Á Distância	Universidade Federal de Pelotas	UFPEL	Educação do Campo

**Quadro 1 – Cursos existentes de Educação do Campo no Território Nacional (continuação)**

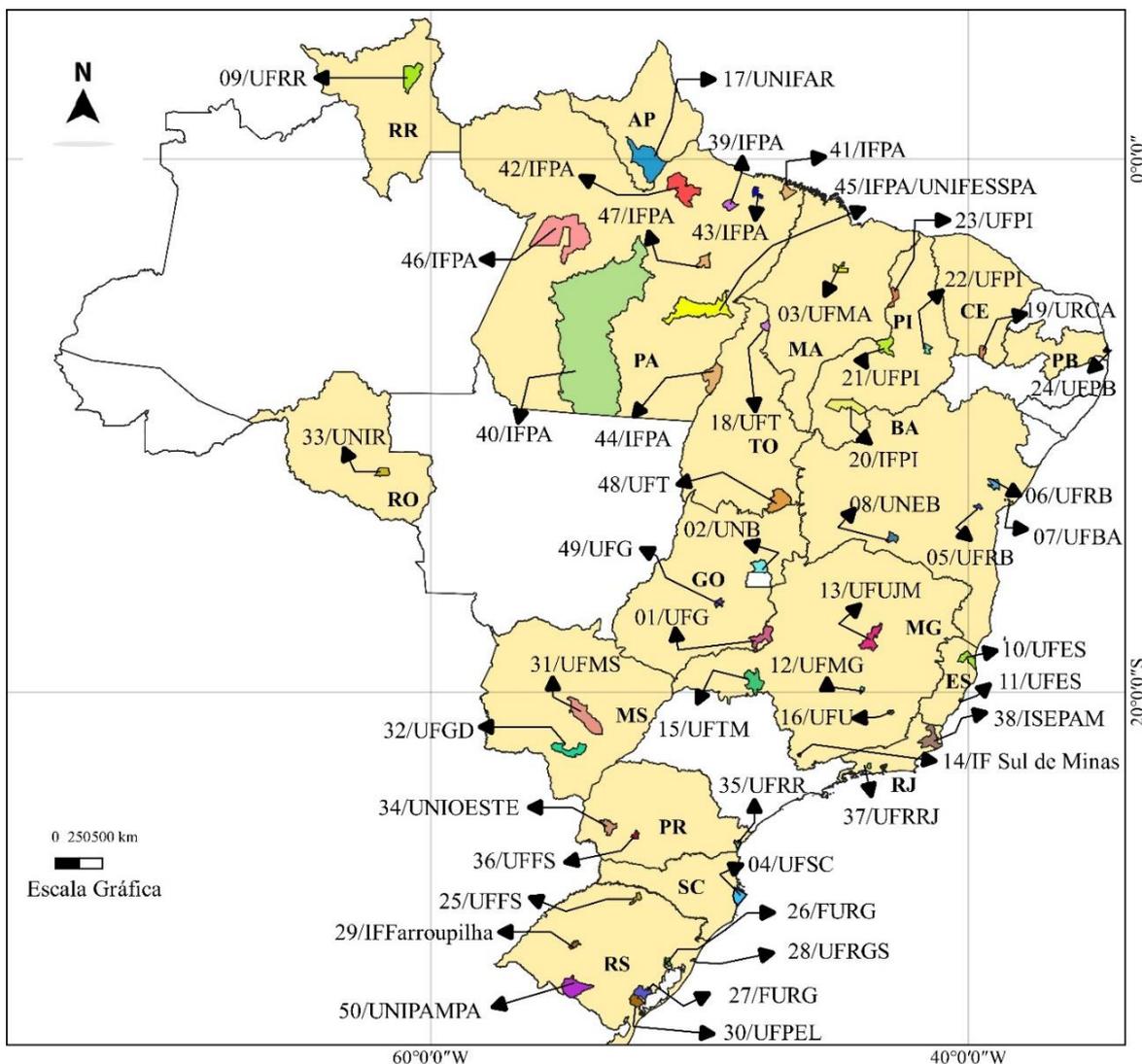
<b>Região</b>	<b>Data de início</b>	<b>Localidade</b>	<b>Instituições</b>	<b>Siglas</b>	<b>Habilitação</b>
Sul	01/07/2014	Campus de Dom Pedrito - RS	Universidade Federal do Pampa	UNIPAMPA	Ciências da Natureza
Sul	07/03/2014	Campus de Jaguari	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha	IFFarroupilha	Ciências Agrárias
Sul	01/02/2010	Campus de Cascavel	Universidade Estadual do Oeste do Paraná	UNIOESTE	Ciências Agrárias, Ciências Da Natureza e Matemática.
Sul	21/11/2013	Erechim	Universidade Federal da Fronteira Sul	UFFS	Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza
Sul	29/03/2010 <sup>24</sup>	Campus Laranjeiras Do Sul	Universidade Federal da Fronteira Sul	UFFS	Ciências Naturais, Matemática e Ciências Agrárias, criado em 2010
Sul	Não iniciado <sup>25</sup>	Laranjeiras Do Sul	Universidade Federal da Fronteira Sul	UFFS	Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências da Natureza

Fonte: emec.mec.gov.br, adaptado pela autora.

<sup>24</sup> Em Processo de desativação/extinção voluntária: processo 23000.034074/2018-82

<sup>25</sup> Previsão para 04/03/2019.

**Figura 9 – A Espacialização Brasileira dos Cursos de Educação do Campo**



**LEGENDA**

UF - Brasil	12 Belo Horizonte - MG	25 Erechim - RS	39 Abaetetuba - PA
Estados em Destaque	13 Diamantina - MG	26 Porto Alegre - RS	40 Altamira - PA
01 Catalão - GO	14 Inconfidente - MG	27 São Lourenço do Sul - RS	41 Bragança - PA
02 Planaltina - GO	15 Uberaba - MG	28 Tramandai - RS	42 Breves - PA
03 Bacabal - MA	16 Viçosa - MG	29 Jaguarí - RS	43 Castanhal - PA
04 Florianópolis - SC	17 Mazagão - AP	30 Pelotas - RS	44 Conceição do Araguaia - PA
05 Amargosa - BA	18 Tocantinópolis - TO	31 Campo Grande - MS	45 Marabá - PA
06 Feira do Santana - BA	19 Crato - CE	32 Dourados - MS	46 Santarém - PA
07 Salvador - BA	20 Bom Jesus - PI	33 Rolim de Moura - RO	47 Tucuruí - PA
08 Guanambi - BA	21 Floriano - PI	34 Cascavel - PR	48 Arraias - TO
09 Boa Vista - RR	22 Picos - PI	35 Matinhos - PR	49 Goiânia - GO
10 São Mateus - ES	23 Teresina - PI	36 Laranjeiras do Sul - PR	50 Dom Pedrito - RS
11 Vitória - ES	24 João Pessoa - PB	37 Seropédica - RJ	
		38 Campos dos Goytacazes - RJ	

Fonte: SEPLAN-TO (2012);(IBGE-2010);Projeção/DATUM: Geografica/SAD-69; Elaboração Gráfica: FRANÇA, Andison (02/19)

É importante frisar que cada curso, trabalha o processo de formação docente em diferentes modalidades devido aos diferentes projetos a qual submeteram. A educação do campo com habilitação em Artes e Música é uma modalidade única no Brasil. O curso da Universidade Federal do Tocantins com essa modalidade de educação tem uma participação fundamental dentro da região. “[...] esses cursos têm um pioneirismo na formação em Arte do campo.” (MIRANDA & SILVA, 2018, p.186) As formações nas respectivas áreas podem causar efeitos diferentes dependendo da região. A realidade, cultural da região sul, por exemplo, é diferente da região norte, por se tratar de estudantes que carregam culturas e histórias diferentes. As necessidades também os diferem dependendo do contexto da região no qual o curso se encontra.

Existem estados com o PIB – Produto Interno Bruto menor, com a pobreza ou com o nível de escolaridade menor, que elevam a necessidade de políticas públicas e ações que favoreçam o homem e a mulher do campo que são tão afetados pela desigualdade social. Porém a pluralidade de acesso ao curso de Educação do Campo se tornou um grande passo de conquista vinda de muitas dificuldades e a caminho diminuir as vulnerabilidades dessa população.

#### **4.6 O curso de Licenciatura em Educação do Campo como conquista (contexto local)**

Uma história por trás da licenciatura determinou que Tocantinópolis sediasse um curso que tem como público alvo um perfil de pessoas que estão próximas. O acesso à universidade para pessoas que não moram na cidade, tornou-se flexibilizado por meio de uma licenciatura adaptada à realidade do/a homem/mulher do campo. E para materializar essa proposta, foram consideradas propostas contra hegemônicas, contrariando uma situação desigual que o/a homem/mulher do campo estava sendo submetido.

Para Almeida (2016, p.25) os movimentos sociais são “[...] ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural com variadas formas de organização”. Faz-se necessário o estudo dos movimentos sociais como ações sociopolíticas ao se discutir a Educação do Campo porque esta proposta educacional é uma luta constante dos movimentos sociais que passou por uma trajetória de batalhas para a conquista da valorização do espaço camponês. Uma vez que historicamente a população do campo e sua educação têm sido submetidas a situações desiguais.

Em geral, o foco desta pesquisa está nos/as alunos/as de Educação do Campo, quem são, onde vivem, como estão sendo preparados para ser um profissional Educador\do Campo mediante tantos obstáculos enfrentados para estudar e a distância em conseguir a grande conquista da formação de nível superior.

A UFT como a universidade pública da região tem um papel favorável na criação do curso quando contrapôs através da criação do curso, a dominação e a exclusão historicamente impostas aos povos do campo. A elaboração do projeto que designou a aprovação da criação a partir do Edital 02/2102-MEC/SECADI (BRASIL, 2012) contou com a participação de professores\as da instituição e integrantes dos movimentos sociais do campo que historicamente lutam para manutenção desta população em seus territórios originários e/ou tradicionais: Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)<sup>26</sup>, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)<sup>27</sup> e Comissão Pastoral da Terra (CPT)<sup>28</sup>. Os três movimentos são reivindicatórios e estão na região diretamente ligados ao homem/mulher do campo.

Os movimentos sociais camponeses são os protagonistas da educação do campo e das experiências que ocorrem no percurso de sua trajetória. A educação do campo é resultado do movimento social “Por uma Educação do Campo”, que faz crítica à realidade educacional brasileira, em especial à dos povos que vivem do/no campo. O surgimento da expressão educação do campo nasce no contexto preparatório da I Conferência Nacional por uma Educação do Campo, realizada em Luziânia, em julho de 1998, que passa a ser chamada assim a partir do Seminário Nacional, realizado em Brasília, em 2002 (ALMEIDA, 2016, p. 35).

Um fator também importante que contribuiu para a criação do curso em Tocantinópolis foi a demanda levantada por trabalhadores/as do campo manifestadas pelas associações comunitárias no Bico do Papagaio (região do Tocantins próximo de Tocantinópolis em torno de 25 municípios), e assentamentos da região (com 24 mil famílias assentadas) segundo informações descritas no Projeto Pedagógico do Curso. (UFT, 2016).

---

<sup>26</sup> O Movimento dos Atingidos por Barragens. Participam dos Grupos de Base todas as famílias ameaçadas ou atingidas direta e indiretamente por barragens. Inclui os atingidos pela UHE de Estreito - MA, cidade vizinha à Tocantinópolis.

<sup>27</sup> O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra luta pela reforma agrária e transformação social, entre outras bandeiras sociais.

<sup>28</sup> A CPT teve início com bispos amazônicos em apoio aos “posseiros” da Amazônia. Na promoção e defesa do direito ao trabalho, a CPT tem se destacado na denúncia e no combate sistemático ao trabalho escravo, defesa dos direitos humanos e da água. “O homem e a mulher do campo são os que definem os rumos a seguir, seus objetivos e metas” (CPT, 2010).

Em 2013 o curso foi aprovado no Conselho Superior da UFT, realizado a primeira seleção para compor o quadro inicial de docentes, onde estes formalizaram o primeiro Projeto Pedagógico do Curso (PPC), e em 2014, através do processo seletivo, 75 discentes são ingressados no curso. (OLIVEIRA & COVER, 2016)

Em concomitância com o PPC do curso de Licenciatura em Educação do Campo do Campus de Tocantinópolis, o objetivo é formar um profissional docente multidisciplinar a partir do seguimento proposto, ou seja, apesar da competência de lecionar várias disciplinas, o/a estudante desenvolve durante 4 (quatro) anos suas habilidades docentes através de uma determinada área de conhecimento, a saber Códigos e Linguagens. E ainda, participar da gestão de processos educativos escolares e atuando de forma pedagógica nas comunidades rurais. De maneira generalizada o curso pretende:

Realizar uma formação contextualizada na área de Artes e Música que possibilite ao discente de Licenciatura uma identidade na área de formação de educadores/as politicamente comprometida com a cultura, as lutas sociais e com o campo brasileiro. [...] Formar professores para o exercício da docência na área de conhecimento Códigos e Linguagens nos anos finais do ensino Fundamental e Ensino Médio com foco em Artes-Música e Arte (UFT, 2016, p.35)

A escolha da habilitação em artes e música, através da área de linguagens, se deu pela necessidade de oportunidades nessa área restrita na região porque não existe um curso parecido direcionado à área de artes. Os/as professores/as que contribuíram para a construção do PPC foram: Flavio Moreira (*in memoriam*)- Doutor em Educação; Marcus Facchin Bonilla – Mestre em Música; Rejane Cleide Medeiros de Almeida – Mestre em Educação; Suene Honorato de Jesus – Doutora em Teoria e História Literária; Ubiratan Francisco de Oliveira - Mestre em Geografia; Witembergue Gomes Zaparoli – Mestre em Educação. Sob um olhar histórico, “[...] a questão da educação destinada a população residente no meio rural nos leva a um entendimento de um momento de passagem da educação rural a educação do campo” (UFT, 2016, p. 31).

Na educação do campo, busca-se superar a oposição entre a cidade e o campo garantido na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) que dispõe do compromisso do Estado e da sociedade em promover a educação para todos, garantindo o direito ao respeito e à adequação da educação às singularidades culturais e regionais e para isso, formar professores/as que dê conta da gestão dos processos educativos, é preciso que na licenciatura, docentes que tenham atuação profissional adequada e compreendam a realidade e a dinâmica do curso e da região. Nesse sentido, exploramos, no subtópico

seguinte, informações e contexto para identificar se esse carecimento é encontrado no profissional docente do curso.

#### **4.7 Perfil Docente, os Grupos Representados, Atuação dos Docentes**

Para o funcionamento do currículo proposto foi necessário a contratação de, no mínimo, 15 professores/as com carga horária de 40h semanais e Dedicção Exclusiva às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Após a criação do curso, em 2013, foi realizado o primeiro concurso para cinco docentes efetivados e também mais duas remoções internas para compor o quadro inicial docente. Estes professores citados no item anterior (3.1.) criaram a primeira versão do Projeto Pedagógico do Curso-PPC aprovado pelo Conselho Superior da UFT. Após a primeira turma de estudantes em 2014, é realizado outro concurso com a entrada de mais sete docentes em 2015 sendo um por remoção interna e outros seis via concurso, no final do mesmo ano efetivaram-se mais dois docentes e assim totalizou quinze docentes ao todo de acordo com o Edital 02/2012-MEC/SECADI (BRASIL, 2012).

Hoje, continuam no curso os 15 docentes, à medida que alguém entra de licença para qualificação, a instituição abre o edital para contratação de professor/a substituto/a. Os que atuam no curso efetivamente atualmente são os/as professores/as: a) área de música: José Jarbas Pinheiro Ruas Junior; Marcus Facchin Bonilla; Mara Pereira da Silva e Anderson Fabrício Andrade Brasil, sendo esses quatro os/as professores/as que trabalham as disciplinas relacionadas à Artes/Música. O grupo de professores/as que dialogam com as disciplinas teatro é composto pelos/as professores/as: Leon de Paula; Luana Mara Pereira e Rosa Adelina Sampaio Oliveira, e o docente responsável pelas disciplinas de Artes Visuais é o professor Gustavo Cunha de Araújo.

Para dialogar com a dimensão pedagógica nas disciplinas na área da Educação encontram-se o professor Maciel Cover e a professora Juliane Gomes de Sousa. No âmbito da parte camponesa, tem os/as docentes: Cássia Ferreira Miranda; Rejane Cleide Medeiros de Almeida; Ubiratan Francisco de Oliveira e Sidinei Esteves de Oliveira de Jesus, há também o professor Cicero da Silva que trabalha com a linguística nas disciplinas relacionadas com a leitura e produção de texto. Totalizando 15 professores no curso, atingindo o proposto. Além dos/as professores/as substitutos/as que são nomeados temporariamente em substituição a um/uma docente efetivo/a conforme demanda. Sete destes professores participaram de uma entrevista semiestruturada (Apêndice 2) acerca de vários assuntos relacionados à sua docência no curso, desde o início até as experiências

atuais. Eles/elas vieram das mais variadas partes do país, dialogando com esses/as professores/as, encontramos os que se adaptaram muito bem ao contexto social daquela região do estado do Tocantins, inclusive os que estavam habituados com cidades grandes. Um docente afirmou que era familiarizado com pessoas e características urbanas diferentes da qual era acostumado. Para ele, foi preciso considerar e compreender as especificidades, o contexto e os saberes das pessoas da região.

Ao serem questionados sobre sua adaptação três dos/as sete entrevistados/as acharam difícil ou disseram que sentiram uma grande diferença. Um deles explicou que havia na Educação do Campo, uma “[...] concepção diferente da sua formação [...]”, mas que o que o ajudou a enfrentar essa demanda, foi o próprio concurso e que o fez preparar para o que estava por vir. Concordando com a fala dele, outro professor também afirmou peculiaridades na sua formação diferentes das encontradas na licenciatura em Educação do Campo, e que para se adaptar à Educação do Campo, houve nele um processo de reconstrução:

*[...] É um processo né, acho que boa parte dos colegas, principalmente na área de Artes vem de um perfil de formação que pouco dialogava com a perspectiva da Educação do Campo. Vou me concentrar no meu histórico: Eu vim de uma instituição, a escola de música da UFRJ que foi o primeiro conservatório de música do Brasil, foi fundado lá no segundo Império com todo um perfil, um currículo formado ali a partir da música de tradição europeia. Então fiz ali um curso de música com essa concentração de repertório da música europeia, né. Ao longo da minha formação como licenciado também em música, essas perspectivas da pedagogia da alternância, que orientam aqui a Educação do Campo, não passam, não perpassam o currículo de formação de professores de música Universidade no Rio de Janeiro. Então quando cheguei aqui foi um processo mesmo de [...] pegar um pouco do que o Boaventura Santos fala da deseducação pra poder me reeducar [...] eu tive que me deseducar, daquilo que eu trabalhei ali dentro da minha formação original, pra poder me reeducar a partir dos princípios da Educação do Campo. (Professor2, 2019)*

Alguns/algumas professores/as que já tinham relacionamento com a Educação do Campo. Uma professora dos sete docentes participantes, também estava habituada com grandes centros, mas que era um objetivo de vida, ir para uma cidade do interior, longe da agitação da cidade grande. Então ser docente do curso, foi para ela mais que uma oportunidade, mas uma expectativa de vida de ir para um lugar do “interior”. Ela já trabalhava com Educação do Campo e é um dos/as quatro professores/as participantes que consideraram a adaptação fácil. Destes quatro, apenas três já moravam/trabalhavam na região antes de serem efetivados à Licenciatura em Educação do Campo. Ao ser questionado como foi a adaptação:

*[...] foi muito rápido, eu já era fruto dessa educação popular. E assim, com essa diversidade vai sendo construído o perfil docente do curso partilhando sempre entre eles os saberes: a gente contou muito com a ajuda dos próprios colegas, a gente já tinha na época quando eu cheguei” (Professor2, 2019).*

O curso, como abrange uma área nova na região do Bico do Papagaio no norte do Tocantins, é perceptível e compreensível que os/as docentes que são da área de Artes/Música vêm de outros estados.

Em contrapartida, é curioso observar que os que trabalham com agrárias, povos tradicionais, linguagens ou educação, pertencem a um grupo de pessoas mais próxima da região. E isso reforça a importância da exploração de uma área nova, sendo artes e música. A diferença de perfis e culturas particulares de cada docente acrescenta de maneira favorável na formação do curso.

#### 4.7.1 Riscos e desafios docente

Neste subtópico, será abordado alguns riscos e desafios enfrentados pelos docentes ao longo de suas experiências. Através do trabalho de Oliveira & Cover<sup>29</sup> (2018) derivado do relatório final da pesquisa sobre a expansão da Educação Superior do Campo, algumas considerações acerca do perfil docente devem ser consideradas.

Os/as professores/as do quadro inicial de docentes participaram de atividades em eventos interestaduais que socializaram situações que os articulavam na consolidação de um ensino superior de licenciatura voltado a campo. E diante disso, procurou correlacionar à pesquisa com base na “[...] materialidade do processo de construção do processo de construção do curso e seu contexto social e histórico no Tocantins, em especial na Região do Bico do Papagaio, onde ele está implantado” (OLIVEIRA & COVER, 2018, p.2).

Dentro do curso especificado de Licenciatura em Educação do Campo – Artes e Música, há riscos e potencialidades destacadas por Oliveira e Cover (2018). “[...] A formação de 5 turmas de discentes que somam mais de 250 discentes, fato que comprova a existência de demanda de formação de educadores para o campo” (OLIVEIRA & COVER, 2018, p. 3). Isso dá uma média de mais de 50 alunos por turma. É uma carga muito grande em relação ao desempenho de uma turma menor sob as mesmas condições. É um desafio para o docente do curso, desenvolver situações de aprendizagem com essa quantidade de acadêmicos.

---

<sup>29</sup> Docentes efetivos no curso de licenciatura em Educação do Campo

Oliveira e Cover (2018) apresentam as potencialidades nos seguintes aspectos observados por eles nos itens de “a” ao “f”:

[...]a) A formação destes mais de 250 educadores que passam pelo processo de desvelar de identidades camponesas por meio do acesso à oficinas de histórias de vida[...] b) cartografia social, conteúdos que abordam as questões agrárias e movimentos sociais do campo, bem como sobre a história da educação do campo no Brasil [...] c) o fortalecimento da Educação do Campo na região por meio da articulação com Fórum Estadual de Educação do Campo, junto com os movimentos sociais e as Escolas Família Agrícola [...] d) a utilização de práticas contra-hegemônicas de educação pautadas no âmbito da gestão da Universidade com a Alternância Pedagógica e as Jornadas de Educação do Campo e Questões Agrárias [...] e) Contribuição no fortalecimento das políticas de ações afirmativas na universidade com o maior número de discentes que demandam políticas de assistência estudantil [...] f) Colocar em pauta nos debates da universidade a Epistemologia da Práxis diante da Epistemologia da Prática.

Considerando riscos que podem envolver relações docentes, Oliveira & Cover (2018) destaca que tais riscos representam aquilo que pode prejudicar de alguma forma os objetivos do curso e os princípios fundamentais que estão presente nesta educação “contra-hegemônica” e envolve os docentes do curso:

[...] b) A alta rotatividade de docentes pode ser lida como uma situação de risco ao andamento do processo de consolidação do curso, dentro dos padrões apresentados pela proposta original; c) A dinâmica da educação do campo e da pedagogia da alternância no interior das universidades brasileiras é um fenômeno recente, e por isso, os docentes ao ingressarem necessitam de um tempo para se familiarizarem com essa dinâmica. Se apresenta o que podemos indiciar como “choque de habitus”, que se demonstra entre “habitus acadêmico” e o “habitus da Educação do Campo”. Por mais que a rotatividade dos docentes tenha essa face de risco, se apresenta uma outra face de oportunidade, pelo fato de uma possível oxigenação de ideias que novos docentes podem trazer, tendo o devido cuidado de não desvirtuar a proposta original do curso, dentro dos parâmetros construídos pelo conjunto de atores que compõem o cenário da Educação do Campo; [...] (OLIVEIRA & COVER, 2018, p. 3) (grifo do autor)

A preocupação descrita no item b) é em relação aos docentes que entram no curso através do concurso, mas que desejam na próxima oportunidade voltar à suas origens, ou seja, não se apropriam de fato da região Tocantinopolina. Já houve caso de professores ir somente no período de suas aulas e depois voltar para seu estado, onde melhor se adaptava.

A análise do perfil das pessoas que articulam o curso não pode ser considerada apenas o perfil de docente, mas também dos estudantes que preenchem toda a finalidade da graduação. Discentes e docentes contribuem para a construção da imagem/realidade do curso.

## **5 TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS CONEXÕES INTERDISCIPLINARES**

Neste capítulo que articula teórico e empírico: Tecnologia, Educação do Campo e suas Conexões Interdisciplinares será transcrito uma relação interdisciplinar dos dados apresentados anteriormente com o curso. Em uma das etapas das entrevistas foi questionado sobre o uso de tecnologias nas salas de aula e como foi trabalhado. Os/as estudantes nos retornaram opiniões sobre essas tecnologias digitais, alguns reconheceram tecnologias não digitais, e através desses diálogos, das experiências de professores/as e estudantes, iremos buscar elementos da interdisciplinaridade articulando cultura e território.

### **5.1 Pontos a considerar**

Muitas coisas aconteceram, mas alguns pontos em ordem de acontecimentos fazem conexões ao trabalho aqui proposto. São prefixos importantes para a compreensão dos resultados apresentados:

- 1- A tecnologia entrou na vida das pessoas ainda na era primitiva como uma forma de sobrevivência humana.
- 2- Ao longo da história, segundo Fonseca (2010) são criadas as condições para a manifestação de novas formas de organização espacial e sociedade surgindo as primeiras cidades.
- 3- A cidade dependia da produção do campo.
- 4- Houve uma separação entre campo-cidade devido ao crescimento da industrialização e essa industrialização passa a se empoderar primeiro das tecnologias.
- 5- As cidades industriais hegemônicas as populações do campo estigmatizando os como “atrasados”, levando-os a migrar para a cidade seguindo princípios da urbanização inclusive no Brasil evidente na era Vargas. (MUNARIM, 2014)
- 6- A educação era voltada à uma perspectiva “urbanocêntrica”.
- 7- A cidade/indústrias continuam a depender da produção do campo fortalecendo a resistência campesina.

- 8- A agricultura do campo passa a ser um dos setores da indústria e essa consideração leva tecnologias para grande parte do campo provocando transformações socioespaciais. (MATOS & MEDEIROS, 2011).
- 9- No Brasil, a partir de uma nova constituinte, propõe-se superar a oposição entre a cidade e o campo garantido na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988)
- 10- Inicia-se a Educação voltada aos espaços e formação do homem/mulher do campo contra hegemonizando à situação urbanocêntrica primeiramente proposta, valorizando o perfil camponês.
- 11- São criados os cursos de nível superior em Educação do Campo dentro da perspectiva de alternância (período campo-período universidade ou centro urbano)
- 12- Chega se ao questionamento: **Como estão sendo utilizadas as tecnologias por estudantes de educação do campo?**

Essas Tecnologias (com ênfase aqui neste trabalho, às Tecnologias Digitais) que em grande parte potencializaram-se dentro das cidades para o trabalho, para as redes de comunicações e conexões, como se consolidam entre os estudantes, como utilizam e em que situações os julgam necessário sua utilização? Para a resposta desse questionamento, entram aí os estudantes do curso superior de licenciatura em Educação do Campo – Artes e Música, que passaram pela universidade nos anos entre 2017 e 2019.

## **5.2 Percepções de Tecnologia (digital ou não): O que dizem os/as estudantes de Educação do Campo**

Ao longo da trajetória de interação com os/as estudantes da licenciatura em Educação do Campo (UFT – Tocantinópolis) foi observado que existiam instrumentos digitais utilizados por eles, não digitais. Mas, os/as estudantes de Educação do Campo utilizam artefatos auxiliares no seu dia a dia acadêmico. São alguns aparelhos digitais que iremos abordar dentro de uma perspectiva pedagógica. Eles os identificam como tecnologias.

A produção tecnológica é inerente e própria ao homem. Este, através de várias circunstâncias, converteu-se em uma criatura pensante em virtude de sua capacidade de construir e, por sua vez, o produto fez do homem um ser pensante com a capacidade de criação de materiais e técnicas (VERASZTO, *et al.*, 2008), e com isso, a tecnologia.

Considerando que existe um imaginário persistente entre às sociedades de que a tecnologia está relacionada sempre a algo digital, ou alguma novidade no meio científico, para iniciar a relação entre a teoria e as evidências dos dados primários obtidos nas interlocuções com os/as estudantes do curso de Licenciatura em Educação no Campo (UFT-Tocantinópolis) de modo a encontrar as técnicas utilizadas e transformadas em tecnologia, seja analógica ou digital, conforme Veraszto, *et. al.* (2008, p. 62) relaciona técnicas e tecnologias “[...] o encadeamento das grandes circunstâncias sociais que ora favoreciam, ora prejudicavam o esforço humano em desenvolver seus artefatos e modificar o mundo ao seu redor, garantindo-lhes assim, melhores condições de vida [...]”.

E foi através das narrativas dos/as 17 (dezesete) estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis) que buscamos as percepções dessas técnicas que teve as mais variadas respostas. Algumas de forma objetiva (quantificáveis) e outras de forma qualitativas. Para manter a preservação das identidades, mas conhecer sobre as comunidades, foi optado por identificar as 17 pessoas pela característica da comunidade seguido da ordem de entrevista a qual o/a estudante foi submetido/a.

A primeira pergunta foi relacionada à ideia de materiais e métodos de trabalho humano, solicitando se poderia nos explicar da sua comunidade/região, “*quais são os meios e instrumentos que mais auxiliam nas atividades humanas?*”. A princípio a ideia era conhecer quais as técnicas utilizadas e suas tecnologias de acordo com Veraszto, *et. al.* (2008) que fala da tecnologia como o estudo do aperfeiçoamento da técnica. Tratamos a tecnologia como um processo de saber fazer contínuo e crescente. Obtivemos as seguintes respostas:

*[...] ela é muito de musicalidade assim, a gente faz tudo com música. Se colhe capim é com música, se colhe arroz é com música, então assim, é a gente faz tudo com música, então a música é um meio de interagir, um meio de expressar nossa luta, nossa conquista [...].* (Quilombo1, 2018)

Quilombo1 mora em uma comunidade quilombola do Jalapão, e ao ser questionada, logo ligou à música que é valorizada e praticada pela comunidade como um meio de expressão, que segundo ela, só há colheita com música.

O morador urbano de Tocantinópolis, relata sobre quais os instrumentos o auxiliam nas atividades ele respondeu sem hesitar:

*Tem vários instrumentos que facilitam né [...], o computador pra acessar a internet, é no caso, é um deles, que é um instrumento muito forte, auxiliador, [...] que facilita nossa vida acadêmica, e outras questões que facilitam também*

*é o diálogo, é outro instrumento muito forte que acaba auxiliando a gente nessa nossa comunidade, e porque como em algumas comunidades eles não tem tanto acesso à informação. (Tocantinópolis1, 2018)*

Durante a entrevista, Tocantinópolis1 respondeu com clareza que o computador com “internet” era uma ferramenta de trabalho para si, e o diálogo também foi levado como um meio de trabalho importante visto que ele alegou ser um estudante com dúvidas e que mantinha o diálogo (com professores/as, técnicos/as da universidade, outros/as estudantes) como um “[...] meio muito forte que facilita [...]”

A próxima entrevistada, é uma assentada de Palmeiras do Tocantins (assentamento 1º de Janeiro), inquirimos e ela pensou bastante antes de responder.

*Lá a gente tem mão de pilão [...] lá tem muita juçara essa época do ano, o pessoal tira muito, da comunidade, tira muita juçara e pra não ficar aquela lidro na mão[...] ficar batendo batendo pra desmanchar e o pessoal usa mão de pilão que já bate em maior quantidade pra desmanchar mais rápido, e isso facilita muito [...] tanto pra muer coco porque lá tem as quebradeira de coco, pra fazer azeite, quanto pra moer mandioca também quando for fazer farinha tem uma [...] como é que se diz? Tem a máquina que faz esse processo mais rápido, que antes o coco por exemplo tinha que bater até ficar bem [...]. (Assentamento1, 2018)*

Assentamento1 conta que em sua comunidade, tem quebradeiras de coco e fazedores de farinha, e conta que antigamente para poder tirar o azeite, mandioca também era feito à mão e hoje existem máquinas para isso, além de citar a mão de pilão como um facilitador das atividades. Na figura 10 um exemplo do uso do instrumento “mão de pilão”.

**Figura 10 “Mão de pilão”**



Fonte: Pixabay

Chácara1 diante da mesma pergunta pensou bastante e respondeu: “[...] *só se fosse no caso, uma farinhada*”. Para que ele entendesse melhor a questão e obtivéssemos uma resposta ampliada, indagou-se: “O que vocês utilizam para fazer a farinhada?”. Ele respondeu: “*No caso seria uma carroça, a gente precisa de uma carroça.*” (Chácara1, 2018)

Chácara1 mora em uma chácara perto de Palmeirante - TO, falou o que veio à mente na primeira pergunta da entrevista e isso não deixa de ser uma forma que identifica um dos meios e métodos da comunidade. Assim como Apinajé1 lembrou-se do “*maracá*”: “*Instrumento mais das pessoas que ainda faz é o maracá, é o instrumento mais importante que a gente é mais utilizado na comunidade é o maracá.*” (Apinajé1, 2018). A indígena por relatar anteriormente que não compreendia bem a linguagem da entrevista por estar em português, ligou a palavra “instrumentos” da pergunta aos objetos de “instrumentos musicais”, da sua comunidade. O maracá, é um instrumento que segundo ela, cumpre a função de um violão na musicalidade não indígena, pois é o mais usual, para seus momentos de cantorias. O maracá é um tipo de instrumento que faz parte da categoria acústica e analógica chamada “cordofone” “[...] os instrumentos acústicos fazem parte de uma tradição, ou de tradições, e seu desenvolvimento e transformações vêm acontecendo, na maioria dos casos, ao longo de centenas de anos [...]”. (PATRÍCIO, 2010, p.30). Os instrumentos musicais são comuns na comunidade indígena os instrumentos ainda serem analógicos porque os instrumentos digitais representam uma ruptura em relação à tradição (PATRÍCIO, 2010). Além disso, os instrumentos digitais atuais dependem das descobertas físicas e uso de técnicas deste século pós-moderno.

Para direcionar a pergunta de modo a obter resposta mais específicas sobre “quais são os meios e instrumentos que mais auxiliam nas atividades deles”, Apinajé1 falou do artesanato que ajuda na comunidade, feito pelas mulheres estes são vendidos ou usados.

O próximo entrevistado foi Assentamento2 que mora no assentamento P.A. Palmares em Araguatins - TO. Ao ser questionado ele conciliou com as pessoas mais velhas de sua região. “*Aquelas pessoas mais velha que, tem muito trabalho, tem muita história de vida também [...] conversar com aqueles idosos, tirar nossas dúvidas*”. No referido campo, a presença de pessoas mais velhas e são respeitadas na comunidade. Ele falou sobre a contribuição das pessoas mais velhas no desenvolvimento do trabalho no assentamento. Mas lembrou também dos aparatos digitais que estão presentes lá. “*Assim o objeto que nós tem é só um celularzim mermo, tem um notebook pra digitar meus*

*trabalho, colocar no pendrive fica mais fácil né? tipo a entrevista que nós fez, usou um usou um celular pra nós gravar, filmar mesmo [...]”*. Mas frisou:

*Lá não tem muita opção, por exemplo, nós mora num assentamento, internet não tem, difícil um localzím que pegue internet e tudo, mas aí nós tem que e se virá de qualquer jeito, por exemplo, conversando mesmo, muitas vezes na escrita é muito mais fácil. [...] a gente não tem acesso”* (Assentamento2, 2018).

O compartilhamento oral de informação no assentamento ainda é comum em locais onde ainda não está interconectado à rede de comunicações cibernéticas. De certo que Assentamento2 ao evidenciar que “[...] a escrita é muito mais fácil [...]” se refere ao manuseio ou mesmo a digitação de um texto de um celular, *tablet* ou computador, sendo algo “difícil” ou pouco utilizado a ponto de preferir a escrita manual. Ele finaliza na primeira sessão com “[...] a gente não tem acesso [...]”.

Em seguida, questionamos um morador de outro assentamento (Assentamento3) próximo à Cachoeirinha - TO, que atualmente está morando em Estreito - MA para facilitar seu acesso ao curso de Licenciatura em Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis), porque -segundo ele - precisava se adaptar à universidade. A respeito de atividades, técnicas e utensílios que mais auxiliam nas atividades da sua comunidade, do seu assentamento, ele respondeu:

*Na questão da cachoeirinha na verdade é um dos únicos assentamentos que tem dentro do estado que uma casa digital, [...] ela é equipada com cerca de 12 aparelhos, computadores né, e foi instalado uma antena também, aí mantém a questão da internet, e acho que é a questão mais assim pra fazer, tirar a questão do manual e facilitar mais, acho que é questão mesmo de cooperativas assim, fica tudo mais fácil. É complicado achar um objeto assim em si, na verdade tem a questão da comunicação, a gente usa muito a questão do violão, [...] principalmente no assentamento em vez do manual pra ficar mais fácil a questão do uso de máquinas né, como tratores, eu acho que é isso, que facilita mais, [...] o pessoal fez curso de apicultura mas na hora de extrair o mel era muito complicado ficar espremendo, aí o que ficou resolvido foi uma centrífuga que facilitou a vida de todo mundo, geralmente o pessoal já sabe a questão da centrífuga porque geralmente ela é utilizada mais pra questão do mel né pra apicultura.* (Assentamento3, 2018)

Os aparelhos e computadores foram vistos como algo produtivo em sua fala, tanto pelos equipamentos digitais (computadores, antenas) como os automotores (trator), e os manuais (centrífuga, violão), além da internet citada por ele, que está presente em sua comunidade como um facilitador das atividades locais.

O próximo interlocutor trouxe ferramentas bem incipientes, Apinajé2 da região de Tocantinópolis - TO.

*[...] particularmente né o instrumento que eu utilizo pra fazer minhas atividades [...] pra trabalhar [...] as ferramentas como machado, facão, foice, enxada né e também precisa duma espingarda que também precisa pra caçar porque em determinado tempo né utilizavam mais [...] é [...] a flecha né pra fazer nossas caçadas, os mais velhos utilizavam flecha [...] hoje né, estão usando a espingarda por conta que já tem muito pouca caça né, e também muito pouco peixe, com a questão né de [...] da chegada do povo não-indígena. [...] esses instrumento pra é [...] trabalhar o dia a dia. E também a gente usa né como esses aparelhos eletrônicos né a gente tem uma televisão né, tem um celular, né pra devidas ocasiões, uma televisão pra ta acompanhando né as notícias do mundo né no país, e é a gente tá se adaptando né nesse meio né pra [...] até porque tem perante a lei todo mundo é igual” (Apinajé2, 2018).*

O questionamento reflete à ideia de que houve mudanças também na comunidade indígena. Apinajé2 fala da necessidade que sente para adaptação ao mundo globalizado no qual ele se refere e se considera um “privilegiado” por ter ingressado em uma universidade e evidencia o conceito de que perante à lei, todos são iguais, porém, em seguida reforça a concepção de uma sociedade fragmentada:

*[...] a gente tá se adaptando né nesse meio né [...] perante a lei todo mundo é igual, né não todos, mas alguns né que teve a oportunidade que nem eu né de se ingressar numa universidade, faculdade, e hoje a gente ta no meio de uma sociedade que é bem diferente né do que a nossa em termo de cultura. (Apinajé2, 2018)*

O indígena Apinajé3 também retorna a mesma noção de ferramenta que Apinajé2 e dessa vez, recorreram à criatividade:

*Enxada, machado, porque nós não temo outra ferramenta, é só essas ferramenta pra, pra nós poder plantar na roça e depois colher. E outro também: se falta alguma coisa, assim em termo de sabão essas coisa assim aqui da cidade pra poder comprar pra poder lavar, porque lá também se mata mas tem que se falta alguma coisa tem que trazer daqui pra poder levar pra somar com essas coisa pra poder se manter. [...] (Apinajé3, 2018)*

Ao se referir à uma engenharia feita por eles com uma bicicleta para moer mandioca, Apinajé3 conta um pouco sobre o processo de moer mandioca por meio dessa bicicleta:

*[...] nós até emprestemo um de lá pra nós poder pra fazer esse serviço, que é o que se não tivesse, esse material não tem como pra relar mandioca, por isso pegaram bicicleta um, um bicicleta e lá fizeram, montaram lá e começaram a rodar, com isso aí pra poder fazer mais rápido porque com o braço cansa, dói muito o braço, cansa, por isso que encontraram um lá e fizeram, com isso aí até agora eles tão, porque sem isso aí num faz não porque só com o braço é dois dias pra fazer isso, é muito. (Apinajé3, 2018)*

A assentada denominada Assentamento4 respondeu a questão, com os objetos relacionados à agricultura da sua comunidade.

*[...] a gente usa a enxada, a foice, é [...] dentre outras assim na agricultura assim, sem a enxada não tem como, sem a foice, não tem como roçar, sem a enxada não tem como capinar, e sem isso não teria alimentação, porque é eles são fundamental, tem uma importância muito grande pra o homem do campo porque sem isso seria impossível assim, ter tantos alimentos que a comunidade produz todos os anos. (Assentamento4, 2018)*

Instrumentos típicos do campo como facão, foice, mantêm um lugar de destaque nas memórias dos homens/mulheres do campo como instrumentos de utilidade em suas atividades. Para o Apinajé4, os mesmos instrumentos citados por Assentamento4, são considerados modernos. Que estes facilitam o trabalho de atividades que outrora era mais dificultoso:

*[...] a gente precisa no dia a dia são aquele que o pessoal usa né, machado, pra trabalhar machado, e a foice, e facão, [...] porque antigamente parece que o pessoal não usava essas coisas né, instrumento pra poder trabalhar, era na mão e com a pedra, né, porque pedra corta algumas coisa, [...] com a pedra o pessoal faz tipo um machado né, pra poder cortar lenha, pra poder derrubar o pau né, puder fazer o desmatamento de colocar uma roça né, pra plantar uma coisa né, o alimento né, tipo mandioca, feijão, fava essas coisas né, mas hoje os pessoal aprenderam o instrumento que se usa hoje, é tudo aqui na cidade né, pra poder ajudar né. Ajudar de cortar os pau, né pra poder fazer alguma coisa, né, mesmo pra defender no mato também dos bicho né, dos animais que ataca a gente, tipo onça pintada né. [...] aí hoje está tudo instrumento que o pessoal branco mesmo faz né, que se usa hoje né, agora antigamente nosso instrumento mesmo da Apinajé [...] é flecha, né, flecha, borduna. (Apinajé4, 2018)*

Ao ser questionado sobre o que é “borduna”(Figura 11), Apinajé4 respondeu que se trata de um “pau que é cortado”, “bem enfeitado”, “tipo uma espada”, que é um instrumento utilizado pelos indígenas para autodefesa de vários tamanhos para proteção contra bichos e até mesmo seres humano:

*[...] pra se defender dos bicho, pra se defender dos ser humano né, de fora, esse pessoal branco, que tá na reserva indígena hoje, esse pessoal invade muita reserva indígena né, pra poder caçar, o bicho né, dentro da reserva indígena, se tu achar alguma pessoa hoje, pessoal de fora hoje, na reserva indígena, com certeza vai fazer alguma coisa contigo né, pra poder se defender. Uma vez ele vai ficar com medo, ou então [...] não vai querer ir pra delegacia, ou então vai fazer alguma coisa pra te atacar né, aí tu já vai se defender né, com aquilo ali, com o instrumento né, o borduna, e flecha também, que é um [...] flecha que é aquele arma de antigamente né. (Apinajé4, 2018)*

**Figura 11 - Borduna**

Fonte:Wikipédia Commons

Os instrumentos então são utilizados quando seus donos se sentem ameaçados de alguma forma, um instinto de sobrevivência Veraszto, *et al.* (2008) fala que a concepção de armas e utensílios de pedra lascada foi um dos fatores que marcaram o surgimento das técnicas em nossos antepassados remotos. Estes recursos observados por Apinajé<sup>4</sup> são utilizados para defesa e proteção do seu grupo para que assim assegurem as condições de vida comunitária.

Assentamento<sup>5</sup> ao longo da entrevista sobre suas experiências, considerou como tecnologias de sua comunidade as ferramentas de trabalho utilizadas por ele:

*[...] eu vejo que tecnologia é tudo o que você faz pra melhorar tua vida, qualquer coisa, desde você pegar um pau e transformar no pau de uma enxada, entendeu? Uma madeira, e transformar o cabo de uma enxada, ou fazer um Kibano pra manipular os grãos, né, os cereais ou um celular pra ligar pra alguém [...] kibano ou tapiti (Figura 12) pra utilizar, isso é tecnologia, e tecnologia também é um trator, tecnologia é uma matraca, tecnologia é/ou as vezes uma varinha pra dar uma lapada no gado ali pra ele sair (Assentamento5, 2018) (grifo nosso).*

**Figura 12 - Kibano**

Fonte: guiakalunga.org.br

A resposta sucinta mencionou, quais os meios e instrumentos que mais os auxiliam nas atividades humanas:

*As ferramenta de trabalho, produção de leite, de roça, de ferramenta tipo foice, facão, pra cortar alguma coisa, roçar o pasto, roça a mata pra fazer roça, troca de área, assim pra ter mais [...] pra trabalhar junto, a gente e diverte cria galinha, a gente cria animais, a gente planta já pensando pra ter o que comer. (Assentamento5, 2018).*

Além disso, Assentamento5 fala da sua fabricação de artesanato: “[...] eu faço arte, faço arte, faço artesanato [...]”. Considerando Silva, *et al.* (2010), apresenta-se a concepção de artes e música entendida como uma forma de linguagem que acessa a sensibilidade, a imaginação, o poético e o estético na luta política, no fortalecimento identitário e na ampliação das possibilidades de compreender o mundo.

Seguindo a sequência de convidados a esta discussão, observa-se que agentes urbanos são de uma realidade significativamente diferente. Araguatins1 habita em uma área urbana, tem contato frequente com as tecnologias digitais. Ele trabalha com música, e suas ferramentas de trabalho segundo ele são: “[...] eu trabalho com música, então assim os instrumentos que eu utilizo a gente sempre tem os instrumentos pessoais que é por exemplo, violão, viola né, a gente usa equipamento de som, mesa de som, sonorização.” (Araguatins1, 2018). Como apresenta Patrício (2010, p. 16) “[...] pode-se pensar em instrumentos musicais como ferramentas voltadas à produção de sons musicais [...]”, porém, mais do que isso, música também é arte. Silva, *et al.* (2010, p.10) reforça isso afirmando que “[...] a arte para além da distração, do lazer, da fruição ao reafirmar sua dimensão política, sua força como conhecimento criativo e transformador das estruturas instituídas [...]”. No meio social, Araguatins1 está em uma posição mais estável com a música em relação aos demais estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis), segundo ele, isso leva a uma disposição maior com o curso.

Teresina1 é da capital do Piauí, porém fala de forma breve sobre onde mora, na zona rural, o que mais utiliza é “[...] facão, enxada, foice [...]” (Teresina1, 2018). Uma resposta equivalentemente às demais. Angico1 variou afirmando que o que utiliza em suas atividades na comunidade é “[...] livros, cadernos, computador, internet, e a própria convivência [...]” este último se trata de um instrumento “abstrato” também afirmado por Tocantinópolis1 e Povoado1 que se identificou como morador de um povoado chamado

Folha-Grossa no município de Tocantinópolis - TO e falou que a ajuda comunitária é essencial para o desenvolvimento de suas habilidades.

A última participante/estudante do curso de Educação do Campo a ser entrevistada sobre os meios e instrumentos que mais auxiliam nas atividades de sua comunidade mora em Santa Terezinha, no interior da região conhecida como Bico do Papagaio esta cidade é oriunda de um aspecto mais tradicional na região do Tocantins, segundo Santa Terezinha<sup>1</sup> (2018) “[...] ainda tem um pessoal que bate no pilão [...]” diz ela sobre a produção do tradicional de arroz. Além disso, ela lembra do forno em sua comunidade. Forno este que produz farinha (Figura 13) faz parte de um processo de produção na comunidade, sendo uma atividade comum em vários outros lugares da região. E mesmo não sendo digital, é uma forma de tecnologia através da técnica.

**Figura 13 - Exemplo de forno para produção de farinha**



Fonte: Canal fernando1cunha

Na figura 13 foi retirada a partir de um registro de fabricação de farinha de mandioca na Farinheira Progresso, localizada no povoado de Grota do Meio, município de São Miguel do Tocantins, norte do estado do Tocantins, próximo à cidade de Imperatriz - MA. Disponível no YouTube<sup>30</sup>

Após as respectivas entrevistas, foi aplicado um questionário com várias perguntas acerca com conhecimento dos/das estudantes sobre as tecnologias digitais.

---

<sup>30</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=IMMChsvZ4Ik>

Transcrevemos uma das perguntas do questionário e confrontamos com as respostas relatadas nas entrevistas.

Apresentaremos as informações obtidas nos questionários e entrevistas dos/as 17 interlocutores/as, organizadas no quadro 2, sendo que na primeira coluna trata no nome fictício dado às/aos participantes nomeados de acordo com a característica dada nas respectivas comunidades. As tecnologias observadas e expostas na segunda coluna foram interpretadas a partir das suas falas sobre a pergunta: “Poderia nos explicar da sua comunidade/região, quais são os meios e instrumentos que mais auxiliam nas atividades humanas?”. A terceira coluna corresponde às respostas de ambos a partir de um questionário aplicado após a entrevista com a pergunta: “O que é tecnologia no seu entendimento”. O objetivo era confrontar com as tecnologias (em partes analógicas) observadas e identificar as diferentes concepções dos estudantes de Licenciatura em Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis) sobre o conceito de tecnologia: O conceito a partir das vivências em suas comunidades (segunda coluna) e o conceito definido pelos/as interlocutores/as (terceira e quarta coluna).

A busca desses dados foi necessária para comparar o que eles entendem de tecnologia e o que de fato eles produzem/utilizam de tecnologia. Sabendo que a tecnologia está relacionada ao conhecimento de aprimoramento da técnica, recrutamos através de seus relatos tudo o que identificamos como tecnologia. Em nenhum momento (nesta etapa de entrevista) foi citada a palavra tecnologia (Apêndice 2), por acreditar que essa palavra tem um “poder” de intervenção. Então de maneira simples, questionamos sobre “o que facilita o trabalho” deles, “quais recursos ou instrumentos são facilitadores?” A partir de então de maneira natural a conversa foi fluindo de modo a conhecer através deles suas comunidades e algumas de suas vivências e experiências de suas culturas dentro território. Como exemplo, citamos a fala de Chácara1, para ele, o que pertence à chácara onde mora de tecnologia seria a carroça e a farinhada. Mas isso não foi identificado por ele quando perguntamos sobre “o que é tecnologia”. Porque ele relacionou apenas com o que possui uma comunicação rápida. Em geral, eles percebem uma definição restrita de tecnologia, como “aquilo que é digital”, e/ou que possui internet.

No questionário ele também afirmou que possui celular e que é muito útil para a criação de vídeos. Alguns professores solicitam atividades audiovisuais ou mesmo propõe a eles atividades que são solicitados recursos digitais: “[...] a gente precisou da tecnologia por exemplo o slide né, pra gente apresentar, precisou do caixa de som pra auxiliar, do áudio, precisou do celular pra filmar ou então pra gravar” (Chácara1,

2018). Talvez seja através do celular e dos trabalhos acadêmicos solicitados que precisa do uso do celular, que ele tenha dito que a tecnologia auxilia muito ele, naquilo que ele tem conhecimento. É como um ampliador de informações, mas que segundo Chácaral (2018) “[...] *também ela nos complica também muito, porque a gente depender da tecnologia não é o bastante pra si*”. Além de Chácaral, outros estudantes também dialogaram com as mais variadas respostas. Apresentando os resultados entre tecnologia e percepção, houve na maioria, um contraste nos resultados:

**Quadro 2. Tecnologias analógicas e digitais**

<b>Nome</b>	<b>Na sua comunidade/região, quais são os meios e instrumentos que mais auxiliam nas atividades humanas:</b>	<b>O que é tecnologia no seu entendimento?</b>	<b>Cite exemplos</b>
Quilombo1	Música e poesia	<i>“Muita coisa, não tem como definir”</i>	<i>“Notebook, celular”</i>
Tocantinópolis1	Computador, internet, diálogo	<i>“Os computadores, mídias Sociais, sistema de Segurança”</i>	<i>“Os computadores, mídias sociais, sistema de segurança”</i>
Assentamento1	Mão de pilão, Máquina de moer coco/mandioca.	<i>“Tudo o que surge para tentar melhorar a vida das pessoas ou reduzir o trabalho manual”.</i>	<i>“Eletrônicos, máquinas, automóveis”</i>
Chácara1	Farinhada, carroça	<i>“Comunicação rápida”</i>	<i>“Facebook, WhatsApp”</i>
Apinajé1	Artesanato, Maracá.	<i>“Hoje tecnologia está mudado”</i>	<i>“Porque hj a tecnologia está ensinando a conhecer o mundo e aprende quase tudo”</i>
Assentamento2	Conversar com os idosos, celular, pendrive.	<i>“Uma maneira rápida e prática”</i>	<i>“Celulares, tablet, notebook etc.”</i>
Assentamento3	Computador, antena, violão, centrífuga, trator	<i>“É algo que simplifica o nosso dia a dia quando utilizado de maneira correta”</i>	<i>“Data Show, celular, notebook”</i>
Apinajé2	machado, facão, foice, enxada, espingarda, celular, televisão	<i>“Aparelhos que auxiliam no trabalho”</i>	<i>“Televisão, celular, computador etc.”</i>
Apinajé3	Enxada, machado, bicicleta para moer mandioca	<i>“celular notebook, tablet”</i>	<i>“Celular, tablet, notebook, mp3”</i>
Assentamento4	enxada, foice	<i>“É uma ferramenta que nos auxilia a ter uma vida melhor e com mais facilidade”</i>	<i>“Televisão, computador, micro-ondas, forno elétrico, geladeira”</i>
Apinajé4	machado, foice, facão, flecha, borduna.	<i>“É a informação que você pega de outros colegas”</i>	<i>“Computador e celular”</i>

**Quadro 2. Tecnologias analógicas e digitais (continuação)**

<b>Nome</b>	<b>Na sua comunidade/região, quais são os meios e instrumentos que mais auxiliam nas atividades humanas:</b>	<b>O que é tecnologia no seu entendimento?</b>	<b>Cite exemplos</b>
Apinajé4	machado, foice, facão, flecha, borduna.	<i>“É a informação que você pega de outros colegas”</i>	<i>“Computador e celular”</i>
Assentamento5	Kibano, celular, varinha para “lapada” no gado, trator, matraca	<i>“Algo ou ferramenta para realizar a vida”</i>	<i>“Enxada, trator, microchip”</i>
Araguatins1	Violão, viola, som, mesa de som, sonorização	<i>“Conjunto de acessórios modernos e tecnológicos”</i>	<i>“Computador, internet, celulares.”</i>
Teresina1	Facão, enxada, foice	<i>“Um avanço que melhora a nossa vida”</i>	<i>“Computação, Tecnologia Rural”</i>
Angico1	Livro, computador, internet, cadernos, contribuições comunitárias	<i>“Meios que facilitam nosso trabalho”</i>	<i>“Usar internet, falar com pessoas”</i>
Povoado1	contribuições comunitárias	<i>“São várias informações conectada ao mundo”</i>	<i>“Computador, celular, informações passadas por um determinado aparelho.”</i>
Santa Terezinha	Forno e pilão	<i>“Tecnologia é praticamente tudo”</i>	<i>“Celular, notebook.”</i>

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

### 5.3 Diálogos a partir de análises realizadas na observação em campo.

Após conhecermos quem são os/as estudantes e quem faz parte do corpo docente, neste subtópico, será descrito uma parte das aulas sob o ponto de vista da pesquisadora, mediante observações presenciais dos docentes durante suas valências em sala de aula. Todas aulas contemplam os objetivos do curso ao longo da carga horária, mas focando apenas no que será retratado nas próximas linhas, é possível identificar que as aulas foram planejadas e seguem caminhos que atendem aos objetivos do curso (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO, 2016).

Foi alvo das visitas várias turmas dentro do 2º ao 8º período do ano letivo 2019.2.

A proposta metodológica foi uma perspectiva qualitativa, ancorada na fenomenologia, a partir de observação participante, pois estava inserida no grupo e muitos me reconheciam como externa atividade, contudo realizando uma outra atividade pessoal “a pesquisa para o mestrado”. Devido à presença num período contínuo, mesmo que curto, alguns elementos da prática fenomenológica foram lançados, como: caderno de campo, registro de áudio, observações/sentimentos pelo olhar da pesquisadora, na busca de uma relação qualitativa dos dados por meio dos registros do visível.

A análise inicia a partir da identificação de algumas correlações entre o teórico (proposto no PPC) e na prática docente, exemplificado no quadro 03 onde se descreve alguns fatos vividos e observados, em seguida nos subtópicos segue o aprofundamento das aulas:

**Quadro 03. Relação Teoria e Prática observado em campo.**

<b>Ponto do PPC observado</b>	<b>Observação qualitativa</b>
<i>Formar professores para o exercício da docência na área de conhecimento Códigos e Linguagens nos anos finais do ensino Fundamental e Ensino Médio com foco em Artes-Música e Artes Visuais em consonância com a realidade social e cultural específica das populações que trabalham e vivem no e do campo</i>	Houve uma preocupação por parte dos/das docentes em dados momentos das aulas em correlacionar o conteúdo da aula com a vida do homem/mulher do campo, partindo dos diálogos dos/das próprios/as estudantes.  Exemplo: Quando a professora propõe uma discussão crítica com seus/suas alunos/as na atividade de apresentação oral e solicitou que eles/elas fizessem uma conexão a realidade das comunidades. (Aula 5)

**Quadro 03. Relação Teoria e Prática observado em campo. (continuação)**

<p><i>Formar sujeitos humanos autônomos e criativos capazes de inventar soluções para questões inerentes à sua realidade, vinculadas à construção de um projeto de desenvolvimento sustentável</i></p>	<p>Os desdobramentos da criatividade foram explorados em vários momentos e sentidos. Desde a promoção do pensamento como na construção de competências e formação dos/das educadores/as emancipados conscientes de sua realidade.</p> <p>Exemplo: Na aula de umas das disciplinas de música, o docente pede para seus estudantes reproduzam sons associando-os com os conceitos teóricos de percepção musical daquela aula e propôs para que a turma elaborasse planos de aula se colocando na posição de educadores/as de suas respectivas comunidades no campo. (Aula 2)</p>
<p><i>Garantir uma reflexão/elaboração político/pedagógica específica sobre a educação para o trabalho, a educação técnica, tecnológica e científica a ser desenvolvida especialmente na Educação Básica de nível médio e nos anos finais da educação fundamental</i></p>	<p>Nos apontamentos encontrados, os exercícios de prática pedagógica do/da estudante da Licenciatura em Educação do Campo foi desenvolvido por meio das artes, leituras e reflexões.</p> <p>Exemplo: Quando o professor descreve elementos de uma classificação de tendências liberais e tendência progressistas e sustenta um debate crítico entre a turma. (Aula 3)</p>
<p><i>Contribuir na construção de alternativas de organização do trabalho escolar e pedagógico que permitam a expansão da educação básica no e do campo, com a necessidade e a qualidade exigida pela dinâmica social em que seus sujeitos se inserem e pela histórica desigualdade que sofrem</i></p>	<p>As atividades, na maior parte são constantemente lembradas pelos/as docentes a direcioná-las às questões agrárias e suas realidades. Essa realidade é valorizada lá dentro. Há uma conscientização que envolve a história do homem/mulher do campo, a educação no campo e a reflexão que os conscientiza como sujeitos do campo.</p> <p>Exemplo: Quando o docente da aula apresenta um vídeo que retoma alguns aspectos gerais sobre teoria sociais e relações étnico raciais. (Aula 1)</p>
<p><i>Articular durante todo o percurso formativo do curso ações integradas entre ensino, pesquisa e extensão voltadas para demandas da Educação do Campo num diálogo entre o Tempo-Espaço Universidade e o Tempo-Espaço Comunidade.</i></p>	<p>Todas as disciplinas do curso possuem um momento que são exercidas atividades para que sejam articulados os conteúdos universitários convencionais, e a comunidade representada pelos/as estudantes. Dentro de cada disciplina existe uma carga horária específica para esse exercício.</p> <p>Exemplo: A troca constante entre os saberes maternos/de comunidades e os saberes recebidos na universidade.</p>

Vale ressaltar que as informações do quadro se referem apenas aos dias de aula que foram analisados para esta pesquisa. Não fazendo jus às disciplinas em sua totalidade. Existem muitas outras aulas e disciplinas que podem ter ocorrido outras situações diferentes. As que foram indicadas aqui, dialogam com as observações realizadas nas aulas para identificar como ocorrem os processos de inclusão e uso das tecnologias digitais entre os estudantes de cada turma em suas aulas convencionais na universidade. Nesta investigação, o nome dos subtópicos não está relacionado com a ordem das aulas do horário do curso em consequência da desidentificação. A nomeação primeira, segunda e consecutivamente não indica uma ordem e são nomes totalmente aleatórios servindo apenas para identificação deste trabalho. As seguintes aulas contempladas foram realizadas em um dos TEMPO UNIVERSIDADE em 2019 autorizada pela coordenação do curso e também autorizada por seus/suas respectivos professores e professoras e coletivamente pelos/as estudantes.

### 5.3.1 Aula 1: oitavo período - manhã

Iniciaremos com as descrições do diário de campo de uma das aulas da licenciatura em Educação do Campo e posterior reflexões articulando com a proposta de análise da pesquisa:

*“[...] A aula com cerca de 30 alunos e alunas iniciou falando dos três poderes, políticas públicas, falou dos movimentos culturais que favorecem os movimentos negros, e que também o movimento indígena tem ganhado força. Citou a lei 10639-23 (lei da história da África) e lei 11645-2008 (lei da história Indígena). Os estudantes participaram bastante, ao entrar na sala, encontrei uma quantidade considerável com vários celulares Smartphone em cima da carteira, alguns manuseavam.*

*Um número maior de pessoas estava com o caderno aberto e fazendo anotações. Uma das estudantes levou o filho entregou um celular (provavelmente dela) para ele usar, tempos depois deu-lhe um caderno e uma caneta [...].”*

Em se tratando de políticas públicas para as minorias, os percursos realizados pelo professor para a formação de sujeitos sociais, cognitivos e políticos adequou-se às propostas críticas de um discurso sensitivo e politizado do curso.

*“[...] O quadro foi bastante utilizado para pontuar os conteúdos[...]*

*[...]A aula nesse momento começou com um debate mais intenso entre o docente e os/as estudantes acerca do conteúdo.[...]*

*[...]Depois de diálogos sobre o GTA, o professor comenta que o filho ensinou o que é “bugar” para ele, que o filho pequeno usa o celular melhor do que ele, os alunos atentos riram, alguns se identificaram com a situação. O professor falou sobre o uso dos celulares na hora da aula por alunos e comparou com crianças que já crescem se adaptando ao uso do celular e que seu filho conversa e interage com quem conversa com ele, e que para quem não nasceu nesses últimos anos é mais difícil conseguir prestar atenção na conversa (na aula) e no celular ao mesmo tempo.[...]”*

Neste ponto é possível identificar que de acordo com a percepção daquelas pessoas, a população/grupo mais jovem, é a que domina com mais facilidade demandas do mundo digital.

*“[...]iniciou-se um vídeo com a fala de um professor (Drº Kabengele Munanga) sobre teoria sociais e relações étnico raciais. [...]*

*[...] o professor pausou o vídeo e questionou do porquê alguns alunos estavam usando o celular e deu uma fala reflexiva sobre a ética de professor para professor. Salientou da importância do conteúdo do vídeo. [...]*

O uso do celular na sala de aula sem fins pedagógicos ou de modo a articular com a aula passa a ser excessivo. O desconforto do professor reforçou o que ele já havia afirmado a respeito da incompatibilidade entre o uso desnecessário do celular enquanto há algo prioritário disposto na aula e que exigiria um esforço maior de atenção por parte dos/das acadêmicos/as.

*“[...] o professor ao final do vídeo questionou qual a conexão do vídeo com o que foi debatido na aula. Além disso o professor citou várias perguntas sobre as falas abordadas pelo professor Kabengele e solicitou que os estudantes respondessem em*

*casa, a maioria abriu o caderno e anotou as perguntas citadas pelo docente, já outros, cerca de dois alunos, registraram as perguntas do professor no celular. Um destes que estava com o celular anotando as perguntas parecia terminar de anotar primeiro que os demais, e foi a ele (ainda a observar o celular) quem o professor perguntou a hora minutos antes de encerrar a aula.*

*[...] Antes de encerrar a aula o professor dá a palavra a uma aluna que pediu para dar um recado, ela se levantou com o celular na mão e falou de uma viagem para o Jalapão que eles estavam organizando, 250 reais para combustível e alimentação. Ela estava com o celular na mão e pediu para que todos os interessados que não estavam no grupo manifestasse interesse que ela anotaria o WhatsApp deles e falou que não tinha nenhum indígena no grupo mesmo sabendo que alguns iriam e pediu o contato deles para uma maior comunicação entre ela e os participantes da viagem [...].”*

O aplicativo de mensagens aqui é lembrado e em outras aulas também está presente. Ele aproxima as pessoas por causa da facilidade, usabilidade (no subtópico 3.3.3 será abordado melhor esse conceito) e agilidade entre os procedimentos quando bem usado. O mais popular deles, é o WhatsApp, e é o que mais foi mencionado ao longo das aulas. No questionário aplicado (Apêndice 1) dos/das dezessete (17) estudantes entre indígenas, assentados, chacareiros (etc) que foram interrogados apenas três (3) responderam que não tinha WhatsApp, enquanto os outros quatorze (14) falaram que utilizam o aplicativo. Isso representa quase 83% dos entrevistados. Apesar da expansividade do aplicativo, é preciso lembrar que entre os/as alunos/as há um grupo que não o possui. As observações continuam nas próximas aulas...

### 5.3.2 Aula 2: quarto período - tarde

A aula iniciou falando dos conceitos musicais, a maior parte dos estudantes tinham um celular em cima da carteira, uma das alunas, assim como na turma anterior, levou o filho para a aula e deu um celular *smartphone* com um fone de ouvido para ele utilizar e passar o tempo enquanto ela com o caderno aberto escrevia o que o professor falava.

*“[...]O professor procura alguém que tenha violão para demonstrar um conceito que ele estava falando. Os alunos participaram ativamente dos assuntos abordados comentaram músicas, cantores e gêneros musicais. [...]*

*[...]Uma estudante levanta da sala e pega um celular que estava com o cabo carregador em uma tomada perto do quadro. Ela fica alguns minutos olhando e utilizando o celular. A aluna ao lado leva um notebook, no total, duas alunas tinham um notebook aberto em utilização [...]*”.

Esses notebooks representam um aparato digital importante para as aulas, com eles o acesso à internet na rede da universidade, com o acesso à rede, vem as informações, conteúdos, os downloads. Sendo utilizado de maneira favorável e complementar à aula, se torna uma ferramenta poderosa.

*[...] O professor agora com acesso a um violão, toca uma mesma música com as mesmas notas de duas maneiras diferentes para exemplificar o conceito de intensidade e diferenciar as sensações provocadas sobre a mesma música em duas maneiras diferentes. Os alunos interagem cantando.*

*[...] O docente sugere que os futuros professores de educação do campo utilizem vários tipos de sons para trabalhar as propriedades musicais com seus futuros alunos e dá dicas de como trabalhar música em sala de aula e preparar a aula da melhor forma já que eles podem deparar se com alunos que não são músicos mas que a pedagogia música é necessária.*

*[...] O professor alerta aos alunos que agora são eles que vão pensar nas suas atividades como professores, que eles irão ter que pensar diferentes maneiras de trabalhar a percepção musical e provocou os alunos a pensarem em uma atividade que envolva “altura”, “intensidade”, “duração” e “timbre”.*

*[...] O professor liga o Data Show e prepara o ambiente para repassar o vídeo sobre o erro da separação mente e corpo no processo musical, que falava também do “corpo negado”, que historicamente o corpo foi deixado de lado para que a razão fosse supervalorizada e hoje a sociedade ainda carrega isso e pode ser visto nas atividades práticas.*

[...] Após a sintetização do conteúdo do vídeo pelo professor, o professor liberou para o intervalo. No intervalo, o filho da aluna que levou o filho para a turma toca um teclado virtual, provavelmente um aplicativo do smartphone da mãe.

[...] O professor na volta do intervalo e anuncia a próxima atividade, ele diz que enviou no grupo da turma um texto que se tratava de planos de aulas e matrizes curriculares e dividiu a classe em grupos para tentar desenvolver esses planos podendo adequar para uma realidade escolhida.

[...] Quase todos estavam com o celular na mão. Nesse momento passou para 4 a quantidade de alunas utilizando o notebook.

[...] O professor anuncia um tempo de 10 minutos para que a turma abrisse e lesse o conteúdo enviado para imprimir umas cópias relacionada à atividade que faltaram. O professor ausenta-se da sala para imprimir umas cópias relacionada à atividade e os estudantes terminam de se reorganizar.

[...] Uma das alunas de um dos grupos pergunta quando o professor por um momento sai da sala “o que é pra fazer mesmo”? outro aluno fala “tem no grupo”, ela então, olha para seu celular.

[...] O professor retorna com as folhas e tira dúvidas indo em cada grupo sempre ressaltando a importância da educação popular e a adaptação da aula com o ambiente, lugar em que vai ser executada a possível aula.

[...] Uma das estudantes que estava com o notebook usou um fone de ouvido para ver um vídeo. Até onde consegui identificar, todos os notebooks estavam com acesso à internet. Os celulares também pareciam estar, mas não consegui identificar se eram na rede da universidade ou redes em dados móveis. Os grupos começaram as apresentações, cada equipe executava a atividade com a turma como se fossem professores deles e relacionavam conceitos de propriedades musicais com a dinâmica de cada aula planejada.

[...] O quarto grupo fez um slide e pediu para a turma fechar os olhos de maneira dinâmica e em seguida explicar o conceito de timbre, identificar o timbre dos sons presentes no vídeo que ela passaria naquele momento”.

Aqui é um exemplo de situação em que se encontra a “indissociabilidade teoria-prática;” mencionada no projeto pedagógico do curso (UFT, 2016). Além de ser trabalhadas em aula, o professor ensina pensar e exercer essa indissociabilidade aos futuros educadores. A teoria e prática embutidas na rotina das aulas, dão mais sentido às aulas. Naquele dia, a música serviu como objeto de desenvolvimento para esse aperfeiçoamento. O exercício da relação teoria-prática dá condições necessárias para a formação de sujeitos educadores transformadores do mundo.

*[...]Em geral na hora da apresentação os grupos souberam utilizar os recursos que tem, apenas um grupo utilizou uma apresentação em slides com vídeos adaptados à situação, mas todos os grupos utilizaram os recursos digitais que tinham (notebook e smartphone) durante o planejamento e realização da proposta dada pelo docente[...].*

*[...]O professor voltou a falar dos textos em PDF que ele enviou no grupo e pediu para que os/as estudantes guardassem esses documentos porque serviriam para a vida deles como docente os planos podem ajudá-los futuramente[...]*”.

É significativo saber que os/as estudantes utilizaram/utilizam aparatos digitais para os procedimentos das aulas. Não ficam atrás de qualquer outra sala de aula acadêmica dos últimos 10 anos (pelo menos).

### 5.3.3 Aula 3: Segundo período - manhã

Assim quando eu entrei na sala, quase todas as tomadas estavam ocupadas com celulares carregando. A sala estava bem cheia com mais de 35 alunos/as. A aula iniciou com a preparação de um vídeo, mas antes do “play” o professor cobrou as respostas de uma pergunta que tinha feito na aula anterior sobre um vídeo que havia passado em outra aula para exercício de reflexão.

*[...] depois das considerações dos/das estudantes acerca do vídeo o professor passou outro chamado “Vida Maria” para que os alunos olhassem o mesmo assunto sob um olhar diferente depois os/as estudantes fizeram novas*

*considerações. O vídeo é muito forte, mexeu comigo, como pesquisadora, ao assistir porque retrata a vida de mulheres impedidas de estudar, para dedicar-se ao trabalho duro no sol quente do sertão, maridos e filhos, gerações após gerações e são chamadas de ‘Marias’. [...]*

*[...] cerca de quatro alunos utilizavam o celular durante a aula [...]*

*[...] o professor mostrou em uma folha A4 uma síntese mais estruturada do assunto, e escreveu três blocos um do lado do outro no quadro branco “redenção” “reprodução” e “transformação”, em baixo de cada bloco o professor colocou considerações acerca do tema. Os/as alunos/as escreviam tudo no caderno. [...]*

*[...] O docente fala da pedagogia do Paulo Freire que propõe uma pedagogia diferente que não oprime. Transcreveu tudo o que estava na sua folha A4 para o quadro, uma classificação de tendências liberais e tendência progressistas identificadas. [...]*

*[...] O professor falou do ensino tradicional e que o conteúdo de ensino era enciclopédico, o professor perguntou quem lembra da Barsa (enciclopédia), ninguém respondeu positivo, então ele ressaltou que era como o Wikipédia hoje, e continuou a escrever no quadro até a hora do intervalo. [...]*”

A “Barsa” lembrada pelo professor, foi/é uma enciclopédia que tinha/tem muitos exemplares, lançada nos anos 60, com diversos conteúdos já foi muito utilizada para descobertas de vários assuntos. No seu auge, havia Barsa nas estantes das escolas, das casas sendo popularmente conhecida apesar de não ter um preço acessível para adquirir a coleção inteira, tinha Barsa para os mais diversos e variados assuntos. Tão importante que se passava de pai para filho, já foi uma grande fonte de pesquisa para alunos e professores. Era a expressão máxima do acesso ao conhecimento.

Foi excelente a ilustração do professor utilizando a “Barsa”, isso nos leva a reflexão de como o acesso à educação e conhecimento mudou. A internet nos possibilita navegar pelas inúmeras fontes de informação, de maneira atualizada mas ao mesmo tempo deixa de ter somente conteúdos alimentados por especialistas do assunto. De acordo com Bornelli (2019) em 60 segundos muita coisa acontece no mundo virtual:

- São feitas 3,5 milhões de pesquisas no Google;

- No YouTube, 4,1 milhões de vídeos são acessados;
- 16 milhões de mensagens de texto são enviadas; e
- 70 mil horas de vídeos são transmitidas no Netflix;

E entre esses usuários, durante o período de entrevista (Apêndice 1), ao ser questionado sobre suas dificuldades e o que faz para superá-las, um estudante (Assentamento2) respondeu que recorre aos vídeos disponibilizados na internet:

*Pra mim superar essa dificuldade eu procuro, eu pesquiso muita coisa, muitos vídeos, eu vejo os vídeos, pra mim poder... (Você vê o que nesses vídeos?) Por exemplo, como montar um artigo, quais os temas principais pra tu poder montar e tudo, como tu fazer slide, como tu enviar uma coisa, como tu entrar no teu e-mail mandar alguma coisa, tipo isso. Tipo eu tenho uma dificuldade aí eu vou lá e pesquiso. (então você usa o Google?) Sim, eu uso mais o Youtube mesmo. Pesquisa no Google aqui o YouTube, aí eu vou lá e pesquiso aí vou assistir, ou então muitas vezes os meninos me auxiliam também me falam como é que é. (você tem facilidade com o Youtube?) Sim, acessar ele é fácil, eu já tenho o notebook também. E aqui a nossa internet aqui nós utiliza. (Assentamento2, 2018)*

Podemos dizer que a tecnologia democratizou o conhecimento. O que em outros tempos, o acesso às informações era difícil, caro e inacessível, se tornou mais popular. E mais acessível ainda quando na academia esses acessos são possibilitados de maneira gratuita. Uma reflexão é válida: Qual o papel dessas enciclopédias em tempos ciberculturais?

*“[...] Na volta do intervalo, cerca de quatro alunos/as estavam com um fone de ouvido. Um estudante pegou um notebook e saiu para fora da sala.*

*[...] um dos alunos tirou a foto e copiou do quadro o conteúdo para passar para o caderno uma outra aluna viu e pediu para uma colega ir lá na frente e tirar foto da última parte do texto no quadro, a mesma aluna que pediu para o professor aumentar a letra. Outra aluna também com a imagem do quadro parecia mandar (via aplicativo de mensagens) para alguém. A ideia pareceu interessar quem tinha celular e outro aluno levantou-se para tirar foto do escrito no quadro também. Outros/as alunos/as fizeram o mesmo. [...]”*

No tópico 3.2 (Tecnologia - Entre conceito e percepção) foram citados conceitos (MARTINO, 2015) e que podemos perceber nessas aulas, de exemplo a virtualidade (dados das mídias digitais existem de maneira independente de ambientes físicos, podendo se desenvolver livres, a princípio, de qualquer barreira desse tipo ). Os/as

estudantes transformaram aquilo que iria para a forma física, de modo escrito, para o celular. Atitude que tem se tornado muito comum pela facilidade de se obter uma mesma informação utilizando métodos diferentes. Um método (o escrito à mão) é mais demorado e requer esforço, o outro, em menos de minuto é possível obter sua cópia: Além de virtualidade, é a velocidade (A rapidez de conexão de dados nas mídias digitais se articula com a aceleração de inúmeras atividades, processos e acontecimentos na vida cotidiana) (MARTINO, 2015) que chama a atenção e atrai essa nova maneira de “copiar” do quadro.

*“[...] Nesse momento (e em outros), o professor apontava no quadro via laser e explicava algum termo, palavra ou escrita sempre que um estudante solicitava.*

*“[...] O professor divide a turma em grupos para uma apresentação de seminário registrando via slide a divisão com as datas e os respectivos capítulos. Uma aluna tira foto do slide enquanto o docente digita nele. O professor anuncia que vai enviar o slide via plataforma, uma aluna pede para enviar por e-mail porque ela não sabe/consegue utilizar a plataforma da forma correta. [...]”*

Refletindo sobre essa fala da aluna, cabe nesse momento, falar sobre interface de software e que é comum um sistema ser rejeitado por sua falta de usabilidade. Isso chega a ser um fator tão importante, que existem heurísticas para avaliação de interface de qualquer software. Nielsen (1990) um dos mentores dessa ideia, há 30 anos atrás já falava que a funcionalidade de um software é tão importante quando a usabilidade e pensou em dez princípios ou heurísticas fundamentais para que se tenha uma melhor interação humano-computador, vamos destacar três:

(a) Correspondência entre o sistema e o mundo real: Diz respeito ao sistema fazer parte do “mundo” do usuário, ou seja, “falar a mesma língua”, frases e conceitos que são familiares para o usuário.

(b) Controle e liberdade do usuário: Isso significa que é o sistema que tem que ser fácil de ser controlado para o usuário, e não o usuário que tem que saber controlar. Botões e ferramentas precisam estar muito bem dispostos para que o usuário possa fazer e desfazer ações e assim manusear bem o sistema.

(c) Reconhecimento em vez de recordação: Está relacionado com o fácil modo de navegar do sistema. Quando um usuário, aluno – por exemplo- precisa decorar o

caminho que ele precisa percorrer para realizar uma função, significa que o sistema/software não está claro. O sistema tem que estar claro o suficiente para que o usuário não precise forçar sua memória sempre que precisar realizar uma determinada função. As instruções precisam ser facilmente visíveis.

Essas três heurísticas (de dez) são algumas que segundo Nielsen (1990) são essenciais no processo de desenvolvimento de aplicações para que as experiências individuais de uso envolvam melhor os usuários de maneira e possibilite interações à distância como no caso de plataformas entre professor/as e aluno/as.

Levando esses preceitos em consideração contribuem para que haja um sistema de interação mais democrático e fácil de utilizar, principalmente para aqueles que apresentam uma dificuldade maior na utilização das aplicações.

#### 5.3.4 Aula 4: Oitavo período: manhã

Neste momento inicia a observação continuando a coleta de informações da aula sobre musicalidade e como são abordados tais conhecimentos na dinâmica do curso.

*“[...] O professor inicia a aula sobre notação musical e liga o Data Show, estudantes atentos com cadernos abertos em uma página em branco, a indígena com a apostila aberta. [...]*

*[...] O vídeo se tratava de slides com informações históricas sobre notação musical em seguida o vídeo com áudio apresentava imagens de objetos arqueológicos de milhares de anos A.C e também da era cristã, foi citado sobre a tablatura italiana, francesa, espanhola etc. O vídeo de mais de 16 minutos percorreu um contexto de histórico de mais de 6 mil anos[...]*

*[...] Após o vídeo o professor comentou e perguntou o que chamou mais atenção no vídeo, os estudantes foram comentando as partes do vídeo e à medida que o estudante comentava, o professor voltava no ponto do vídeo no que dizia respeito à fala dele. [...]*

*[...] A partir de outro comentário de participação, o professor passou outro vídeo para complementar a fala dele, em um determinado ponto do vídeo, através do*

*canto indiano de uma mulher, uma tela do computador foi mostrada um software que identificava a afinação da pessoa ao cantar. O microfone fazia a captação da voz ou da flauta e o programa mostrava um gráfico do alinhamento sonoro daquele som. No vídeo, mostrava uma outra forma de representar a música, e isso incluía como o corpo interfere na forma de executar o conteúdo.*

*[...] O professor pergunta para a indígena presente o que mais chamou atenção e ela disse que foi os desenhos. Em seguida foi perguntado para outro indígena e ele respondeu. O professor também perguntou de que forma os indígenas representavam a música, ele disse que tinha um professor que era mais ligado ao instrumento, O professor insiste e pergunta de como é o processo de aprender com o outros, ela diz que tem a mente boa aprende rápido só pelo ouvir. [...]*

A mesma indígena anteriormente a essa ocasião já tinha participado da entrevista dessa pesquisa e nos apresentou sua dificuldade com a língua portuguesa. Ela (APINAJÉ1, 2018) disse: *“algumas coisas que eu não entendo, eu falo pouco, eu tenho essa dificuldade de falar, que é assim, eu não entendo bem o português”*. Considerando o seu relato, certamente ela teria dificuldades na compressão do vídeo também que possuía uma linguagem mais culta. Logo, compreendemos que pode ser esse o motivo da sua resposta em relação a pergunta do professor, na qual ela fala que o que mais chamou a atenção no vídeo foram os “desenhos”.

*[...] os dois indígenas mostram como é a música na aldeia e ensina que os homens começam batendo os pés e as mulheres apenas acompanha batendo palmas. Os outros dois homens presentes na sala repetem o que o indígena fazia, ele começa a cantar com a mão fazendo como se tivesse segurando um **chocalho**. Ele cantava “Mã tere po, mã tere po, ho hijere ma hôr, mã tere jawêjnere, tere po. A pedido do professor, ele escreveu a letra da música no quadro e perguntou o que estaria cantando no português. Ele disse que era para o momento de festa e que falava de um fruto que era mais gostoso que o jatobá, que ele não lembrava o nome[...]*

Nessa aula muitas experiências foram compartilhadas em aula. E isso remete ao que está no PPC do curso de Licenciatura em Educação do Campo: *“Os alunos como sujeitos do conhecimento;”* (UFT, 2016, p. 39). Eles em conjunto com o professor trazem para a aula suas práticas e vivências e a partir disso dialogam juntos uma aula.

*“[...] Duas alunas desviam a atenção da aula com o uso de celular, mas a pedido do professor, todos levantam para fazer a dança de acordo com o que o indígena orientou acerca da função do homem e da mulher em relação à canção. Todos de pé exceto uma que usou o celular para filmar a dança que eles estavam fazendo na sala[...]*

*[...] Todos cantavam e dançavam conforme o indígena indicou, muita animação, interação e alegria na sala. [...]*

*[...] Dando prosseguimento a aula, o professor abre o slide referente à aula com o título “notação musical”, os slides com fundo branco e letras pretas indicavam alguns conceitos sobre as notas. Alguns alunos utilizavam o caderno para anotar as informações repassadas pelo professor. Somente o professor utiliza notebook. [...]*

*[...] o professor encerra os slides e avisa que até 9:30, na volta do intervalo foi questionado os estudantes participaram mais a partir de conteúdos já passados em apostila. Dois abriram o notebook, com anotações em programas de texto. Uma aluna leu um trecho da apostila que estava no seu celular. Posteriormente ela utiliza o celular para fazer anotações no caderno. [...]*

*[...]Na aula havia um outro professor, também docente do curso que observava e participava da aula, nesse momento da aula se manifesta e utiliza o quadro para fazer anotações acerca do texto que foi passado. Outra aluna parecia estar fazendo uma pesquisa no seu smartphone e faz anotações no caderno através do que vê no celular. Nenhum dos dois indígenas fizeram uso dos dois instrumentos digitais encontrados nessa aula (notebook/celular), mas sentaram na frente. Uma se concentrava com olhos fixados no texto, já o outro indígena falou que não leu o texto. [...]*

*[...] o professor utiliza o notebook como ferramenta de auxílio dele na aula. [...]*

*[...] o professor recomenda uma série chamada “The Borgias” que fala da relação do vaticano com a burguesia e explica um pouco da série e relaciona com o conteúdo da aula. A série não fazia parte do cronograma de atividades, foi apenas uma sugestão para aqueles que tivessem interesse de ir mais fundo no assunto daquele momento[...]*

A série sugerida pelo professor é uma crônica que se passa na Itália no século XV abordando a Igreja Católica Romana e seus esforços para manter-se no poder. É encontrada nos de canais de *streaming*<sup>31</sup>, estas, tratam-se de plataformas de vídeos muito acessadas. A Netflix, como já mencionado, possui milhares de horas disponíveis em séries, filmes e está sendo muito popularizada. É de um interesse muito grande para essa pesquisa, perceber que dentre os mais variados recursos o professor sugere os/as alunos/as que assistam os filmes de *streamings* de modo a correlacionar com o conteúdo da aula. São estratégias válidas para sair do tradicional e contribuir para o grande trajeto de formação de sujeitos críticos.

*[...] depois do professor falar sobre civilização e a relação com autocontrole social, discussão presente na apostila, o professor acusa o encerramento da aula. [...]"*

### 5.3.5 Aula 5: Quarto período - tarde

No início dessa aula, tinha uma quantidade de cerca de vinte e oito (28) alunos. Foi identificado cerca de três (3) destes portando um notebook, além da docente que também utilizada como instrumento de auxílio. Além disso, várias mãos segurando e utilizando um aparelho celular.

*"[...] no período inicial da aula foi pedido por parte da professora que eu (como pesquisadora) me apresentasse e explicasse meu objetivo ali. E assim eu fiz, me apresentei e falei em poucas palavras o que estava fazendo ali e os objetivos do meu trabalho. [...]"*

*[...] Foi chamado grupos para uma apresentação com o título "paisagem, território, identidade". Para ilustrar a apresentação, foi usado uma cartolina para pontuar o tema. Entre os/as que estavam sentados, um indígena olhava fixamente para a tela do notebook do estudante ao lado. [...]"*

Esse indígena também participou da entrevista (Apêndice 1), ele olhava para o notebook do colega ao lado que parecia estar terminando de montar seu slide porque

---

<sup>31</sup> Plataformas de Streaming como por exemplo Netflix e Globoplay

posteriormente seria sua vez de apresentação. Essa observação do indígena demonstrava curiosidade nas técnicas do colega, lembrei-me das entrevistas. Ele, Apinajé3, ao ser questionado sobre sua dificuldade respondeu: “[...] *Quase todas as matérias [...] porque nosso colega tem esse conhecimento, nós não temo por isso que nós somos indígenas, é muito pouco dentro da sala aula...[...]*”. Apinajé3 através dessa fala demonstrou sua dificuldade com o curso e em suas reflexões observa que um colega pode ter uma maior desenvoltura nas atividades, enquanto ele como indígena pode ter mais dificuldade. e em outra fala dele, ele apresenta o seu distanciamento com os aparatos digitais:

*[...] nós não conhecemo tecnologia, nem nosso pai, nem nossa mãe, num sabe... [...] lá na aldeia nós onde mora nós num temo esse negocio, mas depois que nós passemos pra cá, aí comecei a ouvir esse nome mas só que nós nem conhecemo. Esse tecnologia porque pra mim agora, no momento agora eu ainda não entendo muito, porque eu não usa esse máquina pra fazer o trabalho, porque eles pedem pra fazer mas só que eu não tenho [...] eu num conheço mas agora eu to nesse curso e to conhecendo de pouco a pouco. É por isso que quando nós chega aqui fica difícil. Pra mim mesmo é difícil, como eu sou indígena eu num sei, mas é que nós tamo aqui é pra isso, tem que acompanhar mas se você não acompanhar fica difícil pra poder fazer um curso, [...] porque hoje em dia nosso trabalho, professor passa é tudo por esse tecnologia, é tudo pesquisado, tem que mandar email, a professora pede email, eu pelo menos num tenho pra poder mandar pra ela, e eu falo pra ela, olha eu faço escrito entrego na tua mão porque eu não tenho, eu não sei mexer e pra isso não tem recurso, pra mim comprar e eu pelo menos, falo de mim, ou minha mãe não me deu nenhum recurso pra pode me manter aqui. [...]” (Apinajé3, 2018)*

Ele respondeu que “a professora” sempre o deixa entregar escrito e ele diz que prefere assim. E falou a partir de sua percepção que o jovem indígena conhece as tecnologias mais do que os indígenas de sua geração, mas falou das dificuldades de adaptação:

*[...] hoje em dia pra hoje pra o jovem indígena é difícil, muito difícil, porque pra falar a verdade hoje em dia é tudo por tecnologia, os jovens quando vai fazer o ensino médio lá, já quer celular, já quer aquilo, já quer moto pra poder ir pra todo canto [...] se ele tiver 16, 18 ano, se ele crescer, se passar no vestibular, e estudar quando for nós morrer, [...] quem vai manter agora é ele, [...] se não tiver estudo num vai, [...] lá dentro da comunidade indígena [...] tem jovem que não trabalha mais, [...] vai só pra escola, só isso. [...] eu num sou mais jovem, de idade, to aqui to mostrando o caminho pra o meu filho, e meu filho ver o que eu estou fazendo pra ele pra ele acompanhar do jeito que eu to fazendo [...] hoje jovem, tudo quer celular, eu vou citar o meu mesmo, eu tenho um rapaz de 16 anos [...] com a maior dificuldade do mundo, nós tamo pagando escola que particular [...]. Ele precisa de celular, precisa de moto, precisa de roupa, pra poder vim, pra estudar tem que ter um moto pra ele vim pra escola [...] ele chega aqui na escola, já tem tecnologia, todo professor faz o trabalho, passa, manda pelo email de vocês, vê no email de vocês vão estudar pelo email, é isso. É por isso que esse é um problema pra*

*nós indígenas. [...] eu mostra o caminho pra o meu filho. O meu filho tem que acompanhar[...].” (Apinajé3, 2018)*

Apesar de ele considerar-se distante das tecnologias digitais, ele está bem perto dela. Em uma visão menos dicotômica partindo do texto de Demo (2007) não necessariamente existe uma exclusão digital. Nesse caso, Apinajé3 não é um excluído digital apesar de se colocar em uma posição de distanciamento. A tecnologia existe e está ali perto dele, Demo (2007) emprega a essas pessoas o nome de “marginalizados digitais”, ou seja, a tecnologia existe perto deles (dentro na universidade), mas às margens.

*“[...]O segundo grupo do dia se apresenta também com uma cartolina com o título “mapa mental”, nela se destrincha um esquema de setas com a síntese do texto. Uma das participantes falaram de um documentário e um texto que foi passado que contribuiu para o entendimento dela acerca do assunto de sua apresentação. Depois de considerações da professora o próximo grupo se apresenta.[...]*

*[...] O terceiro grupo do dia se organiza e leva o notebook para ilustrar suas falas sobre “território, comunidade e identidade”, um dos estudantes leva imagem de um cachorro marcando território e relaciona com os conceitos apresentados no texto, em seguida apresentou uma foto da Aldeia Casa Grande Apinajé e falou sobre o conceito de identidade. [...]*

*[...]O quarto grupo fala acerca da mesma temática, usaram uma cartolina como auxílio. Uma das alunas falaram sobre a Aldeia São José que foi deslocada e questionou a identidade ligada ao território, já que alguns hábitos dos indígenas se modificaram com a mudança de local, longe do rio, dentre outras coisas em que eles tiveram que se reapropriar. [...]*

*[...] O quinto grupo fala das diferenças das vivências entre a vida urbana e a vida rural, ela considerou Tocantinópolis como área rural, pelo rio, ar puro, paisagem[...].”*

O assunto da aula girou em torno de território, comunidade e identidade. Palavras-chaves importantes a ser abordadas dentro do processo de formação de professores e educadores do campo. Como diz Oliveira (2016):

“A Educação do campo se torna territorial ao se vincular à luta pela terra, aqui ela ganha uma dimensão espacial e, acima de tudo, ontológica. Podemos dizer a dimensão ontológica do território camponês. Território e identidade se tornam categorias fundamentais para analisar o papel da educação do campo no processo de luta e apropriação da terra pela classe trabalhadora e por comunidades tradicionais. A educação do campo tem papel fundamental na construção de identidades que fazem com que homens e mulheres do campo se reconheçam como povos do campo - camponeses, indígenas, quilombolas, pescadores, extrativistas ou agricultores - e somente a partir dessa identidade se inicia o processo de luta por seus direitos essenciais para uma vida com qualidade no campo”. (OLIVEIRA, 2016, p. 108)

Essa importante construção de identidade foi identificada no quinto grupo que reconheceu Tocantinópolis como lugar favorável ao homem/mulher do campo. Reconhecer-se como “do campo”, é um importante passo para se tornar um/uma grande educador/a.

*“[...] O sexto grupo se apresenta, com um slide que expõe trechos com os principais conceitos encontrados no texto da aula. [...]”*

*“[...] Um dos participantes, o indígena (Apinajé3), comentou sobre o rio (Rio Tocantins) que antigamente ele via rio, e hoje ele vê pedra, ele também relata da diferença entre aos costumes Kricatis(o povo a qual ele pertence) e os conhecimentos Apinajé (o povo a qual ele vive agora). A turma participou com comentários a respeito da desterritorialização e reterritorialização [...].”*

As identidades podem ser modificadas, é um estado, e não um processo. "A identidade se constrói, desconstrói-se e se reconstrói no tempo, ou melhor, através do tempo" (RAFFESTIN, 2003, p.4) E ainda, “tem alterações no tempo histórico, no mesmo e em diferentes lugares, de maneira relacional” (SAQUET, 2013, p.149). Como é observado no caso de Apinajé3.

*“[...] A professora inicia um diálogo sobre o conteúdo, e debate com a participação dos estudantes, e para arrematar o teor da conversa ela passa um vídeo que falava sobre uma farinhada no Piauí, as salas utilizadas pelos professores são estruturadas com um aparelho de projeção acoplada ao forro e ligado a ele, uma placa de áudio com duas caixas de som o vídeo fala sobre as técnicas do alimento a partir do amido de mandioca que é referência na região. Ao longo do tempo os produtores têm integrado novas tecnologias e ferramentas para a produção, é considerada uma ‘tecnologia social’ [...]”.*

No tópico 2.4.3 é citado vários exemplos que diz respeito a esse conceito de “tecnologia social” que são quesitos úteis de simplicidade, baixo custo, de fácil aplicabilidade utilizada dentro da comunidade. Os próprios alunos podem ser produtores dessa tecnologia. Como no exemplo da engenharia feita com uma bicicleta (readaptada) para moer mandioca.

*“[...]O processo apresentado foi comentado entre a professora e os/as alunos/as. Na volta do intervalo, foi passado mais um vídeo de documentário “por onde andam as andorinhas” e foi bem comentado pelos/as estudantes. Olhando de maneira geral os estudantes daquela turma, quase todos estavam com um aparelho celular smartphone em cima da carteira inclusive um dos indígenas presente. [...]”*

Fundamentamos essa aula comparativa recorrendo ao PPC do curso no que se refere: “A realidade e as experiências das comunidades do campo como objeto de estudo fonte de conhecimentos;” (UFT, 2016, p.39)

*“[...] A professora solicitou duas atividades, um memorial acerca daquela aula, no caderno, uma relação da apostila com o documentário “Por onde andam as andorinhas” e “farinhada”. e por fim procurar um documentário que tratasse e fosse possível identificar nele cultura, paisagem, territorialidade etc. Um aluno falou que não tinha computador, a professora sugeriu utilizar o da universidade ou juntar com algum colega para realizar a atividade com ajuda de alguém que tinha computador, um outro aluno deu outras orientações a ele. [...]”*

#### 5.3.6 Aula 6: Sexto período - manhã

Na aula de Libras, a professora surda iniciou a aula falando de um implante que colocou e disse que o som que ouve não vem pelo ouvido dela, mas sim pela antena composta pelo aparelho implantado no ouvido, e ela perguntou a turma se lembra dos conteúdos passado na aula anterior em seguida, conectou o data show ao seu notebook e deixou na tela "aprendendo Libras", após isso, relembrou alguns sinais já passados. Por

sua limitação de fala fonética, ela tem um auxiliar que verbaliza para a turma os sinais em libras falado por ela.

*“[...] A professora pede para que eu, me apresentasse como pesquisadora e explicasse para os/as estudantes os meus objetivos naquela aula. Depois da apresentação solicitada, a docente avança o slide e pede para uma aluna ler o que está escrito sobre "sinais", e passou imagens de pessoas famosas e falou sobre os "sinais" daquelas pessoas e que elas são representadas pelas características marcantes que possuem. [...]”*

Essa foi a turma que teve uma maior quantidade de entrevistados, cerca de cinco (5) estudantes dos dezessete (17) que participaram desta pesquisa. A professora solicitou para que em duplas reproduzissem os sinais em forma de diálogo.

*“[...]Uma aluna abriu o notebook. A docente avançou o slide e este tinha o título “fontes de pesquisa”, nele estava um print (registro de uma interface feito por uma tecla do teclado de qualquer computador chamada print screen) de um site chamado ‘hand talk’ e no corpo do texto tinha ‘Oferecemos tradução digital para acessibilidade em Libras, a língua Brasileira de Sinais’. [...]”*

*[...] A partir daí os discentes começaram suas apresentações em duplas. Uma aluna tirou foto/registrou uma das apresentações[...].”*

Uma aula de Libras como qualquer processo de alfabetização requer o exercício de decorar sinais. Utilizar o celular para gravar um sinal e revê-lo depois, é uma opção sensata para ajudar nesse processo. Além disso, sites e aplicativos como o que a professora mostrou (*Hand Talk*) existem para contribuir com o desenvolvimento prático do estudante de Libras.

*“[...] Cerca de 10 alunos usavam celular durante a aula. Destes todos eram celulares smartphone. Mesmo que uns paravam, outros passavam a usar. Chegou um convidado para participar da aula, surdo, que ajudou a dar os sinais para cada aluno da turma e contribuiu opinando nas apresentações. Ele falava em Libras e o auxiliar da professora traduzia para a turma ouvir[...].”*

*[...] No intervalo da aula, uma aluna já de cabelos grisalhos perguntou como era cabelo branco em libras para outra aluna, ela procurou no aplicativo e respondeu. Posteriormente uma outra aluna olhando para o celular comentou*

*que alguém estava comprando um celular do modelo “i3”, mas falou que o ‘i3 era muito fraco’ porque “já tem o ‘i7’[...]”*

Em ambos os casos, os/as discentes se envolvem com o que conseguem acessar em seus aparelhos digitais. No primeiro caso do parágrafo acima, o celular se tornou um facilitador, como diz um estudante participante dessa pesquisa:

[...] Tem vários instrumentos que facilitam né, [...] o computador para acessar a internet, é no caso, é um deles, que é um instrumento muito forte, auxiliador [...] que facilita nossa vida acadêmica, trabalho escrito e também outra ferramenta é o smartphone, que ele serve como instrumento facilitador[...](TOCANTINÓPOLIS1, 2018)

O celular pode ser um grande aliado para as aulas de Libras. No segundo caso, quando a aluna fala que o celular “i3” é “fraco” porque já tem o “i7” reforça um pensamento capitalista. Porém, quando ela diz “fraco” remete a ideia de “antiquado” ou “ultrapassado”. Isso porque provavelmente ela já percebeu que quando novos lançamentos chegam, é porque existe uma nova demanda que aquele celular está suprindo. as novas aplicações, cada vez mais “pesadas” e que exigem uma carga maior de memória a cada atualização, e isso vai deixando o sistema operacional do celular mais lento e sobrecarregado, ficando obsoleto à medida que o tempo passa. Obrigando o consumidor a trocar sempre que as memórias digitais chegam ao limite. A percepção dessa aluna é um dos reflexos da globalização abordada no tópico 2.4.2. (Tecnologia: entre meios)

*“[...]Na volta do intervalo, um convidado surdo, contou sua história através da língua de sinais com ajuda do intérprete que auxiliava a professora. Todos os alunos se atentaram, do meio para o fim alguns pegaram o celular. [...]”*

Cerca de quatro alunos desviam a atenção para mexer no celular. É um problema que tem se apresentado comum entre as aulas quando se trata de uma sala de aula que possui estudantes com celular, principalmente conectados à rede.

*“[...]Em um dado momento o convidado ao contar sua história, fala que sabe dançar e que é um pensamento equivocado das pessoas achar que surdo não dança. [...]”*

*[...]A pedido uma aluna dança forró com o convidado surdo, ela abre seu celular e coloca um áudio de forró. A turma interage de forma positiva prestigiando o momento. O convidado dança, agradece a oportunidade e se despede [...]*

*[...] A professora, em seguida, falou sobre duas atividades enviadas no Moodle (plataforma digital de interação entre docente e discentes), o primeiro deu muito problema por parte dos/as alunos/as na hora de enviar por e-mail e que este segundo, postado no Moodle, é para entregar impresso e estará na reprografia para caso alguém não consiga entrar na plataforma digital. E repetiu frases comuns que ouve de seus/suas alunos/as: “ah o computador deu problema”, “não deu certo”, ou inventam alguma desculpa - disse. Ela perguntou se todo mundo recebeu o e-mail e todos responderam positivo. Disse que no semestre passado alunos/as pegaram resumos da internet ela disse que sabe identificar se foi o/a aluno/a que escreveu ou foi copiado da internet. E ressaltou que não gosta disso.*

*[...]A professora pediu para passar uma lista de chamada pela folha porque o sistema estava fora do ar, e mostrou na projeção que não estava conseguindo, tentou duas vezes, fechou. Em seguida liberou a turma. [...]*”

Vale ressaltar que o que foi apresentado das aulas observadas não tem relação com o contexto geral das respectivas disciplinas, mas que se tratam de detalhes observados nas aulas que - no ponto de vista da pesquisadora- foi o que coube relacionar com essa pesquisa. Foi analisada seis aulas. Foram aulas agradáveis e todas correlacionadas com os objetivos do curso.

## 6 ENCAMINHAMENTO PARA AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

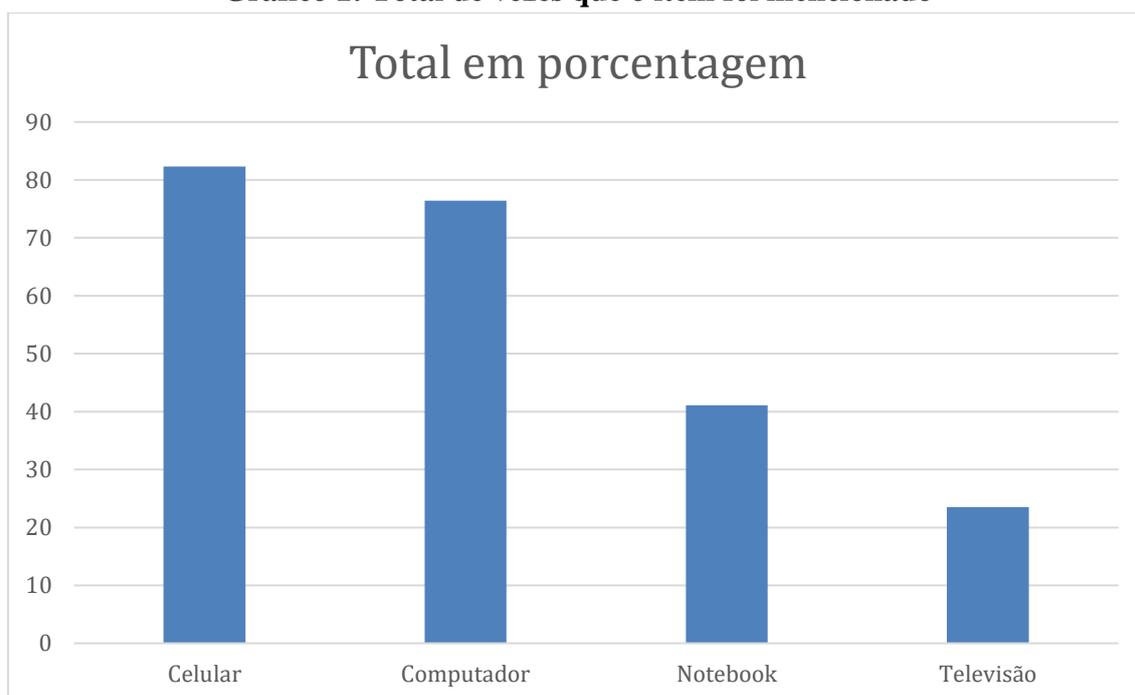
### 6.1 RESULTADOS OBTIDOS ATRAVÉS DOS QUESTIONÁRIOS COM OS ESTUDANTES

Os dezessete estudantes que participaram do questionário responderam as seguintes perguntas expostas no quadro 4. Se as tecnologias digitais que eles mais consideram são celulares e computador, pela pesquisa realizada, então diante dessa perspectiva eles possuem aparatos digitais que contribuem em seu percurso acadêmico. Cada um com suas dificuldades, mas que como a maioria relataram via questionário, o meio acadêmico levou esses/as alunos/as a utilizarem os recursos digitais.

Os números a seguir representam uma porcentagem das respostas recebidas no questionário diante da pergunta “Cite exemplos de tecnologias que você possui ou têm acesso”. Todos citaram pelo menos dois itens, que totalizando, foram treze itens diferentes mencionados entre os dezessete participantes:

- Aproximadamente 82,3 % dos itens citados foi o celular
- Aproximadamente 76,4 % dos itens citados foi o computador
- Aproximadamente 41,1 % dos itens citados foi o notebook
- Aproximadamente 23,5 % dos itens citados foi a televisão

**Gráfico 1: Total de vezes que o item foi mencionado**

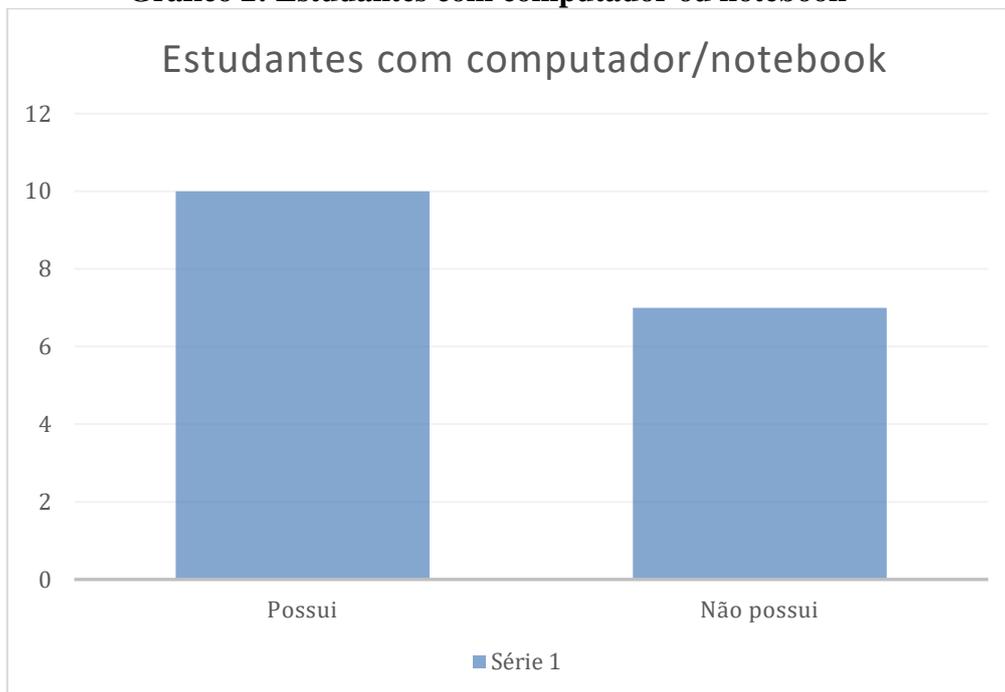


Fonte: Autora, 2019

Além dessas parcelas mencionadas os/as estudantes citaram outros itens que representam 5,8% do total citado, ou seja, apenas um entrevistado citou tais elementos, são eles: “Sistemas de segurança”, “algo importante”, “microondas”, “forno elétrico”, “geladeira”, “pistola de cola quente”, “internet”, “aparelhos domésticos”, “tablet”.

Quando a pergunta foi: “Você possui computador ou notebook”, dez (10) dos dezessete (17) participantes (que representa 58,8%) disseram “Sim” e apenas sete (7) estudantes (41,1%) disseram “Não”.

**Gráfico 2: Estudantes com computador ou notebook**



Fonte: autora

Se tratando de aparelhos celulares, 88,24% manifestaram resposta positiva ao perguntar se possuía enquanto apenas 11% responderam que não possuíam, um deles disse que não possui, mas “já tive”.

Abaixo a explanação total das respostas, por meio do quadro síntese que permite uma leitura complementar aos resultados expostos pelos gráficos (Quadro 4).

Vale salientar que a ortografia do texto no quadro 4 obedece à escrita no questionário aplicado. As respostas seguiram os mais variados raciocínios nos registros das respostas. E acerca de tudo o que foi abordado, seguimos com as conclusões finais.

**Quadro 4 - Questionário dos/das discentes (respostas)**

Questões	Quilombo1	Tocantinópolis 1	Assentamento1
Ano de nascimento	1990	1996	1997
Possui celular?	sim, comprei esse ano	sim	sim
Você utiliza o WhatsApp?	sim	sim, utilizo para fins de comunicação	sim
Você tem Facebook?	sim	sim, para fins de entretenimento	sim com pouca frequência
Você utiliza o Labin da UFT?	sim	não pois o labin tem funções que eu não gosto	sim
Você possui computador ou notebook?	comprei agora por causa do TCC, terminei de pagar a última parcela agora	não	sim
Com que frequência você utiliza computador ou notebook?	Agora? Todos os dias	só quando há necessidade de redigir trabalhos	todos os dias
Você passou a utilizar o computador com mais frequência depois que passou a estudar na universidade?	sim	sim, bastante comparado a anteriormente	sim
Você possui e-mail pessoal?	sim	sim	sim
Seu e-mail foi criado para suas atividades acadêmicas ou você já utilizava antes?	sim, não tinha nem computador nem WhatsApp	já usava antes mas não frequentemente	já utilizava antes, mas passei a usar com mais frequência depois que entrei na universidade
Voce sabe o que é Google Docs?	não	sei mas não utilizo	sim
Voce sabe o que é Google Drive?	sim	sei mas não utilizo	sim
Voce prefere escrever no computador ou no caderno?	do caderno para o computador. Mas para ganhar tempo, é no computador	no caderno é mais prático	no computador pois eu consigo ter mais ideias
Você consegue utilizar o mouse?	sim	sim, consigo	sim
Cite exemplos de tecnologias que você possui ou tem acesso	notebook, celular	computador, celulares, sistemas de segurança	celular, notebook, computadores

**Quadro 4 - Questionário dos/das discentes (respostas) (continuação)**

Questões	Chácara1	Apinajé1	Assentamento2
Ano de nascimento	1996	1985	1989
Possui celular?	sim	sim	sim
Você utiliza o WhatsApp?	sim	Não	sim
Você tem Facebook?	sim	não	sim
Você utiliza o Labin da UFT?	sim, quando precisamos para algo	sim	as vezes
Você possui computador ou notebook?	não	não	sim
Com que frequência você utiliza computador ou notebook?	não muita, só quando necessário	sim, só na UFT	na UFT diariamente
Você passou a utilizar o computador com mais frequência depois que passou a estudar na universidade?	não. Mesma rotina	[...]só depois quando eu comecei a estudar na universidade	Sim, com certeza
Você possui e-mail pessoal?	sim	[sim]	utiliza so para UFT
Seu e-mail foi criado para suas atividades acadêmicas ou você já utilizava antes?	já utilizava	Só para UFT	Somente estudos
Você sabe o que é Google Docs?	pacote de Apps, acesso as nuvens	não	sim
Você sabe o que é Google Drive?	Local de armazenamento	não	sim
Você prefere escrever no computador ou no caderno?	os dois é viável	pode ser as duas	nos dois tanto faz
Você consegue utilizar o mouse?	sim	sim	sim
Cite exemplos de tecnologias que você possui ou tem acesso	celular, computador etc	hoje a tecnologia é muito importante para a comunidade.	notebook, celular, computadores

**Quadro 4 - Questionário dos/das discentes (respostas) (continuação)**

Questões	Assentamento <sup>3</sup>	Apinajé <sup>2</sup>	Apinajé <sup>3</sup>
Ano de nascimento	1984	1990	1986
Possui celular?	sim	sim	não, mas já tive
Você utiliza o WhatsApp?	sim	sim	não
Você tem Facebook?	sim	sim	não
Você utiliza o Labin da UFT?	Quase nunca	sim	sim
Você possui computador ou notebook?	não	sim	não
Com que frequência você utiliza computador ou notebook?	Sempre que tenho oportunidade	para fazer os trabalhos	de vez em quando para fazer os trabalhos apenas
Você passou a utilizar o computador com mais frequência depois que passou a estudar na universidade?	sim	depois que passei na universidade	antes por causa do curso
Você possui e-mail pessoal?	sim	sim	sim
Seu e-mail foi criado para suas atividades acadêmicas ou você já utilizava antes?	já utilizava	já utilizava antes	faculdade
Você sabe o que é Google Docs?	sim	não	não
Você sabe o que é Google Drive?	sim	não	não
Você prefere escrever no computador ou no caderno?	gosto de utilizar o caderno mais no computador é mais rápido e prático.	no computador	computador
Você consegue utilizar o mouse?	sim	sim	sim
Cite exemplos de tecnologias que você possui ou tem acesso	celular, computador notebook.	celular, computador, televisão	celular e computador

**Quadro 4 - Questionário dos/das discentes (respostas) (continuação)**

Questões	Assentamento4	Apinajé4	Assentamento5
Ano de nascimento	1993	1973	1985
Possui celular?	sim	não	sim
Você utiliza o WhatsApp?	sim	não	sim
Você tem Facebook?	não	não	não
Você utiliza o Labin da UFT?	sim	sempre que tem atividade	sim
Você possui computador ou notebook?	sim	não	sim
Com que frequência você utiliza computador ou notebook?	sim	só quando tem trabalho	pouca
Você passou a utilizar o computador com mais frequência depois que passou a estudar na universidade?	sim	sim porque tinha outras coisas	sim
Você possui e-mail pessoal?	não	sim	não
Seu e-mail foi criado para suas atividades acadêmicas ou você já utilizava antes?	Para minhas atividades acadêmicas. para interagir com o mundo globalizado.	para faculdade por causa do professor	atividades acadêmicas
Você sabe o que é Google Docs?	É onde dar pra conexões dos trabalhos	não	sim
Você sabe o que é Google Drive?	é onde dar para guardar pastas, arquivos entre outros	não	sim
Você prefere escrever no computador ou no caderno?	computador	tem que ser no computador, mas gosto do caderno	caderno
Você consegue utilizar o mouse?	sim	não	sim
Cite exemplos de tecnologias que você possui ou tem acesso	televisão, computador micro-ondas, forno elétrico, geladeira	labin tem computador	pistola de cola quente, celular, notebook

**Quadro 4 - Questionário dos/das discentes (respostas) (continuação)**

Questões	Araguatins1	Teresina1	Angico1
Ano de nascimento	1978	1974	1975
Possui celular?	[sim]	sim	sim
Você utiliza o WhatsApp?	sim	sim	sim
Você tem Facebook?	não	sim	sim
Você utiliza o Labin da UFT?	sim	não	não
Você possui computador ou notebook?	sim	sim	sim
Com que frequência você utiliza computador ou notebook?	computador sim [...]	o dia todo	diariamente
Você passou a utilizar o computador com mais frequência depois que passou a estudar na universidade?	sim	sim	sim
Você possui e-mail pessoal?	sim	sim	sim
Seu e-mail foi criado para suas atividades acadêmicas ou você já utilizava antes?	tenho o da instituição e o pessoal	já utilizava	já utilizava
Você sabe o que é Google Docs?	sim	não	mais ou menos
Você sabe o que é Google Drive?	sim	não	mais ou menos
Você prefere escrever no computador ou no caderno?	depende, dos dois	computador	no computador
Você consegue utilizar o mouse?	sim	sim	sim
Cite exemplos de tecnologias que você possui ou tem acesso	celular, computador internet	computador, celular, televisão	celular, notebook, aparelhos domésticos, etc.

**Quadro 4 - Questionário dos/das discentes (respostas) (continuação)**

Questões	Povoado1	Santa Terezinha1
Ano de nascimento	1981	1996
Possui celular?	sim	sim
Você utiliza o WhatsApp?	sim	sim
Você tem Facebook?	sim	sim
Você utiliza o Labin da UFT?	sim	pouco
Você possui computador ou notebook?	não	sim, notebook
Com que frequência você utiliza computador ou notebook?	poucas	quase sempre
Você passou a utilizar o computador com mais frequência depois que passou a estudar na universidade?	sim	sim
Você possui e-mail pessoal?	sim	sim
Seu e-mail foi criado para suas atividades acadêmicas ou você já utilizava antes?	pra atividades acadêmicas	atividades acadêmicas
Você sabe o que é Google Docs?	não	sim
Você sabe o que é Google Drive?	sim	sim
Você prefere escrever no computador ou no caderno?	computador	caderno
Você consegue utilizar o mouse?	sim	sim
Cite exemplos de tecnologias que você possui ou tem acesso	celular, computador, televisão, tablet	celular, notebook.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Universidade Federal do Tocantins estão estabelecidos dois cursos de Licenciatura em Educação do Campo nos campos de Arraias no sul e Tocantinópolis ao extremo norte do estado do Tocantins. De acordo com o PPC do curso, essa licenciatura pretende, “preparar educadores para uma atuação profissional”, mas que de maneira multi/interdisciplinar “vá além da docência e dê conta da gestão dos processos educativos na escola e no seu entorno”. Além de oportuniza-los para que sejam observadores do meio à qual vivem e sejam críticos diante da situação em que hegemônicas a qual qualquer grupo social possa estar submisso. A oportunidade plural de acesso ao curso dessa licenciatura se tornou um grande passo de conquista vinda de muitas dificuldades e a caminho o anseio em diminuir as vulnerabilidades dessa população tão presente no estado do Tocantins.

Existe a ideia de que há diferentes categorias sociais. Há aqueles que se apoderam do conhecimento e da informação, tomando para si certa autoridade, autoridade esta que depende do conhecimento. Estes dominam os espaços reais e simbólicos, tornando os demais marginalizados, isto é, conduzidos às margens do poder e lá mantidos.

O produto mais provável da fratura entre grupos de indivíduos que sabem usar as tecnologias de forma produtiva e os que não sabem, a desigualdade em relação à capacidade de produzir, que se desdobra em desigualdade econômica, que só tende a aumentar. Para os que não sabem como ser produtivos, a marginalização econômica é, em grande parte, produto da marginalização técnica e tecnológica. A marginalização aqui tratada, é um dos lados da fratura da sociedade em territórios reais e simbólicos, e, em grande parte, produto de lacunas governamentais. Os marginalizados, apesar de serem estigmatizados de forma bastante depreciativa na sociedade, são, na maior parte dos casos, vítimas do abandono, da falta de políticas sociais, o que se desdobra em falta de poder.

Pode-se considerar um aluno universitário marginalizado digital quando ele tem acesso aos recursos tecnológicos que a universidade oferece (softwares, drivers, e-mail, laboratório de informática com acesso à internet, rede wireless exclusivo para alunos/as, etc.), mas, não tem conhecimento teórico e prático adequado e suficiente para lidar com as tecnologias (ou pelo menos não como deveria para otimização do seu percurso acadêmico), quaisquer que sejam os fatores perturbadores. Ou seja, vivem à margem. Mas

não é o caso de todos. Os/as professores/as dispõem a quebrar esse paradigma e trazem os/as marginalizados/as ao contato cibernético de várias maneiras através de estratégias educativas.

A Educação do Campo é a educação para a cidadania, da luta pela terra, pelas territorialidades, pelos direitos, pela cultura e saberes dos sujeitos do campo. Há fatores fundamentais no contexto da arte na Educação do Campo uma vez que sendo parte de práticas formativas através da produção de vídeos (por meios profissionais e amadores com recursos como celulares), músicas e reflexões teóricas sobre as artes na formação de educadores/as contribui na transformação social e emancipação do/a sujeito, no caso, do campo. Com um grande histórico de construção, a Educação do Campo deve ser compreendida como um curso importante e contra hegemônico.

A partir de uma observação inicial, encontramos diversos tipos de estudantes, com uma grande riqueza étnico racial. Em geral, os/as estudantes tem gostado do curso, e fazem um esforço enorme para participar ativamente das aulas e suas atividades. E as tecnologias podem ser observadas de duas formas: aquela que o/a estudante do curso leva de conhecimento/saberes à universidade, e a que eles/as precisam a partir da universidade. Um exemplo de tecnologia que ele leva à universidade através de seus saberes é o moedor de mandioca feito a partir de uma bicicleta pelos Apinajés e Krikatis na aldeia, a farinha, os instrumentos agroecológicos e/ou até mesmo instrumentos de comunicação que eles precisam dentro de suas comunidades.

Sobre as tecnologias ela é inegável e atinge a todos no âmbito acadêmico. As que eles necessitam a partir da universidade, podemos citar as do âmbito digital que são eles: celular, notebook, instrumentos musicais, técnicas artísticas. São recursos que eles precisam desenvolver habilidades de uso para um bom proveito de atividades acadêmicas e também a expansão de saberes que podem ser reconfigurados ao retornarem à comunidade. O e-mail, WhatsApp e plataformas de compartilhamento de vídeos são acessos mais comuns entre estudantes em sala de aula. Se tratando de tecnologia digital, esta pode ampliar seu conhecimento de modo ao estudante da licenciatura em Educação do Campo ter acesso ao mundo de forma autônoma trabalhando a educação através da arte e música, articulado com as tecnologias necessárias.

Pode-se caracterizar essas tecnologias digitais encontradas, como incipientes porque trata-se de instrumentos básicos de informação e comunicação dos últimos anos. Considerando esses instrumentos digitais básicos, a Universidade Federal do Tocantins dispõe de recursos cujo domínio pode significar relevante diferencial no percurso

acadêmico desses/as alunos/as (editores de texto, e-mail institucional, plataforma Moodle, internet acadêmica, dentre outros).

Essas Tecnologias Digitais eles têm, e isso foi visto ao longo das aulas e nas respostas dos questionários. Favorecendo assim o perfil profissiográfico do curso quando diz: “[...] *que ele tenha domínio dos conteúdos e a compreensão crítica daquilo que ensina e faz; conheça as novas tecnologias e que as utilize de acordo com o projeto político de emancipação das classes menos privilegiadas [...]*” (UFT, 2016, p. 36).

Quando aproximamos dos objetivos específicos e reafirmarmos que as tecnologias digitais no curso de Educação do Campo estão sendo utilizada de maneira positiva e conquistando resultados satisfatórios ao realizar atividades que não são centradas em uma determinada área, mas de maneira interdisciplinar conjuga-se os saberes maternos e conhecimentos do Tempo-Universidade e Tempo-Comunidade.

Os/as estudantes conhecem vários recursos digitais e utilizam os que estão ao seu alcance inclusive em sala de aula. Alguns tem um receio, outros tem curiosidade.

Em suma, as condições gerais na universidade permitem e possibilitam os/as discentes desenvolverem as habilidades necessárias para realizarem as suas atividades com as tecnologias digitais porque disponibiliza recursos básicos, porém o que difere as práticas entre um estudante e outro é que tipo de prática ele tinha antes da entrada na universidade. Há também um empoderamento entre os/as alunos/as capazes de lidar autonomamente com essas tecnologias e tirar delas efetivo proveito no curso que escolheu. Enquanto um outro grupo apresenta dificuldades em fazer essa mesclagem e articulam com os/as professores/as uma segunda opção de realizar aquela tarefa.

Sendo assim, as tecnologias digitais de informação e comunicação impacta a vida acadêmica desde o início por meio de atividades solicitadas pelos/as professores/as para o desenvolvimento dos trâmites da academia, até o final com o trabalho de conclusão de curso (TCC) ou ainda, para o uso pessoal de acordo com seus respectivos interesses.

Chega-se à conclusão que os estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, conhecem diversas tecnologias digitais. E as utilizam as que têm a seu alcance. Uns utilizam mais e obtém mais práticas e ganham mais habilidades em relação a elas, alguns compartilham desses conhecimentos para ajudar outros estudantes que não tem tanta prática assim. O método pedagógico adotado pelos/as docentes nas aulas favorece o exercício dessa prática. Além dos questionários e entrevistas, as observações também reafirmam esse entendimento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros de. Os movimentos sociais do campo e práxis política: trajetória de luta por uma educação do campo no Tocantins. In: SILVA, C; MIRANCE, C.F.; AIRES, H. Q. P.; OLIVEIRA, U. F. (Orgs.). **Educação do Campo Artes e Formação Docente**. Palmas-TO: EDUFT, 2016

AIRES. Helena Quirino Porto. A proposta da pedagogia da alternância: uma possibilidade de construção de conhecimento (2016), In: SILVA, *et al.* Educação do campo, artes e formação docente. Palmas/TO: EDUFT, 2016.

ANHAIA, Edson Marcos de. Constituição do Movimento de Educação do Campo na luta por políticas de educação. 2010. 156 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2010.

ARAÚJO *et. al.* **Educação do Campo, artes e formação docente**. Palmas/TO: 2ªed, EDUFT, 2016, p. 336

ARAÚJO. Gustavo. Arte/Educação do Campo: Algumas reflexões, 2016 . In: SILVA *et al.* **Educação do campo, artes e formação docente**. Palmas/TO: EDUFT, 2016. p. 169

ASSESSORIA de comunicação Social. Governo lança programa para implementar política de educação no campo. **PRONACAMPO**, Brasília –DF, mar. 2012. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/208-591061196/17607-governo-lanca-programa-para-implementar-politica-de-educacao-no-campo>> Acesso em: 19/07/2018

ASSESSORIA de comunicação Social. Programa implementará educação do campo e atenderá 76 mil escolas. **PRONACAMPO**, Brasília –DF, mar. 2012. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/todas-as-noticias/208-noticias/591061196/17608-programa-implementara-educacao-do-campo-e-atendera-76-mil-escolas> > Acesso em: 18/07/2018

AVALOS, Beatrice. **Education for the poor: quality or relevance?** British Journal of Sociology of Education, Londres, v. 13, n. 4, p. 419-436, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. (2012). **Edital de Seleção Nº 02/2012-SESU/SETEC/ SECADI/MEC**, Brasília –DF. Disponível em < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13300-edital-02-2012-sesu-setec-secadi-31-agosto-2012-pdf&category\\_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13300-edital-02-2012-sesu-setec-secadi-31-agosto-2012-pdf&category_slug=junho-2013-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 17/03/2020

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação (2012). **Programa implementará educação do campo e atenderá 76 mil escolas**, Brasília –DF. Disponível em < <http://www.portalfederativo.gov.br/noticias/destaques/programa-implementara-educacao-do-campo-e-atendera-76-mil-escolas>> Acesso em: 18/07/2018

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação (2013). **Programa Nacional de Educação do Campo**: Documento Orientador, Brasília –DF. Disponível em < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13214-documento-orientador-do-pronacampo-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13214-documento-orientador-do-pronacampo-pdf&Itemid=30192)> Acesso em: 18/07/2018

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Secretaria de educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão**, Brasília –DF. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/apresentacao>> Acesso em: 18/07/2018

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>, Acesso em 19/11/18 às 11h: 03 mim.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Superior**, Brasília –DF. Disponível em < [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=287&Itemid=527](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=287&Itemid=527)> Acesso em: 18/07/2018

BORNELI, Junior. **A Teoria da Barga e o futuro da Educação** (2019) Disponível em: < <https://www.startse.com/noticia/blog/jornada-do-empendedor/a-teoria-da-barga-e-o-futuro-da-educacao>>

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

CHIAVENATO, Júlio José. **Ética globalizada e Sociedade de consumo**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2004.

CONFERÊNCIA NACIONAL POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO, II , 2 a 6 de agosto de 2004, Luziânia, GO, **Por uma política pública de Educação do Campo**, Disponível em < <http://red-ler.org/declaracion-II-conferencia-educacao-campo.pdf> >. Acesso 20/11/2018

CORRÊA, Roberto, Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In.: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L.. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2º Ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 15-48.

DEMO, P. Marginalização digital: Digital divide. In: **Boletim Técnico do Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, maio/ago. 2007.

DOLCE, J; MEDEIROS, N.; **A resistência das comunidades quilombolas no Jalapão** (2014) Disponível em <<http://vaidape.com.br/2014/04/a-resistencia-das-comunidades-quilombolas-no-jalapao/>>

FERNANDES, Bernardo Maçano; Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In: **Educação do Campo em Pesquisa: Questões para Reflexão**, Monica Castagna Molina (org), Brasília, 2016. p. 27-39

FERRAZ, Siney; **O movimento Camponês no Bico do Papagaio: Sete Barracas em busca de um elo.** 1ª Ed, Imperatriz-MA: Ética, 2008, 171p.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Tradução: Sandra Regina Netz. 4ª ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2005.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In.: GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p. 13-41.

GIOMETTI, A. B. R.; PITTON S. E. C.; ORTIGOZA S. A. G.; **Leitura do espaço geográfico através das categorias: lugar, paisagem e território - volume 9 - D22 - Unesp/UNIVESP - 1ª edição 2012**

GOULART, O.M.T. Apresentação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** Brasília, DF, v. 87, n. 217, p. 287-290, 2006.

GUATTARI, F. Fondements Ethico-Politiques de l'Interdisciplinarité. In POMBO, Olga. A Epistemologia da Interdisciplinaridade, 2008. **Revista Unioeste** p. 9-40

GOMES. Simões. Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE. **G1.globo,** Rio de Janeiro, 21 de fev. 2018. Disponível em:< <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>

HAGE, S. A. M. SILVA, H. d. S. de A. e BRITO, M. M. B. **Educação Superior Do Campo: Desafios Para A Consolidação Da Licenciatura Em Educação Do Campo.** Educ. rev. , Dez 2016, vol.32, no.4, p.147-174. ISSN 0102-4698

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** (1997). 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. Hartshorne (1939)

HARTSHORNE, Richard; **The Nature of Geography.** Lancaster, Association of American Geographers, 1939.

IANNI, Octavio. **Teorias da Globalização,** 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 228p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução: Carlos Irineu da Costa 1ª ed. São Paulo -SP: Editora 34, 1999.

MARTINO, Luis Mauro Sa. **Teorias das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes.** 2ªEd; Editora Vozes. Petrópolis, Vozes: 2014. 291 p

MARTINS, Katja Priscilla Cunha. **As TICs na educação do campo: Uma análise da situação do estado do Rio de Janeiro.** 2014. 363 f. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, ramo de Comunicação em Novos Ambientes Tecnológicos – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

MIRANDA, Cássia. COVER, Maciel. Interdisciplinaridade e Licenciatura em Educação do Campo, (2016), In: SILVA, et al. Educação do campo, artes e formação docente. Palmas/TO: EDUFT, 2016. SILVA, Cícero et al. **Educação do campo, artes e formação docente**. Palmas/TO: EDUFT, 2016.

MIRANDA, C. F.; SILVA, E. M. da; Mosaico dos saberes: a mística dos povos do campo em um curso de licenciatura em Educação do Campo; In: SILVA, C; MIRANCE, C.F.; AIRES, H. Q. P.; OLIVEIRA, U. F. (Orgs.). **Educação do Campo Artes e Formação Docente**. 2ªed. Palmas-TO: EDUFT, 2018, p.185-207

MORAES, Antônio Carlos Robert (1990). Introdução. In **Ratzel**. São Paulo, Editora Ática

MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. **Contemporaneidade, educação e tecnologia**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1037-1057, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 19. Set. 2016.

MUFARREJ, H. S. A; SILVA, H. S. A.; BRITO, M.M.B; Educação superior do campo: desafios para a consolidação da licenciatura em educação do campo. In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.32, 2016. p. 147-174

MUNARIM, Iracema. **As Tecnologias Digitais nas Escolas do Campo: Contexto, Desafios e Possibilidades**. 2014. 184 f. Tese de Doutorado em Educação, Programa de Pós Graduação em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014.

NIELSEN, Jakob; MOLICH, Rolf. (1990). **Avaliação heurística de interfaces de usuário**, *Proc. ACM CHI'90 Conf* (Seattle, WA, 1-5 de abril), p. 249-256.

OLIVEIRA, U. F. D; Percurso metodológico para construções identitárias na formação de professoras e professores do campo no norte do Tocantins: reflexões a partir da experiência com o curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, da UFT – Câmpus Tocantinópolis. . In: SILVA, Cícero da.; MIRANDA, Cássia Ferreira.; AIRES, Helena Quirino Porto.; OLIVEIRA, Ubiratan Francisco de (Orgs). **Educação do campo, artes e formação docente**. Palmas/TO: EDUFT, 2016.

OLIVEIRA, U. F., & COVER, M. (2016). Caminhos e “descaminhos” da educação do campo na UFT de Tocantinópolis: Potencialidades e riscos. **Academia**, São Paulo, 2018. Disponível em:< <http://uft.academia.edu/MacielCover> > Acesso em 15 de 08 de 2018,

PATRÍCIO, Eduardo Luís Brito. **Instrumentos Musicais Digitais: Uma Abordagem Composicional**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Do Paraná Departamento de Artes Curso de Pós-Graduação em Música. Curitiba. 2010. 103p

PESSOTTI, Alda Luzia. **Escola da Família Agrícola: Escola da Família Agrícola uma alternativa para o ensino rural**. 194 p. Dissertação (Mestrado)- Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. 1978.

PIANOWSKI, Fabiane; Educação do Campo e o Ensino de Artes Visuais: contexturas; In **INvisibilidades**: Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes. n.6 2014, p. 70-77

PINAR, William. A equivocada educação do público nos Estados Unidos. In: GARCIA, R. L.; MOREIRA, A. F. B. (Org.). **Currículo na contemporaneidade**: incertezas e desafios. 4º ed; São Paulo: Cortez, 2003.

POMBO, Olga. A Epistemologia da Interdisciplinaridade, 2008. **Revista Unioeste** p; 9-40

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993;

RATZEL, Friedrich. **Geografia do Homem** (Antropogeografia) (Traduzido do italiano por Fátima Murad). In: Ratzel. MORAES, Antonio Carlos Robert (Org.). São Paulo: Editora Ática, 1990. 200p.

RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**. 2008, vol.34, n.1, p.27-45

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal, 6ª ed. Rio de Janeiro: Record Brasileira, 2001.

SANTOS, Milton; – **Por Uma Geografia Nova**. São Paulo, Editora HUCITEC e Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

SANTOS, Boaventura Sousa; **Toward a multicultural conception of human rights**. Zeitschrift für Rechtssoziologie, Stuttgart, n. 18, p. 1-14, 1997.

SAQUET, Marcos Aurélio. Por uma abordagem territorial. p.73-94; In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério; (Orgs.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. 1ª Ed São Paulo- SP: Expressão Popular: UNESP, 2008. p.368

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre o território**. 1º ed. – São Paulo: Expresso Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. 3ºed. São Paulo: Outras Expressões. 2013. 192p.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, Cristina. Marília. Teixeira. Da.; AZEVEDO, Nyrma. Souza Nunes De. **O significado das tecnologias de informação para educadores**. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ* [online]. 2005, vol.13, n.46, p.39-54. ISSN 0104-4036. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362005000100003>>. Acessado em: 02/02/2018

SILVEIRA, Daniel. Mais de 63% dos domicílios têm acesso à internet, aponta IBGE. **G1.globo**, Rio de Janeiro, 24 de nov. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/mais-de-63-dos-domicilios-tem-acesso-a-internet-aponta-ibge.ghtml>>

SILVA, C. d. S., MIRANDA, C. F.; AIRES, H. Q. P., OLIVEIRA, U. F. d. (orgs). **Educação do campo, artes e formação docente**. Palmas/TO: EDUFT, 2016.

SOUZA, E. J. et al.; Limites e possibilidades: um olhar sobre o projeto político pedagógico na perspectiva da educação do campo; In: **Teoria e prática da educação do campo: análises de experiências /** organizadoras, Carmem Lúcia Bezerra Machado ; Christiane Senhorinha Soares Campos ; Conceição Paludo. – Brasília : MDA, 2008

TEIXEIRA, E. S.; BERNARTT, M. D. L.; TRINDADE, G. A.; A Epistemologia da Interdisciplinaridade, 2008. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.2, p. 227-242.

TOCANTINÓPOLIS. Portal Tocantins, Palmas, p.1 Disponível em: <<https://portal.to.gov.br/reas-de-interesse/cultura/patrimonio-cultural/cidades-e-monumentos-historicos/tocantinopolis/>> . Acesso em 14/11/2018

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983

UFT. UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. **Projeto político pedagógico do curso de licenciatura em Educação do Campo: Códigos e Linguagens – Artes e Música**, 2016.

VERASZTO, E. V. *et al.* Tecnologia: Buscando uma definição para o conceito. In: Prisma.com: **Revista de Ciências e Tecnologia de Informação e Comunicação**, São Paulo, n. 7, 19-46. 2008

VAGAGGINI, V.; DEMATTEIS, G. I.; **I metodi analitici della geografia**. Firenze: La Nuova Italia, 1976.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

## APÊNDICES

### Apêndice 1. Questionário com os discentes

#### DISCENTE

Questionário quantitativo:

Ano de nascimento:

Ano de ingresso na UFT:

Local onde mora:

Ano que terminou o ensino médio:

Possui celular?

Onde você mora quantos celulares existem?

Você utiliza WhatsApp?

Você tem facebook?

Com que frequência utiliza o facebook?

Você utiliza o Labin da UFT?

Você possui computador ou notebook?

Com que frequência você utiliza computador ou notebook?

Você passou a utilizar o computador com mais frequência depois que passou a estudar na universidade?

Você possui email pessoal?

Seu email foi criado para suas atividades acadêmicas ou você já utilizava antes?

Você sabe o que é Google Docs?

Você sabe o que é Google Drive?

Você prefere escrever no computador ou no caderno?

Você consegue utilizar o mouse?

O que é tecnologia no seu entendimento?

Cite exemplos de tecnologia no seu entendimento:

Cite exemplos de tecnologia que você possui ou têm acesso:

## Apêndice 2. Questionário Qualitativo

### Questionário Qualitativo

- 1) Poderia nos explicar da sua comunidade/região, quais são os meios e instrumentos de que mais auxiliam nas atividades humanas?
- 2) O que você entende de tecnologia, seus pais também entendem da mesma forma?
- 3) Cite uma atividade em sala de aula que você precisou utilizar de tecnologia:
- 4) Quais são suas dificuldades no curso?
- 5) O que você faz para superá-las?
- 6) O que você pretende fazer assim que terminar o curso?

### DOCENTE

Qual foi o seu ano de ingresso no curso?

De onde você veio?

Qual sua formação?

Quais disciplinas leciona?

Como você se materializou para adaptar-se como docente do curso de licenciatura em Educação do Campo?

Como foi o processo de adaptação a região do Bico do Papagaio, e ao contexto social e histórico do Tocantins?

Que instrumentos ou recursos já foi utilizado ou que você percebeu/percebe entre os alunos que servem como facilitador de atividades.

O que é tecnologia para você e de que forma utiliza dentro da sua concepção?

Quais dificuldades ou facilidades é encontrado entre os estudantes do curso em relação às tecnologias digitais quando solicitadas?

Como é realizado por você o processo de valorização do perfil do homem/mulher do campo (camponês) ou que atividades estão direcionadas para este perfil?

Poderia citar exemplo de práticas pedagógicas feitas no TEMPO COMUNIDADE?

No tempo comunidade, você já percebeu algum tipo de instrumento utilizado pelos moradores que de alguma forma facilitou o trabalho deles?

### Apêndice 3. Questionário Qualitativo - Coordenador

#### COORDENADOR

Qual a relação do MBA e CPT e outros movimentos sociais com o início do curso de Educação do campo?

Qual a relação do território de Tocantinópolis ou região com o curso?

Quais são os professores de Educação do Campo? Quem, quantos? E suas formações.

Que tipo de perfil de professores apresentam riscos ou desafios para a dimensão pedagógica do curso?

Quem foram os professores que criaram a primeira versão do Projeto Pedagógico do Curso-PPC?

Quais são as comunidades quilombolas presentes e indígenas?

Quais são os municípios de alunos assentados de outros municípios do Estado?

### Apêndice 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES DE CULTURA E TERRITÓRIO

Av. Paraguai, esq. c/Rua Uxiramas, s/nº Setor Cimba  
(63) 3416-5601 | CEP 77.824-838 | Araguaína/TO



#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **As condições de acesso e uso das Tecnologias do Campus de Tocantinópolis por acadêmicos do curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins**. Esta pesquisa será realizada pela pesquisadora **Anna Flávia Martins Duarte**, do Curso de **Estudos Interdisciplinares de Cultura e Território** da Universidade Federal do Tocantins do Campus de Araguaína, sob orientação da Prof.(a) **Kênia Gonçalves Costa**. Nesta pesquisa, pretendemos **Identificar o conhecimento digital/tecnológico dos acadêmicos e o seu impacto na vida acadêmica; Conhecer as perspectivas dos estudantes em relação às tecnologias; Caracterizar processos de oferta de recursos digitais pelo campus da UFT de Tocantinópolis, verificando se as condições gerais permitem e possibilitam desenvolver as habilidades necessárias para o seu uso eficiente por parte dos acadêmicos/as para realizarem as suas atividades; Descrever e analisar os efeitos no desenvolvimento dos estudantes em virtude do uso das tecnologias**. O motivo que nos leva a estudar é **a relevância da temática em torno das tecnologias dentro do contexto acadêmico e em especial dentro da licenciatura em Educação do Campo, quais as perspectivas as experiências e a representatividade que as Tecnologias disponível na Universidade estão gerando no percurso acadêmico dos discentes, futuros professores do campo**. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: **pesquisa bibliográfica, coletas de dados na forma de questionário impresso e registro sonoro com consentimento**, A sua participação consistirá em responder ao questionário/entrevista e ambos serão registrados. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em constrangimento com a pergunta/questionário ou com os resultados obtidos e avaliados. A pesquisa contribuirá para **que as autoridades responsáveis pela universidade tenham consciência das condições atuais e podendo servir como um feedback da relação das tecnologias com os discentes do curso**.

Para participar deste estudo o(a) Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr. (a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou qualquer dado, material ou registro que indique sua participação no estudo não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal do Tocantins/Campus de Araguaína e a outra será fornecida ao Sr.(a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos na sala **da secretaria do Programa (PPGCULT)** da UFT e, após esse tempo, serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa **As condições de acesso e uso das Tecnologias do Campus de Tocantinópolis por acadêmicos**

**do curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Tocantins**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

- ( ) **Concordo que o meu registro sonoro/questionário seja utilizado somente para esta pesquisa.**
- ( ) **Concordo que o meu registro sonoro/questionário possa ser utilizado em outras pesquisas, mas serei comunicado pelo pesquisador novamente e assinarei outro termo de consentimento livre e esclarecido que explique para que será utilizado o material.**

*Rubrica do pesquisador:* \_\_\_\_\_

*Rubrica do participante:* \_\_\_\_\_

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pelo pesquisador, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome do Participante:

Data:

\_\_\_\_\_  
**ASSINATURA DO PARTICIPANTE**

Nome do Pesquisador Responsável:

Endereço:

CEP:

Telefone Fixo: (63)

E-mail:

Bairro:

Cidade: Araguaína-TO

Telefone Celular: (63)

\_\_\_\_\_  
**ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL**

\_\_\_\_\_  
**DATA**

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos -UNITPAC

Av. Filadélfia, 568, Setor Oeste  
Araguaína-TO

CEP 77.816-540

63' 3411 8500 - www.itpac.br

## ANEXOS

## Anexo 1. Parecer Consubstanciado do CEP



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** AS CONDIÇÕES DE ACESSO E USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS POR ACADÊMICOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO

**Pesquisador:** ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 98988718.0.0000.0014

**Instituição Proponente:** Fundação Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.070.162

**Apresentação do Projeto:**

Diante de um contexto atual onde a tecnologia está presente em tudo, ou quase tudo e domine em um sentido global, existem pessoas que, mesmo nos grandes centros ou em cidades -lugares onde o domínio da tecnologia é frequente - não têm acesso frequente ao uso das tecnologias, quer seja de um celular ou um notebook, por exemplo. Isso é fato e pode ser visto entre acadêmicos da Universidade Federal do Tocantins, ambiente dessa pesquisa.

Com a investigação aqui proposta pretende-se verificar se as condições de acesso e uso das tecnologias digitais disponibilizadas a esses alunos produzem os efeitos necessários ao seu empoderamento como acadêmicos capazes de lidar autonomamente com essas tecnologias e tirar delas efetivo proveito no curso que escolheu.

**Objetivo da Pesquisa:**

Geral

Conhecer e descrever os efeitos produzidos pelas tecnologias digitais ofertadas aos acadêmicos do curso de Educação do Campo (UFT-Tocantinópolis) em seu processo de formação.

Específicos

Identificar o conhecimento digital atual dos acadêmicos e o seu impacto na vida acadêmica; Caracterizar processos de oferta de recursos digitais pelo campus da UFT de Tocantinópolis, verificando se as condições gerais permitem e possibilitam desenvolver as habilidades necessárias

**Endereço:** Av. Filadélfia, nº 568, Setor Oeste.

**Bairro:** Araguaína

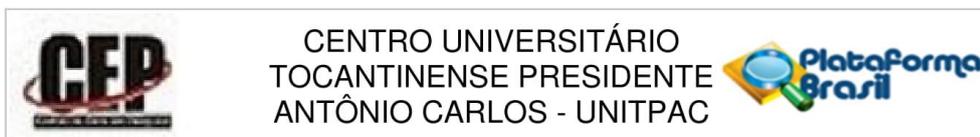
**UF:** TO

**Município:** ARAGUAINA

**CEP:** 77.816-540

**Telefone:** (63)3411-8500

**E-mail:** cep@itpac.br



Continuação do Parecer: 3.070.162

para o seu uso eficiente por parte dos acadêmicos para realizarem as suas atividades; Descrever e analisar os efeitos no desenvolvimento dos alunos em virtude do uso das tecnologias.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Foram bem delimitados.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Os objetivos estão claros.e a metodologia adequada.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O projeto de pesquisa e de relevância para a comunidade científica.

**Recomendações:**

Todas foram cumpridas.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O colegiado vota com o relator.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1129177.pdf	13/11/2018 14:52:04		Aceito
Outros	Questionario.docx	13/11/2018 14:51:29	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito
Outros	CRITERIOS_DE_SUSPENSÃO_OU_ENCERRAMENTO_DA_PESQUISA_E_A_RESPONSABILIDADE_DO_PESQUISADOR.docx	13/11/2018 14:48:57	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito
Outros	riscos.docx	13/11/2018 14:48:20	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito
Orçamento	financeiro.docx	13/11/2018 14:43:23	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	UFT_Projeto.docx	13/11/2018 11:59:57	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	20/09/2018 12:27:34	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito
Outros	destinacaomaterial.pdf	20/09/2018 12:26:58	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito

**Endereço:** Av. Filadélfia, nº 568, Setor Oeste.

**Bairro:** Araguaína

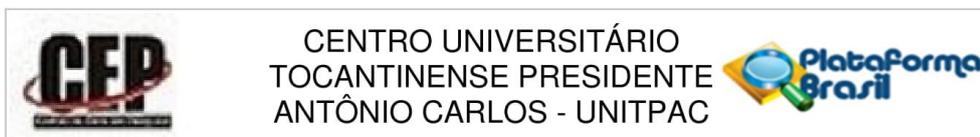
**CEP:** 77.816-540

**UF:** TO

**Município:** ARAGUAINA

**Telefone:** (63)3411-8500

**E-mail:** cep@itpac.br



Continuação do Parecer: 3.070.162

Outros	resultadospesquisa.pdf	20/09/2018 12:26:12	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito
Outros	anuencia.pdf	20/09/2018 12:25:34	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito
Outros	encaminhamento.pdf	20/09/2018 12:25:12	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	20/09/2018 12:18:33	ANNA FLAVIA MARTINS DUARTE	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ARAGUAINA, 10 de Dezembro de 2018

---

**Assinado por:**  
**UANA SARAIVA BRAGA VALTUILLE**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Filadélfia, nº 568, Setor Oeste.  
**Bairro:** Araguaína **CEP:** 77.816-540  
**UF:** TO **Município:** ARAGUAINA  
**Telefone:** (63)3411-8500 **E-mail:** cep@itpac.br

## Anexo 2. Declaração Final da Plenária

### II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo

Luziânia, GO, 2 a 6 de agosto de 2004

#### DECLARAÇÃO FINAL (VERSÃO PLENÁRIA) Por Uma Política Pública de Educação do Campo

##### QUEM SOMOS

Somos 1.100 participantes desta II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo (II CNEC); somos representantes de Movimentos Sociais, Movimento Sindical e Organizações Sociais de Trabalhadores e Trabalhadoras do Campo e da Educação; das Universidades, ONG's e de Centros Familiares de Formação por Alternância; de secretarias estaduais e municipais de educação e de outros órgãos de gestão pública com atuação vinculada à educação e ao campo; somos trabalhadores/trabalhadoras do campo, educadoras/educadores e educandas/educandos: de comunidades camponesas, ribeirinhas, pesqueiras e extrativistas, de assalariados, quilombolas, povos indígenas...

A nossa caminhada se enraíza nos anos 60, quando movimentos sociais, sindicais e algumas pastorais passaram a desempenhar papel determinante na formação política de lideranças do campo e na luta pela reivindicação de direitos no acesso a terra, crédito diferenciado, saúde, educação, moradia, entre outras. Fomos então, construindo novas práticas pedagógicas através da educação popular que motivou o surgimento de diferentes movimentos de educação no e do campo, nos diversos estados do país. Mas foi na década de 80 / 90 que estes movimentos ganharam mais força e visibilidade.

Temos denunciado a grave situação vivida pelo povo brasileiro que vive no e do campo, e as conseqüências sociais e humanas de um modelo de desenvolvimento baseado na exclusão e na miséria da maioria. Temos denunciado os graves problemas da educação no campo e que continuam hoje:

- faltam escolas para atender a todas as crianças e jovens;
- ainda há muitos adolescentes e jovens fora da escola;
- falta infra-estrutura nas escolas e ainda há muitos docentes sem a formação necessária;
- falta uma política de valorização do magistério;
- falta apoio às iniciativas de renovação pedagógica;
- falta financiamento diferenciado para dar conta de tantas faltas;
- os mais altos índices de analfabetismo estão no campo;
- os currículos são deslocados das necessidades e das questões do campo e dos interesses dos seus sujeitos.

Reafirmamos a luta social por um campo visto como espaço de vida e por políticas públicas específicas para sua população.

Em julho de 1998, neste mesmo lugar, foi realizada a I Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, promovida pelo MST, UNICEF, pela UNESCO, CNBB e UnB. Foi uma ação que teve papel significativo no processo de rearticulação da questão da educação da população do campo para a agenda da sociedade e dos governos, e inaugurou uma nova referência para o debate e a mobilização popular: a *Educação do Campo* que é contraponto tanto ao silêncio do Estado como também às propostas da chamada educação rural ou educação para o meio rural no Brasil. Um projeto que se enraíza na trajetória da Educação Popular (Paulo Freire) e nas lutas sociais da classe trabalhadora do campo.

O processo da I Conferência Nacional mostrou a necessidade e a possibilidade de continuar a mobilização iniciada. De lá para cá o trabalho prosseguiu através das ações das diferentes organizações e através de encontros, de programas de formação de educadores e educadoras e criação de fóruns estaduais.

Uma conquista recente do conjunto das organizações de trabalhadores e trabalhadoras do campo, no âmbito das políticas públicas, foi a aprovação das “Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo” (Parecer nº 36/2001 e Resolução 1/2002 do Conselho Nacional de Educação). Outra conquista política importante está sendo a entrada da questão da Educação do Campo na agenda de lutas e de trabalho de um número cada vez maior de movimentos sociais e sindicais de trabalhadores e trabalhadoras do campo e o envolvimento de diferentes entidades e órgãos públicos na mobilização e no debate da Educação do Campo, como pode-se observar pelo próprio conjunto de promotores e apoiadores desta II Conferência.

### **O QUE DEFENDEMOS**

Lutamos por um projeto de sociedade que seja justo, democrático e igualitário; que contemple um projeto de desenvolvimento sustentável do campo, que se contraponha ao latifúndio e ao agronegócio e que garanta:

- a realização de uma ampla e massiva reforma agrária;
- demarcação das terras indígenas;
- o fortalecimento e expansão da agricultura familiar/camponesa;
- as relações/condições de trabalho, que respeitem os direitos trabalhistas e previdenciários dos trabalhadores e trabalhadores rurais;
- a erradicação do trabalho escravo e da exploração do trabalho infantil;
- o estímulo à construção de novas relações sociais e humanas, e combata todas as formas de discriminação e desigualdade fundadas no gênero, geração, raça e etnia;
- a articulação campo – cidade, o local - global.

Lutamos por um projeto de desenvolvimento do campo onde a educação desempenhe um papel estratégico no processo de sua construção e implementação.

O momento atual do país nos pareceu propício para realização de um novo encontro nacional que fosse bem mais do que um evento; que pudesse reunir e fazer a síntese da trajetória dos diferentes sujeitos que atuam com a Educação do Campo. E assim fizemos. Nestes cinco dias da II CNEC estivemos debatendo sobre campo e sobre educação e especialmente nos debruçamos sobre como efetivar no Brasil um tratamento público específico para a Educação do Campo.

Nossas proposições estão voltadas para as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos e os idosos que vivem e atuam na diversidade de formas de produção e de vida no e do campo. Estamos especialmente preocupados com os milhões de adolescentes e jovens que estão fora da escola e de outros processos educativos formais ou que estão em escolas inadequadas ou precisam ir à cidade para estudar e que a cada dia se descobrem sem alternativas sociais dignas de trabalho e de permanência no campo.

Respeitando a diversidade dos sujeitos que aqui representamos e ao mesmo tempo construindo a unidade necessária para a tarefa que nos colocamos, queremos aqui reafirmar o nosso compromisso coletivo com uma visão de campo, de educação e de política pública:

3

- Defendemos uma educação que ajude a fortalecer um projeto popular de agricultura que valorize e transforme a agricultura familiar/camponesa e que se integre na construção social de um outro projeto de desenvolvimento sustentável de campo e de país como acima nos referimos.
- Defendemos uma educação para superar a oposição entre campo e cidade e a visão predominante de que o moderno e mais avançado é sempre o urbano, e que o progresso de um país se mede pela diminuição da sua população rural.
- Defendemos a mudança da forma arbitrária atual de classificação da população e dos municípios como urbanos ou rurais; ela dá uma falsa visão do significado da população do campo em nosso país, e tem servido como justificativa para a ausência de políticas públicas destinadas a ela.
- Defendemos o campo como um lugar de vida, cultura, produção, moradia, educação, lazer, cuidado com o conjunto da natureza, e novas relações solidárias que respeitem a especificidade social, cultural e ambiental dos seus sujeitos. Dessa dinâmica social e cultural se alimenta a educação do campo que estamos construindo.
- Defendemos políticas públicas de educação articuladas ao conjunto de políticas que visem a garantia do conjunto dos direitos sociais e humanos do povo brasileiro que vive no e do campo. O direito à educação somente será garantido se articulado ao direito à terra, à permanência no campo, ao trabalho, às diferentes formas de produção e reprodução social da vida, à cultura, aos valores, às identidades e às diversidades. Defendemos que este direito seja assumido como dever do Estado.
- Defendemos um tratamento específico da Educação do Campo com dois argumentos básicos: - a importância da inclusão da população do campo na política educacional brasileira, que é condição de construção de um projeto de educação nacional, vinculado a um projeto de desenvolvimento nacional, soberano e justo. Na situação atual esta inclusão somente poderá ser garantida através de uma política pública específica: de acesso e permanência e de projeto pedagógico; - a diversidade dos processos produtivos e culturais que são formadores dos sujeitos humanos e sociais do campo e que precisam ser compreendidos e levados em conta na construção do projeto pedagógico da educação do campo.
- Lutamos por direitos sociais, humanos, conseqüentemente universais, garantidos com políticas universais. Políticas que garantam a universalização do direito à educação.

### **O QUE QUEREMOS**

1. Universalização do acesso da população brasileira que trabalha e vive no e do campo à Educação Básica de qualidade social por meio de uma política pública permanente que inclua como ações básicas:
  - fim do fechamento arbitrário de escolas no campo;
  - construção de escolas no e do campo;
  - acesso imediato à educação básica;
  - construção de alternativas pedagógicas que viabilizem com qualidade a existência de escolas de educação fundamental e de ensino médio no próprio campo;
  - educação de jovens e adultos (EJA) adequada à realidade do campo;
  - políticas curriculares e de escolha e distribuição do material didático-pedagógico que levem em conta a identidade cultural dos povos do campo;
  - acesso às atividades de esporte, arte e lazer;

- condição de acesso às pessoas com necessidades especiais.
2. Ampliação do acesso e garantia de permanência da população do campo à Educação Superior por meio de uma política pública permanente que inclua como ações básicas:
    - Interiorização das Instituições de Ensino Superior, públicas, gratuitas e de qualidade;
    - formas de acesso não excludentes ao ensino superior nas universidades públicas;
    - cursos e turmas específicas para atendimento das demandas de profissionais do campo;
    - concessão de bolsas de estudo em cursos superiores que sejam adequados a um projeto de desenvolvimento do campo;
    - inclusão do campo na agenda de pesquisa e de extensão das universidades públicas;
    - financiamento pelo CNPq para pesquisas na agricultura familiar/camponesa e outras formas de organização e produção das populações do campo;
  3. Valorização e formação específica de educadoras e educadores do campo por meio de uma política pública permanente que priorize:
    - a formação profissional e política de educadores e educadoras do próprio campo, gratuitamente;
    - formação no trabalho que tenha por base a realidade do campo e o projeto político e pedagógico da Educação do Campo;
    - incentivos profissionais e concurso diferenciado para educadores que trabalham nas escolas do campo;
    - Definição do perfil profissional do educador do campo;
    - Garantia do piso salarial profissional nacional e de plano de carreira;
    - Formas de organização do trabalho que qualifiquem a atuação dos profissionais da educação do campo;
    - Garantia da constituição de redes coletivas: de escolas, educadores e de organizações sociais de trabalhadoras e trabalhadores do campo, para construção – reconstrução permanente do projeto político-pedagógico das escolas do campo, vinculando essas redes a políticas de formação profissional de educadores e educadoras.
  4. Formação de profissionais para o trabalho no campo por meio de uma política pública específica e permanente de:
    - cursos de nível médio e superior que inclua os jovens e adultos trabalhadores do campo e que priorizem a formação apropriada para os diferentes sujeitos do campo;
    - uso social apropriado das escolas agrotécnicas e técnicas atendendo as necessidades dos trabalhadores e trabalhadoras do campo;
    - fortalecimento das equipes técnicas;
    - implementação de novos formatos de cursos integrados de ensino médio e técnico tomando como referência a sociobiodiversidade;
    - formação e qualificação vinculadas a educação do campo, junto às universidades construídas coletivamente com os sujeitos do campo, às equipes técnicas contratadas e aos órgãos públicos responsáveis pela assistência técnica.
    - criação de uma sugestão de agenda específica para os institutos de pesquisa sobre agricultura familiar/camponesa e outras formas de organização e produção das populações do campo.
  5. Respeito à especificidade da Educação do Campo e à diversidade de seus sujeitos.

O campo tem sua especificidade. Não somente pela histórica precarização das escolas rurais, mas pelas especificidades de uma realidade social, política, econômica, cultural e organizativa, complexa que incorpora diferentes espaços, formas e sujeitos. Além disso, os povos do campo também são diversos nos pertencimentos étnicos, raciais: povos indígenas, quilombolas...;

Toda essa diversidade de coletivos humanos apresenta formas específicas de produção de saberes, conhecimentos, ciência, tecnologias, valores, culturas... A educação desses diferentes grupos tem especificidades que devem ser respeitadas e incorporadas nas políticas públicas e no projeto político-pedagógico da Educação do Campo, como por exemplo, a pedagogia da alternância.

## **O QUE VAMOS FAZER**

As organizações que assinam este documento assumem o compromisso com as seguintes ações prioritárias:

1. Articular e coordenar a construção de uma Política Nacional de Educação do Campo, em parceria governo federal e movimentos sociais, levando em conta as Diretrizes Operacionais, experiências já existentes e a plataforma aqui indicada.
2. Criar uma Política de Financiamento diferenciado para a Educação do Campo, com definição de custo-aluno que leve em conta os recursos e serviços que garantam a qualidade social da educação, as especificidades do campo e de seus sujeitos.
3. Cumprir a Constituição Federal que determina a aplicação dos recursos vinculados, de no mínimo 18% da União e 25% dos Estados e Municípios para a manutenção e desenvolvimento do ensino público, desvinculando da dívida pública (externa e interna), estes recursos.
4. Eliminar a desvinculação dos Recursos da União (DRU), que desviam 20% dos mesmos, e voltar a garanti-los para a Educação.
5. Garantir a participação de representantes dos movimentos sociais do campo na Comissão de discussão do Fundeb e no acompanhamento da sua aplicação.
6. Regulamentar o regime de colaboração e cooperação entre as três esferas do Poder Público quanto à sua responsabilidade na implementação das políticas de Educação.
7. Articular uma política de Educação do Campo com as diferentes políticas públicas, para a promoção do desenvolvimento sustentável do campo, priorizando os seus sujeitos.
8. Incentivar e apoiar a elaboração e a distribuição de materiais didáticos específicos dos sujeitos do campo.
9. Mobilizar iniciativas para a derrubada dos vetos do Plano Nacional de Educação (PNE).
10. Participar da Avaliação do Plano Nacional de Educação (PNE) e reformulá-lo para nele incluir a Educação do Campo.
11. Regulamentar, com urgência, a Resolução 03/99, especialmente, no que se refere à criação e à regulamentação tanto de escolas indígenas como da formação de professores específicos para elas.
12. Incorporar a Educação do Campo nos Planos Estaduais e Municipais de Educação assegurando a participação dos movimentos sociais no acompanhamento da sua execução.

6

13. Garantir a participação dos Movimentos Sociais nos Conselhos de Educação, Nacional, Estaduais e Municipais, e em outros espaços institucionais.
14. Garantir a construção coletiva do projeto político-pedagógico da Educação do Campo com a participação da diversidade dos sujeitos, tendo sempre como referência os direitos dos educandos.
15. Reconhecer as escolas dos acampamentos (escolas itinerantes), bem como a escolarização desenvolvida na Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas diferentes experiências educativas do campo.
16. Promover todos os meios necessários para acelerar a implementação das Diretrizes Operacionais para Educação Básica das Escolas do Campo (DOEBEC).
17. Garantir a formação específica de educadoras e educadores do campo, pelas universidades públicas, pelo poder público em parceria com os movimentos sociais.
18. Participar da Reforma Universitária para nela garantir a incorporação da Educação do Campo.
19. Investir na formação e na profissionalização dos educadores/das educadoras e outros profissionais que atuam no campo, priorizando os que nele vivem e trabalham.
20. Criar, para os educadores e educadoras do Campo, Centros Regionais de Formação devidamente equipados.
21. Potencializar a Coordenadoria de Educação do Campo e o Grupo Permanente de Trabalho (GPT) de Educação do Campo do MEC, com participação dos Movimentos Sociais, para viabilizar a implementação das propostas de Educação do Campo em todos os níveis, levando em conta a plataforma aqui indicada.

### ***EDUCAÇÃO DO CAMPO: DIREITO NOSSO, DEVER DO ESTADO***

Assinam esta Declaração:

**CNBB - MST - UNICEF - UNESCO - UnB - CONTAG - UNEFAB - UNDIME – MPA -  
MAB – MMC – MDA/INCRA/PRONERA – MEC – FEAB – CNTE – SINASEFE – ANDES  
– Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados – Frente Parlamentar  
das CEFFA’S – SEAP/PR – MTE – MMA – MinC – AGB – CONSED – FETRAF – CPT –  
CIMI – MEB – PJR – Cáritas - CERIS - MOC – RESAB – SERTA – IRPAA – Caatinga –  
ARCAFAR SUL/NORTE**

## Anexo 3. Edital de precursor de cursos de Licenciatura em Educação do Campo



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
Secretaria de Educação Superior  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão  
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, anexo I 4º andar – sala 402 - 70047-900 – Brasília, Distrito Federal, Brasil  
Fone: (61) 2022-9014/9011 – Fax: (61) 2022-9009

**EDITAL DE SELEÇÃO Nº 02/2012- SESU/SETEC/SECADI/MEC DE 31 DE AGOSTO DE 2012.**

**SESU/SETEC/SECADI/MEC**

Chamada Pública para seleção de Instituições Federais de Educação Superior – IFES e de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET, para criação de cursos de Licenciatura em Educação do Campo, na modalidade presencial.

O Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Superior – SESU, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão - SECADI torna público e convoca as Instituições Federais de Ensino Superior e os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, a apresentarem Projetos Pedagógicos de cursos presenciais de Licenciatura em Educação do Campo do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo - PROCAMPO, em cumprimento à **Resolução CNE/CEB nº 1, de 3/4/2002, ao Decreto nº 7.352, de 04/11/2010 e em consonância com o Programa Nacional de Educação do Campo – PRONACAMPO.**

### **1- DOS OBJETIVOS**

1.1 - O Programa visa apoiar a implantação de 40 cursos regulares de Licenciaturas em Educação do Campo, que integrem ensino, pesquisa e extensão e promovam a valorização da educação do campo, com no mínimo 120 vagas para cursos novos e 60 vagas para ampliação de cursos existentes, na modalidade presencial **a serem ofertadas em três anos**. Os Projetos deverão contemplar alternativas de organização escolar e pedagógica, por área de conhecimento, contribuindo para a expansão da oferta da educação básica nas comunidades rurais e para a superação das desvantagens educacionais históricas sofridas pelas populações do campo, tendo como prioridade a garantia da formação inicial de professores em exercício nas escolas do campo que não possuem o Ensino Superior.

1.2 - O presente Edital visa estabelecer critérios e procedimentos para fomento de cursos regulares de Licenciatura em Educação do Campo, destinados à formação de professores para a docência nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio nas escolas localizadas em áreas rurais, mediante assistência financeira às Instituições Federais de Educação Superior – IFES.

### **2 - EIXOS TEMÁTICOS**

As propostas deverão atender no mínimo um dos seguintes eixos:

**Eixo 1. Implantação de cursos de Licenciatura no PROCAMPO – novos cursos**

Iniciativas institucionais que tem por objetivo a implantação de novos cursos de licenciatura específicos para a formação de professores para atuarem no segundo segmento do ensino fundamental e ensino médio nas escolas do campo. As propostas deverão ter como base a realidade social e cultural específica dos povos do campo e diagnóstico sobre o Ensino Fundamental e Ensino Médio das comunidades rurais a serem beneficiadas com os cursos. Serão apoiadas preferencialmente propostas de cursos elaboradas em parceria com as comunidades do campo a serem beneficiadas.

#### **Eixo 2. Abertura de novas turmas do PROCAMPO - cursos em andamento**

Iniciativas institucionais que tem por objetivo a abertura de novas turmas em cursos de licenciatura em educação do campo em andamento, para a formação de professores para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio das escolas do campo condicionado aos recursos orçamentários do ano.

### **3- DA PARTICIPAÇÃO**

3.1 - Estão habilitadas a apresentar projetos no âmbito deste Edital, as Instituições Federais de Ensino Superior- IFES.

3.2 - Cada IFES poderá concorrer com 01 (um) Projeto Político Pedagógico - PPP de Licenciatura em Educação do Campo, por campus, com no mínimo 120 vagas, para cursos novos e 60 vagas para ampliação de cursos existentes a serem ofertadas em três anos.

3.3 - Caberá à instituição elaborar o(s) Projeto(s) Pedagógico(s) e inscrevê-lo(s) para participar da seleção.

3.4 - Todos os Projetos Político Pedagógicos de cursos deverão cumprir os critérios estabelecidos pela SESU/ /SETEC/SECADI, conforme estabelecido no **Formulário de Apresentação de Projeto Político Pedagógico, anexo I**, bem como estar em consonância com o Programa PRONACAMPO e os marcos legais da Educação do Campo.

3.5 - Os projetos apresentados deverão:

- a) considerar a realidade social e cultural específica das populações a serem beneficiadas, devendo ser elaborados com a participação dos Comitês/Fóruns Estaduais de Educação do Campo, onde houver, e dos sistemas estaduais e municipais de ensino;
- b) prever os critérios e instrumentos para uma seleção específica a fim de contribuir para o atendimento da demanda por formação superior dos professores das escolas do campo, com prioridade, para aqueles em efetivo exercício nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio das redes de ensino;
- c) apresentar organização curricular por etapas equivalentes a semestres regulares cumpridas em Regime de Alternância entre Tempo-Escola e Tempo-Comunidade. Entende-se por Tempo-Escola os períodos intensivos de formação presencial no campus universitário e, por Tempo-Comunidade, os períodos intensivos de formação presencial nas comunidades camponesas, com a realização de práticas pedagógicas orientadas;
- d) apresentar diagnóstico da demanda no âmbito do ensino fundamental e do ensino médio nas comunidades a serem beneficiadas pelo projeto, bem como perfil e características sociais, culturais e econômicas de suas populações;
- e) apresentar currículo organizado de acordo com áreas de conhecimento previstas para a docência multidisciplinar – (i) Linguagens e Códigos; (ii) Ciências Humanas e Sociais; (iii) Ciências da Natureza, (iv) Matemática e (v) Ciências Agrárias. Recomenda-se, preferencialmente, que as habilitações oferecidas contemplem a área de Ciências da Natureza e Matemática, a fim de atender a demanda de docentes habilitados nesta área nas escolas rurais.
- f) indicar um coordenador vinculado à instituição executora com titulação de Doutor ou, excepcionalmente, Mestre, com currículo atualizado na plataforma Lattes (CNPq);

g) o coordenador deverá dispor de agenda para participar de reuniões técnicas (oficinas, seminários e outros eventos) convocadas pela SECADI. Essas reuniões deverão contar com a participação do coordenador do Projeto e outros membros acadêmicos vinculados aos Projetos.

#### **4 - DOS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS**

4.1 - A inscrição dos projetos será feita mediante:

4.1.1 - Preenchimento do Formulário de Apresentação de Projetos Pedagógicos de Curso das fichas de inscrição das Instituições, disponíveis no endereço: <http://www.mec.gov.br/secadi>, de acordo com o prazo estabelecido no item 11.

4.1.2 - Os documentos mencionados no item 4.1.1 deverão ser assinados pelo (a) Reitor (a).

4.1.3 - Os projetos político pedagógicos deverão contemplar os seguintes itens: apresentação, justificativa, objetivos, perfil desejado do formando, papel dos docentes, estratégias pedagógicas, currículo (objetivos do currículo, estrutura ou matriz curricular, etapas - identificação das etapas, objetivos das etapas, conteúdo programático, dividido em unidades e sub-unidades; bibliografia básica e complementar), avaliação e acompanhamento das etapas e cronograma de execução.

#### **5 - DA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DOS PROJETOS PEDAGÓGICOS-PPP's**

5.1 - Caberá a SESU, SETEC e à SECADI, por meio da Comissão de Avaliação Pedagógica, constituída por especialistas de educação do campo, a avaliação e a seleção dos projetos, que consistirá de:

5.1.2 - Análise preliminar dos PPP's: etapa necessária para verificar se houve o adequado preenchimento do formulário disponível no sítio eletrônico indicado e se as exigências mínimas estabelecidas no Edital foram cumpridas;

5.1.3 - Análise técnica dos PPP's, que consistirá na avaliação da:

5.1.3.1 - concepção teórica e metodológica:

- a) clareza no perfil do profissional a ser formado pela instituição;
- b) diagnóstico sobre a demanda quantitativa e qualitativa de formação dos professores do campo no contexto dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio no âmbito das comunidades a serem atendidas pelo projeto;
- c) impacto social/acadêmico do projeto no âmbito institucional (relevância do projeto em nível institucional);
- d) clareza dos objetivos propostos;
- e) coerência da justificativa/objetivos do projeto com os objetivos do PROCAMPO;
- f) articulação/envolvimento institucional dos sistemas estaduais e municipais de ensino com o projeto;
- g) articulação com um conjunto de movimentos sociais e sindicais do campo ou Comitês Estaduais de Educação do Campo;
- h) contribuição do projeto político pedagógico do curso para o desenvolvimento da educação básica no campo;
- i) formação alicerçada em saberes, teorias, metodologias, competências e práticas que integram e fundamentam os processos de ensinar e de aprender na área objeto da formação docente, tendo como referência a realidade sócio-cultural do campo;
- j) promoção de estratégias de formação para a docência multidisciplinar com organização curricular por áreas de conhecimento;
- k) realização de práticas pedagógicas orientadas em Regime de Alternância;
- l) vinculação do curso de formação com linhas de pesquisa e extensão;
- m) desenvolvimento de estágios curriculares em articulação com o sistema público de educação básica.

5.1.3.2 - Exequibilidade do PPP (orçamento, pessoal, cronograma e oferta de vagas - disposta no item 3).

## **6. IMPLEMENTAÇÃO, EXECUÇÃO , MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO**

6.1 - Na implantação, Execução e Avaliação do Projeto considerar-se-á:

6.1.1 - Previsão de práticas pedagógicas e atividades de extensão (participação em seminários, atividades em comunidades, etc) e pesquisa (projetos de iniciação científica e monitoria) para todas as etapas de tempo escola e tempo-comunidade;

6.1.2 - Processos de avaliação acadêmica e pedagógica no tempo comunidade;

6.1.3 - Relatórios de acompanhamento de execução técnica e financeira.

6.1.4 - Monitoramento dos PPP's dar-se-á por intermédio de técnicos e Coordenadores da SESU, SETEC e SECADI.

## **7 - DO RESULTADO PROVISÓRIO**

7.1 - A classificação provisória será apresentada por ordem decrescente dos pontos obtidos, respeitado o limite dos recursos orçamentários disponíveis.

7.2 - O julgamento e a classificação provisória dos Projetos Pedagógicos são atos exclusivos da Comissão de Avaliação Pedagógica que, em consequência, reserva-se o direito de desclassificar os PPP's em desacordo com este Edital ou ainda, que se revelarem manifestamente inexecutáveis.

7.3 - Durante o processo de análise, a Comissão de Avaliação Pedagógica poderá recomendar adequações no orçamento e nos cronogramas propostos.

7.4 - Em caso de empate na pontuação provisória, será considerada a maior pontuação obtida nos seguintes quesitos, obedecida a ordem de prioridade estabelecida:

7.4.1 - PPP's em consonância com o PRONACAMPO;

7.4.2 - Inexistência de oferta de curso de Licenciatura em Educação do Campo nas IFES ;

7.4.3 - Oferta de formação em regiões metropolitanas e no interior da Unidade Federada.

7.5 - Concluído o julgamento dos PPP's, a Comissão de Avaliação Pedagógica elaborará relatório que será submetido ao conhecimento das Secretarias de Educação Superior, de Educação Profissional e Tecnológica e de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão que o encaminhará para divulgação.

7.6 - A classificação no resultado provisório não significa aprovação. Somente será considerado habilitado o Projeto Pedagógico classificado após a divulgação do resultado final.

## **8 - DA INTERPOSIÇÃO DE RECURSOS**

8.1 - Admitir-se-á recurso contra o resultado provisório, que deverá ser assinado pelo reitor.

8.2 - O recurso após assinado deverá ser scaneado - em formato PDF - e anexado à mensagem eletrônica.

8.3 - O recurso deverá ser remetido para o endereço eletrônico [coordenacaoeducampo@mec.gov.br](mailto:coordenacaoeducampo@mec.gov.br) com o seguinte título para o campo assunto: RECURSO CONTRA O RESULTADO PROVISÓRIO DO EDITAL N° 02/2012.

8.4 - Os recursos devem ser enviados até às 23 horas e 59 minutos, horário de Brasília, da data limite da interposição de recursos (item 11).

8.5 - Serão desconsiderados os recursos remetidos por meio de fax, por meio de correio, que não estejam devidamente assinados pelo reitor ou que não esteja em formato PDF.

8.6 - A decisão dos recursos será dada a conhecer, coletivamente, por meio de divulgação de relação nominal das Instituições Federais de Ensino Superior selecionadas a ser publicada no site do Ministério da Educação (<http://portal.mec.gov.br>).

8.7 - O MEC não se responsabiliza por recursos não recebidos em decorrência de eventuais problemas técnicos e congestionamento nas linhas de comunicação nem por documentos corrompidos.

8.8 - Durante o processo de análise dos recursos, a Comissão de Avaliação Pedagógica poderá recomendar adequações no orçamento e nos cronogramas propostos.

8.9 - Não haverá reapreciação de recursos.

## **9 - DO RESULTADO FINAL**

9.1 - A classificação final dar-se-á por ordem decrescente dos pontos obtidos, respeitado o limite dos recursos orçamentários disponíveis.

9.2 - O julgamento e a classificação final dos Projetos Político Pedagógicos são atos exclusivos da Comissão de Avaliação Pedagógica que, em consequência, reserva-se o direito de desclassificar os PPP's em desacordo com este Edital ou ainda, que se revelarem manifestamente inexequíveis.

9.3 - Em caso de empate na pontuação final, será considerada a maior pontuação obtida nos seguintes quesitos, obedecida a ordem de prioridade estabelecida:

9.3.1 - Oferta de cursos em regiões desprovidas de formação nessa área;

9.4 - Concluído o julgamento dos PPP's, a Comissão de Avaliação Pedagógica elaborará relatório que será submetido ao conhecimento das Secretarias de Educação Superior, de Educação Profissional e Tecnológica e de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão que o encaminhará para divulgação;

9.5 - Após a divulgação do resultado final, havendo desistência por parte da proponente, esta deverá comunicar oficialmente ao MEC que convocará a próxima instituição, respeitada a ordem de classificação, de acordo com o prazo estabelecido no item 11.

## **10 - DOS PPP'S SELECIONADOS**

10.1 - Cada IFES que tiver um PPP selecionado terá autorização para contratar:

10.1.1 - Até 15 professores para cada curso de Licenciatura em Educação do Campo;

10.1.2 - Para as Universidades que já ofertam curso de Licenciatura em Educação do Campo poderá ampliar o número de professores até 15, mediante oferta dobrada de vagas;

10.1.3 - Até 3 técnicos-administrativos para cada curso de Licenciatura em Educação do Campo, no âmbito das Universidades;

10.2 - Cada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia poderá ter autorização para contratar novos docentes, condicionada à avaliação da SETEC e ao cumprimento do Termo de Acordo de Metas Institucionais;

10.3 - Cada IFES que tiver um PPP selecionado receberá, como incentivo, em uma única parcela, no ano de implantação, recursos de:

10.3.1 - Custeio, na ordem de R\$ 4.000,00 por estudante;

**11 – CRONOGRAMA**

<b>Eventos</b>	<b>Prazos</b>
Período de Apresentação dos Projetos Políticos Pedagógicos	De 10/09/2012 a 05/11/2012
Avaliação técnica dos PPP's	De 08/11/2012 a 16/11/2012
Avaliação pedagógica	De 21/11/2012 a 23/11/2012
<b>Adequação dos PPP's</b>	<b>De 26/11/2012 a 29/11/2012</b>
Publicação do Resultado Provisório - divulgação no site ( <a href="http://portal.mec.gov.br/secadi">http://portal.mec.gov.br/secadi</a> ).	Até 03/12/2012
Interposição de Recursos contra o Resultado Provisório	De 04/12/2012 a 05/12/2012
Análise dos Recursos interpostos - divulgação no site ( <a href="http://portal.mec.gov.br/secadi">http://portal.mec.gov.br/secadi</a> ).	De 06/12/2012 a 07/12/2012
Publicação do Resultado Final - DOU	Até 10/12/2012
Desistência por parte da proponente	De 11 /12/2012 a 13/12/2012

**12 - DA CONTRATAÇÃO DE PROFESSORES E TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS**

12.1 – O MEC disponibilizará vagas para contratação de professores e técnicos administrativos, considerando as ofertas de vagas nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, em três anos.

**13 - DISPOSIÇÕES FINAIS:**

13.1 - Os PPP's submetidos estão sujeitos à aceitação total e incondicional das normas e instruções constantes neste Edital.

13.2 - Informações complementares poderão ser obtidas por meio do endereço:  
[coordenacaoeducampo@mec.gov.br](mailto:coordenacaoeducampo@mec.gov.br)

AMARO HENRIQUE PESSOA LINS  
Secretário de Educação Superior

CLAUDIA PEREIRA DUTRA  
Secretária de Educação Continuada, Alfabetização,  
Diversidade e Inclusão

MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA  
Secretário de Educação Profissional e Tecnológica

ANEXO I – FORMULÁRIO DE APRESENTAÇÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO

OBSERVAÇÕES:

As caixas de texto servem apenas como referência

<b>PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO</b>	<b>Inserir Logo da IES</b>
--	--------------------------------

1. DADOS CADASTRAIS DO PROPONENTE

1.1 Órgão/Entidade Proponente Nome da Instituição			1.2 CNPJ		
1.3 Endereço					
1.4 Cidade		1.5 UF	1.6 CEP		1.7 Esfera Administrativa Reitoria
1.8 DDD	1.9 Fone		1.10 Fax		1.11 E-mail reitor@universidade.br
1.12 Conta Corrente Conta única da união		1.13 Banco		1.14 Agência	
1.16 Nome do Responsável Reitor				1.15 Praça de Pagamento	
1.18 Nº RG/Orgão Expedidor			1.19 Cargo Professor		1.20 Função Reitor
1.21 Matrícula					1.17 CPF
1.22 Endereço Residencial					1.23 CEP

2. ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO (PROJETO DO CURSO)

<b>Título do Projeto Político Pedagógico</b>
<b>Apresentação:</b> Introdução para situar o leitor  (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Caracterização atual da Instituição:</b> Perfil geral da instituição incluindo pós-graduação (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Justificativa e Marco conceitual, metodológico e legal:</b> Embasamentos teóricos que

<p>subsidiaram a escrita do projeto. É a parte principal do projeto onde se define a “filosofia” do curso embasada na Política Nacional de Educação da Educação do Campo na perspectiva da Educação Inclusiva e marcos legais que se pretende implementar.</p> <p>(texto com até cinco mil caracteres)</p>
<p><b>Objetivos do curso:</b> O que o curso pretende atingir, incluindo a descrição dos objetivos específicos que o caracteriza.</p> <p>(texto com até cinco mil caracteres)</p>
<p><b>Diagnóstico da situação atual da formação de profissionais para a docência para os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio:</b> Descrição da demanda do sistema público da Educação Básica.</p> <p>(texto com até cinco mil caracteres)</p>
<p><b>Perfil do profissional:</b> Descrição do perfil do egresso: clareza no perfil do profissional a ser formado pela instituição.</p>
<p><b>Papel do docente e estratégias pedagógicas</b></p>
<p><b>Área de atuação profissional</b></p>
<p><b>Caracterização do curso:</b> Descrição do curso. Quantidade de vagas, turno, modalidade, carga horária, créditos, etc.</p>
<p><b>Matriz Curricular:</b> Detalhamento da caracterização do curso no que concerne às disciplinas e ementas. É mandatório nesta fase fazer-se um diagrama do encadeamento das disciplinas.</p>
<p><b>Infraestrutura do curso:</b> Descrição da quantidade de pessoal (docente e técnico administrativo, considerando a organização curricular por área do conhecimento) necessária para atender o projeto do curso. Descrição dos laboratórios e espaços físicos necessários para atender o projeto.</p>
<p><b>Metas a serem alcançadas ao longo de quatro anos de implementação do curso:</b></p> <p>(texto com até cinco mil caracteres)</p>

<b>Estratégias para alcançar a meta:</b> (texto com até dez mil caracteres)
<b>Desenvolvimento de metodologias com base no uso pedagógico de recursos de tecnologia de comunicação e informação:</b>
<b>Vinculação do curso de formação com linhas de pesquisa e extensão:</b>
<b>Oferta de formação nas regiões metropolitanas e no interior da Unidade Federada:</b>
<b>Desenvolvimento de estágios curriculares em articulação com o sistema público de educação básica:</b>
<b>Avaliação do curso:</b> Descrição do processo de avaliação dos discentes. Geralmente a avaliação é estabelecida pelos Conselhos de Ensino Pesquisa e Extensão de maneira a uniformizar a avaliação entre os demais cursos da instituição. Não confundir com o item da avaliação do MEC nos casos do reconhecimento ou autorização de curso.

#### Compromisso Social do Curso

### 3. Políticas de acesso

<b>CrITÉRIOS de seleção</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>CrITÉRIOS de prioridade</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Metas a serem alcançadas com cronograma de execução</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Estratégias para alcançar a meta</b> (texto com até dez mil caracteres)
<b>Étapas</b> (texto com até cinco mil caracteres)

### 4. Políticas de extensão universitária

<b>Diagnóstico da situação atual</b>
--------------------------------------

(texto com até cinco mil caracteres)
<b>Metas a serem alcançadas com cronograma de execução</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Estratégias para alcançar a meta</b> (texto com até dez mil caracteres)
<b>Etapas</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Indicadores</b> (texto com até cinco mil caracteres)

### 5. Políticas de Educação do Campo

<b>Diagnóstico da situação atual</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Metas a serem alcançadas com cronograma de execução</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Estratégias para alcançar a meta</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Etapas</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Indicadores</b> (texto com até cinco mil caracteres)

Atualização de metodologias (e tecnologias) de ensino-aprendizagem

### 6. Ensino-aprendizagem

<b>Diagnóstico da situação atual</b> (texto com até cinco mil caracteres)
<b>Metas a serem alcançadas com cronograma de execução</b> (texto com até cinco mil caracteres)

<p><b>Estratégias para alcançar a meta</b> (texto com até cinco mil caracteres)</p>
<p><b>Uso de tecnologias de comunicação e informação</b></p>
<p><b>Etapas</b> (texto com até cinco mil caracteres)</p>
<p><b>Indicadores</b> (texto com até cinco mil caracteres)</p>
<p><b>Prever programas de formação pedagógica para implementação do novo modelo de ensino-aprendizagem (se for o caso)</b> (texto com até cinco mil caracteres)</p>

### Implementação

#### 7. Plano geral de implementação do curso

<p><b>Implementação do Projeto</b> (texto com até cinco mil caracteres)</p>
---

#### CRONOGRAMA DE IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO

##### 7.1. EXECUÇÃO

- Cronograma do processo de institucionalização do curso;
- período de aprovação pelo Conselho;
- inserção do curso no processo seletivo da universidade;
- processo seletivo de professores e técnicos administrativos;
- início da 1ª turma.

#### 8. Referência Bibliográfica